FUNDADOR — IOAQUIM MANSO

SÁBADO, 9 DE SETEMBRO DE 1961

ANO 41.º — NÚMERO 13 916

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Dior lança a moda para o próximo Inverno. Da sua colecção faz parte este conjunto de saia e casaco, que além de elegante, é extremamente prático

João Goulart investido na Presidência do Brasil

depois de Tancredo Neves obter a confiança do Congresso

BRASILIA, 9. — Depois do Congresso ter votado a confiança no Governo de Tancredo Neves, o presidente do Brasil, João Goulard, recebeu a investidura do Parlamento Brasileiro, numa breve cerimónia que se efectuou na sala de sessões do Congresso.

O novo chefe de Estado dirigiu-se ás Camaras, em companhia do presidente do Conselho, e de todos os membros do gabinete. Depois da declaração solene de investidura, pronunciada por Moura de Andrade, presidente do Senado, teve lugar a cerimónia da assinatura da acta da investidura, e, depois, Goulart leu o decreto que prumúlgara para a nomeação dos membros do Governo. Os novos ministros desfilaram, em seguida, na tribuna, sob os aplausos dos parlamentares.

A transmissão da faixa presidencial, ultima fase da ascensão do novo presidente á magistratura suprema, realiza-se, hoje, no Palácio do Planalto. — (F. P.).

RESCALDO DA CRISE

BRASILIA, 9. — Após quinze dias de uma crise que quase degenerou em guerra civil, o Brasil regressa oficialmente á legalidade. Tem agora, não só um presidente da Republica Constitucional, como, ainda, pela primeira vez, um presidente do Conselho. O imenso e trágico vazio deixado pela partida de Quadros não parece, no entanto, ocupado, porque nem Goulart nem o seu primeiro-ministro podem ser, na opinião geral, qualificados como «leaders» nacionais. (Tancredo Neves, candidato ás funções de governador do Estado de Minas Gerais, em Outubro passado, fora severamente batido pelo seu rival janista, Magalhães Pinto).

Se bem que ainda seja cedo para fazer um balanço dos dias que acabam de ser vividos, pode dizer-se que quem saiu vencedor foi o Congresso. Quaisquer que sejam as reservas que alguns fazem acerca da anterior acção legislativa do Parlamento, todos admitem que os deputados e os senadores souberam afirmar com coragem a primazia do poder civil.

Recusando-se a pronunciar a demissão de Goulart, que lhe pediam os ministros militares, influiram, sem duvida, no desenrolar dos acontecimentos. Por seu lado, o Exército, ou, pelo menos, os seus chefes, marcou um ponto, obtendo a instituição do regime parlamentar. Nada garante, no entanto, que não se trate de uma vitória definitiva. Além disso, dada a posição pessoal de Tancredo Neves, que, embora pertença ao Partido Social-Democrata, está muito próximo do Partido Trabalhista, não é nada provável que o novo presidente do Conselho possa, ou queira, «neutralizar» João Goulart.

Este meio-êxito político não compensa a derrota psicológica que sofreram o marechal Denys e os seus colegas, quando as tropas estacionadas em Rio Grande do Sul, ou seja aproximadamente metade dos efectivos do Exército, se juntaram com os chefes ao campo da legalidade. Estes factos de «indisciplina» não se limitaram, de resto, ao Sul. Ontem, três sargentos do Exército do Ar, deram uma espécie de conferência de Imprensa, num salão do Senado Federal, para explicar que alguns sargentos tinham decidido re-

(Continua na ultima página)

No discurso que proferiu ao tomar o compromisso de honra como presidente da Republica, Goulart disse que a sua investidura consagra o respeito e acatamento á ordem constitucional, embora sob a égide de um novo sistema.

A União Indiana aproveita-se da O. N. U. para atacar Portugal

NOVA DELHI, 9. — Comentando a carta do delegado de Portugal na O N U. ao presidente do Conselho de Segurança, acerca da situação na India Portuguesa, o informador oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros da União Indiana fez a seguinte declaração:

«E' desonesto que Portugal declare que os seus territórios coloniais na India estão abertos á investigação de visitantes, para verem por si próprios que ali não há repressão, quando Portugal durante meses negou acesso a Angola á subcomissão nomeada pela O. N. U. para averiguar qual a situação naquele território, e tem constantemente ignorado as resoluções da Assembleia Geral que convidam aquele país a prestar informações a respeito dos territórios não autonomos sob o seu domínio.

E' futil que Portugal negue a existência de severa repressão e completa denegação das liberdades nas suas colónias. O povo de Goa, Damão e Dio há muito que luta contra a dominação portuguesa. Não vem longe a hora em que alcançará a sua libertação. O Mundo está ao corrente das atrocidades cometidas por Portugal em Angola.

(Continua na 14.ª página)

★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine

Diario de Lisbôa de hoje é de 32 páginas e inclui Magazine e Juvenil

Visado pela Comissão de Censura

Nota do dia

RENÚNCIA

Jânio Quadros passa hoje, ao fim da tarde, por Lisboa, a caminho de Roterdão, Antuérpia e Londres — não se sabe ao certo que destino leva. Demorar-se-á apenas algumas horas entre nós. A expressão arrisca-se a ser imprópria, porque o ex-presidente do Brasil, segundo supomos, não tem o menor desejo de estar entre nós, não tem o menor desejo de estar entre pessoas qeu o importunem, que lhe recordem os acontecimentos dolorosos de que foi protagonista, que lhe façam perguntas indiscretas e a que ele não deseja, de modo nenhum, responder. Há oito meses apenas passou por Lisboa com os olhos iluminados de esperança e o coração povoado de ilusões. A política, porém, tem surpresas desconcertantes e serve-se da perfídia como arma para atingir os fins que não pode confessar. Jânio declarou na carta de renúncia: «Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a cobardia, que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou de indivíduos, inclusive do exterior». Triste e desiludido, porventura doente, aquele que esta tarde passa por Lisboa não será, por certo, o mesmo homem despreocupado e jovial, que acolheu os repórteres despretensiosamente e se deixou fotografar com eles nos bancos da Avenida e no perímetro florido da Praça da Alegria. Seja como for, os jornalistas portugueses têm o direito de lhe recordar que está em dívida para com eles — em dívida de uma conferência de Imprensa que lhes prometeu, com dia e hora marcados, e não chegou a efectuar-se. Na altura em que os jornalistas entravam por uma porta, Jânio, que sempre teve um certo facataz pelos lances teatrais, saía pela outra. Infelizmente, não foi a porta que lhe abriu o caminho fácil e triunfal do Poder, mas antes o atalho sinuoso e melancólico que o levou ao impasse da renúncia. Ao despedir-se do seu país, Jânio prometeu voltar. Fazemos votos por que o regresso se faça numa atmosfera mais desanuviada e menos tensa do que aquela em que se efectuou a partida.

Após ter sido indicado pelo seu partido para a Presidência do Conselho, Tancredo Neves recebe os cumprimentos simultaneos do Almirante Peixoto (que o abraça) e do deputado Martins Rodrigues (que lhe dá um aperto de mão)

MALOGROU-SE UM ATENTADO CONTRA DE GAULLE

(Ler notícia na última página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

SOLIDARIEDADE RECÍPROCA

Nas palavras que dirigiu á Imprensa, no momento da sua chegada ao Aeroporto, ontem á tarde, o dr. Franco Nogueira salientou que as informações por ele prestadas na sessão de trabalho do Conselho do Tratado do Atlantico Norte terão decerto contribuido para a formação de um «juizo mais exacto e realista sobre situações que nem sempre têm sido entendidas como é necessário que o sejam». Acentuou também, sobre essa sua missão de esclarecimento, a utilidade de expor ao Conselho do Atlantico «certo numero de problemas que, nem por nos tocarem mais especial e directamente, deixam de oferecer importancia e interesse suficientemente genéricos e amplos para que deles informemos os nossos aliados, na base de uma solidariedade recíproca que tem de constituir o fundamento da acção e do funcionamento do Pacto».

● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

OPERÁRIOS SEM TRABALHO

As chamas irromperam subitamente. Um atrito que houvesse inflamado o cotão dos algodões? Talvez. Mas é difícil afirmá-lo. O certo é que o fogo destruiu parte do edifício da fábrica de algodões de São Domingos de Benfica e bem assim a maquinaria e grande quantidade de matérias-primas. Consequência trágica do sinistro: 250 operários de ambos os sexos vão ficar sem trabalho, enquanto não for reconstruída a parte da fábrica destruída pelo incêndio.

● ● ● ● ●

DO VINHO À BALA...

As tabernas são, de facto, alfobres de discussões e até de crimes, como este que se deu numa tasca de Caria, onde o cantoneiro da Junta Autónoma de Estradas Manuel Penedo, após desagradável troca de palavras, porventura exacerbadas pelos vapores do alcool, feriu, com um tiro de caçadeira, o cigano Américo Correia.

NO PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu, ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. ministro da Marinha e drs. Rafael Duque e José Maria Pereira de Castro Ferreira e a direcção da Associação dos Escuteiros e dos Escutas de Portugal.

● ● ● ● ●

CARROS EM PERIGO

Os veículos parados na estrada, especialmente, de noite, originam inumeros e lamentáveis desastres. Tal foi a causa do que teve ontem por cenário a estrada de Lisboa a Queluz. A camioneta avariara-se e o automóvel ligeiro que foi contra ela arrastou-a cerca de vinte metros, indo chocar ainda com outro carro. Dois ocupantes do primeiro automóvel — o empregado bancário sr. Fernando Ferreira Rocha e sua esposa, D. Maria Fernanda Rocha — ficaram feridos.

NO FUNDO DO POÇO

Dezasseis anos. Um ponto. De interrogação. No fundo de um poço terminou a vida desta jovem. Nascera e vivera em Vale de Água, freguesia de Santo André da Tojeira. Chamava-se Alice (Alice Marques Lourenço). De um dia para o outro deixou de sorrir, de respirar, de olhar para o sol, que é ainda um bem comum...

● ● ● ● ●

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministro le Estado dr. Correia de Oliveira; dr. Santos Junior, ministro do Interior; e prof. dr. Adriano Moreira, ministro do Ultramar.

Vida social

WALTHER HEINRICH

O sr. Walther Heinrich, que durante alguns anos exerceu as funções de primeiro-secretário da Embaixada da Alemanha em Lisboa, ocupando-se especialmente dos assuntos económicos, vai deixar o nosso País, por ter sido colocado em Ankara. Tendo granjeado muitas amizades entre nós, quer no exercício das suas funções oficiais, quer na sua vida privada, em que teve sempre como simpática cooperadora a esposa, a saída do sr. Walther Heinrich surpreendeu todas as pessoas das suas relações, para se despedir das quais ofereceu um «cocktail». Foi uma festa de excelente ambiente, e que serviu ao sr. Walther Heinrich para avaliar mais uma vez quanto era estimado em Portugal, onde fica agora substituido pelo sr. Joachim Kampmann, também muito ligado á nossa terra, que conhece bem, e onde constituiu família.

TEODORO DOS SANTOS

Partiu para Espanha, a fim de assistir ao II Festival Hispano-Português da Canção do Douro, a convite da respectiva Comissão Organizadora, o sr. Teodoro dos Santos, administrador-delegado da Estoril-Sol.

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFÉ UNIDOS.

A CIDADE

Espectáculo na Estufa Fria

Realiza-se no próximo dia 12, ás 21 e 45, na Estufa Fria, promovido pela Camara Municipal de Lisboa, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian e a Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, um espectáculo pelo «Groupe de Thêatre Antique de la Sorbonne», no qual será apresentado «Les choéphores» e «Le procés d'Oreste».

Os bilhetes são distribuídos nos Paços do Concelho e na Fundação Gulbenkian a partir de hoje.

Pelos hospitais

COLHIDO POR UMA MOTORIZADA — O 1.º tenente da Armada Gabriel Julio Gonçalves, de 66 anos de idade, residente na Rua da Barroca, 127, 2.º, foi colhido por uma motorizada próximo da sua residência. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internado com ferimentos na cabeça.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um lenço de mão, um saco, uma chave de fendas, uma bolsa, uma touca de borracha, uma carteira, dois porta-moedas, um bilhete de identidade, uma cédula pessoal, um par de sapatos, um livro, uma agenda, dois pares de óculos, um boneco, uma chave para veículo automóvel, um tampão para roda de automóvel, diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas.

DESAPARECEU DE CASA DA MÃE

Desapareceu, de casa de sua mãe, no dia 28 do mês passado, a menor Ana Cruz Conceição, de 15 anos, moradora na Rua Luz Soriano 75-1.º.

Vestia saia branca com quadrados encarnados e blusa castanha. Quem souber do seu paradeiro deve comunicá-lo, por favor, para a morada acima.

Para os nossos pobres

De um anónimo, recebemos trezentos escudos para os nossos pobres, em nome dos quais agradecemos.

Mixordeiros e oportunistas
a contas com a Justiça

Com o mais elementar desprezo pela saude e pela vida do seu semelhante mixordeiros e oportunistas continuam a exercer perniciosa actividade. Os Serviços de Fiscalização da I. G. A. não têm mãos a medir para a imprescindível repressão dos criminosos. Em consequência, foram processados:

O industrial de padaria Alberto Alves Gonçalves Rolo, de Vila de Punhe (Viana do Castelo), que foi de passeio a Vigo e ali arrematou um lote de lavagantes, lagostas, santolas e caranguejos, com o peso total de 57,5 quilos, por 1220 pesetas (591$70). Parte do marisco deteriorou-se. A despeito disso, procurou transaccioná-lo em Valença, Vila Praia de Ancora e em Viana do Castelo, sendo detido nesta cidade. O tribunal vai julgar o seu crime.

Por outro lado, no lugar de Silveiro (Agueda), o comerciante de carnes Artur Dias dos Santos comprou a Salvador da Silva Figueiredo, de Recardães, um suíno que morrera por doença. Desmanchou-o e vendeu a carne ao publico, em mercados e feiras. Foram ambos processados.

Tem-se verificado que muitos comerciantes continuam a não ter o bacalhau devidamente exposto á venda. Foram instruídos, por esse motivo, 14 processos, em Trás-os-Montes e Beira-Alta, e na mata da Costa da Caparica (área de campismo).

O delicioso paladar de Planta completa o prazer deste momento!

O prazer destas boas horas de saudável exercício físico, a alegria do movimento intenso que tranquiliza o espírito e abre o apetite, pedem uma satisfação de paladar a que só a frescura e pureza de Planta sabem corresponder. Saborosas fatias de pão bem torradas com uma gostosa e rica camada de Planta! Saboreie deliciadamente o paladar fresco, gostoso e delicado de Planta. É um prazer que vai com a alegria luminosa do sol e a frescura da água salgada. Planta é tão pura e fresca! Tão saborosa e delicada!

Planta a gordura das pessoas de bom gosto

61 PL 17 — FIMA - FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. BACAVÉM

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO TERRAÇO DAS ESTRELAS

O ADMIRÁVEL CONJUNTO VOCAL

LOS MACHUCAMBOS

O MÁGICO «REI DO BLUFF»

TONNY VAN DOMMELEN

SAUDADE DOS SANTOS

Expressão viva e castiça do fado

AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00 (Maiores 17 anos)

ESCOLA DA RESTAURAÇÃO

(EXTERNATO MASCULINO)

Estão abertas as inscrições para o ensino primário e admissão aos liceus

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Avenida Almirante Reis, 106, r/c., esq. — Telefone 51454 — LISBOA

Cantinflas em Lisboa para participar em espectáculos de beneficência

Dentro do aeroporto, fora do aeroporto, a multidão engrossava. Jamais na Portela de Sacavem aparecera aquela fauna que a polícia continha a distancia, composta de ardinas, engraxadores, gandaios, encardidos, petizes de cigarro na boca, adolescentes com pretensões a transviados. Estes seriam os que mais davam nas vistas, pela novidade, mas havia ali gente de todos os meios, desde a fina flor do cinema e das finanças ás pequenas «Brigittes» oxigenadas, de penteados complexos e altivos e formas arrojadamente expressivas. Chegava a Lisboa, dentro de minutos, no avião a jacto da «Guest Mexicana» o multimilionário Mário Moreno, que para o povo é apenas o «Cantinflas», o cómico vagabundo escoucinhado pela vida, lírico, truculento, ridículo — considerado por Charles Chaplin como o mais expressivo e comovedor dos artistas que o fazem rir.

No átrio do aeroporto, acotovelavam-se os fãs do «astro» mexicano. A varanda do primeiro piso abarrotava de gente nova, e um enorme sussuro de espectativa reboava pelas salas. A pista enchia-se pouco a pouco. Nela foram aparecendo o embaixador do México, sr. D. Leonardo Reinoso, o dr. Martinho Nobre de Melo, director do nosso prezado colega «Diário Popular» e o jornalista Mário Rosa, que organizou, com o apoio daquele periódico, a vinda do «astro» azteca a Lisboa, onde Cantinflas toma parte, amanhã, numa corrida de touros, depois num espectáculo de variedades á noite no Casino Estoril, revertendo essas suas duas actuações a favor do Banco de Olhos.

Estava também presente o sr. Garcia Lurdes, director da revista mexicana «Auge».

Chegou depois — e foi o primeiro momento de emoção entre os espectadores (e especialmente entre as espectadóras) — o toureiro Manuel dos Santos. Pouco depois, fazia irrupção na pista, vinda não se sabe de onde, uma figura característica, o «Cantinflas da Avenida», um ardina de nome Carlos Alberto Paiva Luís, servente de pedreiro e vendedor de jornais nas horas vagas, que, vestido com a clássica comisola branca da vedeta, esbarrigado, um lenço vermelho ao pescoço, a barba crescida e mal semeada, as

Ao chegar ao aeroporto da Portela, Cantinflas ergue o braço saudando os admiradores que o aguardavam

franjas para a testa; principiou a cabriolar, patinando, trocando as pernas, imitando em todos os pormenores o príncipe dos cómicos.

E afinal, quando, numa atmosfera de aguardo já tensa, sob o sol escaldante e após a descida de malas, dos oficiais da tripulação e de muitos passageiros aflitos com tamanha recepção, Mário Moreno surgiu enfim, no alto da escada encostada ao aparelho, o seu aspecto sóbrio, sereno, contrastava bem chocantemente com a exuberancia do seu sósia.

Apenas cinco ou seis pelos do bigode ralo ele conserva da imagem caricatural a que a tela nos habituou. De resto, é um homem calmo e elegante, de gestos ponderados e olhar inteligente. Já um pouco grisalho, mas de expressão jovem, vestia um «pollo» azul escuro sob o fato cinzento de corte americano. Tirou os óculos escuros, e, assim que pôs pé em terra abraçou o embaixador do seu país, que lhe saiu ao encontro, após o que estreitou nos seus braços o nosso camarada de Imprensa Mário Rosa, o capitão Caragarza, da Guest Aerovias e o espada Manuel dos Santos.

Fora do «écran», Mário Moreno, certamente cansado da frenética actividade que a sua criação o obriga a despender, é um homem de tónus baixo. Ouviram-se gritos: «Cantinflas! Cantinflas! Mário!» Ele murmurava: «Encantado, que pueblo! que tierra maravillosa!».

Os seus muitos admiradores viram-no, por várias vezes, erguer os braços, correspondendo ás aclamações, mas sempre num tom comedido, ainda que caloroso. Tal não significa, evidentemente, que Cantinflas não apareça agora, no palco e no «ruedo», com o seu máximo fogo e inexcedível fantasia.

Mário Moreno, sempre vitoriado em delírio pela assistência, assinando autógrafos, sorrindo a uns, abraçando outros, que quebravam todas as barreiras e resistências, subiu por fim para o automóvel do embaixador do México, que o conduziu ao Hotel Ritz.

O «UIGE» partiu para Angola

O «Uige», que chegou a Lisboa, precedente de Leixões, com 90 passageiros, saiu ás 16 horas para Angola com escala em Las Palmas. Leva a lotação completa, parte da qual é constituída por um contingente militar.

Amanhã o «Alfredo da Silva», parte de Alcantara com 180 passageiros.

Extinto o fogo em Praia de Ancora voltou a manifestar-se em povoações vizinhas

PRAIA DE ANCORA, 9. — (Pelo telefone). — O fogo que se manifestou nos montados da vila da Praia de Ancora, lançou o pânico nas populações das redondezas, e está práticamente extinto, limitando-se agora os bombeiros aos trabalhos de rescaldo.

Esta manhã, porém, a vila da Praia de Ancora encontrava-se ainda envolta em densas nuvens de fumo, que se foram dissipando ao forte vento que soprava de Noroeste.

Contudo, o fogo reacendeu-se no limite da Vila Praia de Âncora com a freguesia de Moledo do Minho, já na outra falda da serra, em direcção aos serviços florestais da serra de Arga. As chamas ameaçam os campos e as eiras, assim como a freguesia de Bem.

O trabalho dos bombeiros tem sido estenuante, pois há duas noites têm combatido o fogo ainda que os seus esforços nem sempre sejam coroados de êxito, em consequência dos focos de incêndio surgirem em locais diferentes.

Os Bombeiros Voluntários de Vila da Praia de Ancora e Viana do Castelo, devido ao natural esgotamento, recolheram aos seus quartéis, estando presentemente os trabalhos da extinção de vários focos confiados aos bombeiros de Caminha e Moledo do Minho.

EM 3 LINHAS

Foi publicada a tabela do preço do arroz em casca e descascado para a campanha de 1961-1962.

///

Uma portaria fixa a lotação para o comando da Defesa Marítima da província da Guiné.

///

Foi reforçado o orçamento de Angola com 400 contos para deslocação de pessoal.

///

O orçamento da província de Timor foi reforçado com 700 contos, na rubrica tabela de despesas ordinárias.

VIDA ARTÍSTICA

A II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian

O prazo para a recepção dos trabalhos dos concorrentes á II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, estabelecido pelo regulamento de 1 a 30 de Setembro, foi alterado. Assim, o período a respeitar para aquele efeito decorrerá entre 15 do corrente e 10 de Outubro próximo, período durante o qual as obras dos concorrentes deverão ser entregues no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, á Junqueira, onde a Fundação Calouste Gulbenkian organizou o necessário serviço de secretaria.

Por sua vez, o prazo para a entrega dos projectos de cartazes anunciadores desta exposição terminará, como desde sempre se tem referido, no próximo dia 30 do corrente. Esclarece-se que estes projectos deverão ser entregues no Serviço de Belas-Artes, na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, no Parque de Santa Gertrudes, em Palhavã.

ESTÁ IDENTIFICADO o homem encontrado morto no Cais do Beato

Está identificado aquele homem cujo corpo foi encontrado ontem no Cais do Beato e cujo cadáver se encontra no Instituto de Medicina Legal.

O corpo está em adiantado estado de decomposição.

Trata-se do sr. José Santos Casimiro, de 58 anos, corticeiro, morador na Rua Leonilde, 8, a Braço de Prata.

Tágide

APRESENTA

Em sensacional estreia

O grande fantasista francês

LOUIS MASSIS

Neste mesmo sensacional programa a grande vedeta francesa

ANNY RAUJA

acompanhada ao piano pelo famoso compositor

GABY WAGHENEIM

e ainda

PHILIPE FORAIN

e

FERNANDA PACHECO

NA TÁGIDE EM ESTREIA

O conjunto italiano de

LINO 44

M/ 17 anos

Palm Beach

RETUMBANTE VITÓRIA DA CITROËN

MARATONA DA ESTRADA

LIÈGE—SÓFIA—LIÈGE

A MAIS DURA PROVA AUTOMOBILÍSTICA DE TODOS OS TEMPOS

85 CARROS À PARTIDA — 8 CARROS À CHEGADA

1.°—CITROËN DS 19

3.°—CITROËN ID 19

5.°—CITROËN DS 19

TEATROS E CINEMAS

A partir de hoje

Lisbca tem novamente um teatro a funcionar

Uma cena da peça «Criada para todo o serviço» que hoje se estreia no Monumental. Vêem-se, da esquerda para a direita, Artur Semedo, Maria Dulce, Laura Alves, Maria Paula e Assis Pacheco

Laura Alves fála-nos de «Criada para todo serviço» e de outras coisas mais...

Nos bastidores reinava a azáfama característica dos grandes momentos. Carpinteiros, decoradores, electricistas de cena e actores agitavam-se misturados numa confusão diabólica, cada um no seu «métier», dando os ultimos retoques que permitem dar ao espectador essa visão perfeita do real maravilhoso que é o teatro.

Deambulámos pelo palco, procurando a vedeta.

Pela porta entreaberta de um camarim demos uma olhadela para o interior.

— Dá licença?

— Sim...

Laurinha, a popular Laura Alves que o grande publico constantemente mantém no coração, surgiu na nossa frente, radiosa, com os olhos talvez um pouco exageradamente pintados acentuando-lhe o prolongamento das pestanas. Envolta num vestido claro e garrido, a pele fresca do rosto posta em evidência pelo traço carregado das lábios, tal como aparecerá hoje á noite na estreia de «Criada para todo o serviço».

Laura Alves mostra-se reservada quanto á provável reacção do publico

Começámos as perguntas:

— Gosta do seu papel em «Criada para todo o serviço»?

— Sem duvida. Não é o primeiro que faço deste género. O publico gosta destas peças maliciosas nas quais o sentido do humor e o «charme» da actriz são postos á prova.

— É francesa a peça?

— Sim. A história de uma virgem vidente que perde a segunda característica quando lhe roubam a primeira.

— Mandaram adaptar a peça, claro.

— Não. Ficaria inverosímil. Aqui em Portugal nenhuma patroa leva a criada ao «Maxims». É uma peça típicamente francesa que perderia com a adaptação.

— Dificuldades com a censura?

— Só amanhã o saberemos... No entanto, não ousamos manter, em algumas passagens, a linguagem do texto.

Laura Alves fala-nos depois de seu marido.

— O Vasco Morgado nunca mais será um homem saudável, e esteve á morte. Muitos o sabiam.

— Á morte?!

— Sim; extraíram-lhe um pulmão.

— E continua como empresário?

— Sem duvida. A nossa vida é o teatro e neste momento, por razões especiais, jamais abdicariamos de lutar. Vasco Morgado está neste momento sem dinheiro, as minhas jóias estão nos penhores, temos algumas dívidas. «A Tia de Charley» deu-nos um prejuízo de mil e tantos contos. A minha sogra hipotecará uma quinta, e nós pagaremos tudo, dentro em breve. Eu, pessoalmente, se não existissem outras razões, preferia abandonar, neste momento, o teatro e viver com os meus no campo, comendo o que ali produzissemos, mas saindo deste ambiente conspurcado, onde temos de batalhar. Temos alguns inimigos, mas estamos dispostos a lutar com dignidade.

Oxalá que o novo espectáculo do Monumental seja um factor decisivo dessa luta.

A REACÇÃO DO PÚBLICO?

Quando perguntámos a Laura Alves «Como acha que o publico receberá a nova peça?» ela respondeu prontamente:

— Meu caro senhor... isso são coisas que só se sabem depois do dia da estreia! Contudo, a peça está posta com dignidade e profissionalismo e não nos esqueçamos de que em Paris esteve quatro anos consecutivos em cena. Além disso, os meus colegas Assis Pacheco, Ana Paula, Maria Dulce e Artur Semedo têm nela excelentes criações. — E a Laura Alves tem o seu publico fiel, porque é na verdade uma grande actriz popular — acrescentámos.

Atrás do reposteiro

- A estreia no Teatro Variedades da companhia brasileira de comédias, de que são directores os artistas André Villon e Cilo Costa, está aprazada para o dia 15 do corrente, com o original do escritor brasileiro Eurico Silva, intitulado «Divorciados». A companhia que viaja de avião é esperada na terça-feira próxima.
- O actor Fernando Gusmão está a participar da interpretação do novo filme português «D. Roberto», que está em rodagem.
- Na quinta-feira da próxima semana seguem para o Porto, os artistas da Companhia de comédias do Teatro Variedades.
- Irene Isidro, Beatriz d'Almeida, Carmen Mendes, Maria Adelina, Salvador, Baptista Fernandes, Alberto Ghira, Joaquim Miranda, e Rui Luís, é o elenco que no Teatro Avenida está a ensaiar a comédia «O Diabo é um anjinho!».

No Ultramar

- O actor Henrique Santos, que há cerca dum ano fixou residência em Lourenço Marques, embarca amanhã no paquete «Príncipe Perfeito», regressando á metrópole.
- O elenco de amadores do Clube dos Lisboetas de Lourenço Marques prosseguindo nas suas actividades teatrais levou á cena a peça «Prémio Nobel», estando a ensaiar a peça «O processo de Jesus».

Teatro

no Ginásio do Alto do Pina

Considerando a existência dos populosos bairros do Alto do Pina e do Alto de S. João, a Camara Municipal de Lisboa em colaboração com a Direcção do Ginásio do Alto do Pina leva hoje a efeito, nesta colectividade recreativa, mais um espectáculo do Teatro de Ensaio dirigido por João Sarabanho, com a apresentação do drama rustico em 3 actos, de Francisco Ventura, «Casa de Pais».

Os bilhetes podem ser requisitados hoje naquela prestimosa agremiação.

Espectáculo Infantil

na Academia de Santo Amaro

Em continuação da política cultural seguida nos ultimos tempos pelo município da intensificação de espectáculos culturais dedicados ás crianças da capital, a Camara promove amanhã a apresentação de mais uma representação teatral destinada ao publico infantil.

O espectáculo realizar-se-á ás 18 horas na «Academia de Santo Amaro», levado a efeito pelo Teatro de Ensaio, com a apresentação de «Uma história do Joãozinho», de Gonçalves de Castro.

Os bilhetes devem ser pedidos naquela colectividade que gentilmente colabora no esforço municipal.

Primeiras exibições

«O Mundo de Noite», Eden

Estreou-se, no Eden, o filme «O Mundo de Noite» que vem continuar a série que principiou com «Europa á Noite». Mas, desta vez, os numeros escolhidos não se limitaram ao mero espectáculo de «music-hall» e, desde «ballet» a ópera chinesa, numeros de circo a numeros de variedades, foi-nos oferecido um maravilhoso apanhado do que de melhor se apresenta nas cidades de Amesterdão, Blackpool, Copenhague, Buenos Aires, Hong-Kong, Hollywood, Honolulu, Las Vegas, Nova York, Paris e Tóquio.

Realizado em «tecnicolor» e «tecnirama», por Luigi Varzi, «O Mundo de Noite» mostra-nos, entre outros, os conjuntos de «The Nit-Wits Band», «Frater nity Brothers», «The girls Tellers», o «ballet» «Macumba and Malambo», «The Las Vegas Rythmettes» e «The Tahitti Ballets».

No final, tornaram-se a passar os numeros que o publico mais aplaudira. — *Visor 14.*

«A grande noite do Fado» na Amadora

Na Feira Popular dos Bombeiros Voluntários da Amadora, haverá hoje, a partir das 21 e 45, «A grande noite do Fado», um espectáculo a favor daquela prestimosa corporação, apresentado pela dista artista Maria Amélia Proença, na qual tomam parte: Maria José da Guia, Fernanda Maria, Ilda Silva, Isaura Alice de Carvalho, Joaquim Silveirinha, Manuel de Almeida, Jorge Silva, Natalino Duarte, José de Freitas (Freitinhas), Maria Augusta, Constança Baptista, António Rocha, Joaquim Geraldes, Armando Dias, Silva Pereira, Carlos de Oliveira, o conjunto de «music-hall», «Trio Cristal», o guitarrista Adão Duarte e o violista Miguel Silva.

Manuel Fernandes

na Verbena do Atlético Clube de Moscavide

Esta noite, ás 22 horas, na Verbena do Atlético Clube de Moscavide realiza-se um grandioso festival em que participa Manuel Fernandes, o consagrado artista da nossa Rádio e Televisão.

Outros elementos que dão a sua colaboração á festa: António Nobre, Maria Manuela Silva, Vítor Mendes, Amélia Susana, José Gonçalves, Fernando Forte, Ana Maria, Adolfo Gomes e Maria Olímpia. A locução está a cargo dos grandes animadores Adriano Rocha e Pereira Gomes.

O ministro da Educação Nacional assiste à inauguração do VIII Festival Internacional de Estudantes

COIMBRA, 9 — (Pelo telefone). — No Teatro Gil Vicente, que hoje é inaugurado, inicia-se o VIII Delfiada, festival internacional de teatro universitário que desde 951 se vem apresentando em várias cidades europeias. Coube este ano á Universidade de Coimbra a organização deste festival no qual estão representados, além de Portugal, os seguintes países: Alemanha, com o «Collegium Delphicum Mainz», que apresentará a peça «Agamémnon», de Esquilo; França, com o «Groupe de Théâtre Antique de la Sorbonne», que apresentará «Coéforas», de Esquilo; Itália, com o Teatro Universitário de Bolonha que representará «O milagre de Teófilo Rutebenf» e «Aucassin e Nicolette», e com o Centro Universitário Teatrale di Parma, que representará «Menaccmi», de Plauto; Suécia, com o «Goteborgs Studentteater», que apresentará «Andrómaca», de Racine; e Inglaterra, com o «Selwyn College Mitre Players», de Cambridge, que apresentará «Everyman».

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra abrirá o festival representando a peça «Antígona», de Sófocles», traduzida pela assistente da Faculdade de Letras, dr.ª D. Maria Helena Rocha Pereira, e encenada pelo director artístico do agrupamento, prof. dr. Paulo Quintela. Os cenários são da autoria de Tossan e a ilustração musical e figurinos, do sr. dr. Macedo Pinto e da sr.ª D. Isabel Leonor.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — A's 21 e 15, «Os meus amores no Rio» e «A cidade dos rapazes» (12 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — A's 21, «Pollyanna» e «Dia de festa em Disneyland» (6 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — A's 21. «Os 400 golpes» e «O salário do diabo» (17 anos). — *Parque-Oceano* — A's 21 e 30. «Ultima ventura» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — A's 21 e 30. «Um homem só» (17 anos). — *Cine-Esplanada* — A's 21 e 30. «Paixão de Afrodite» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — A's 21 e 30. «O prisioneiro da cadeira eléctrica». — *Académico* — A's 21. «Rapariga da montanha» e «Carnaval do amor» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes* — Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 031955).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 042034).

OEIRAS — *Godinho* — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 043090).

PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica (Tel. 047204).

ESTORIL — *Ostende* — R. de Espinho, 1 — Monte Estoril (Tel. 060391).

CASCAIS — *Misericórdia* — Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

O ENG. HENRIQUE O'DONNELL

atingiu o limite de idade e deixou o Porto de Lisboa

Deixou hoje as suas funções na Administração Geral do Porto de Lisboa, o sr. eng.º Henrique Figueiredo O'Donnell.

O distinto funcionário que nos serviços técnicos do nosso primeiro porto, prestou relevantes serviços, foi atingido pelo limite de idade. Foi antes director de Costa Geológica de Angola, chefe da Divisão Hidráulica do Guadiana e director dos portos do Barlavento do Algarve.

Desde 1952 que era director dos serviços Técnicos do Porto de Lisboa

O dr. João Porto também atingiu o limite de idade

Atingiu o limite de idade, deixando por isso a Faculdade de Medicina, de que era catedrático, e os Hospitais da Universidade que há anos dirigia, o prof. dr. João Porto.

No salão nobre dos Hospitais foi-lhe prestada homenagem por todo o pessoal que com o prof. João Porto trabalhou.

HOMENAGEM a um mestre de oficina

A Casa Capucho oferece hoje, ás 20 horas, na cantina dos operários, um jantar de homenagem ao mestre das oficinas, sr. António de Sousa, que conta 74 anos de idade e 50 anos de serviço activo naquela casa.

FOI ADIADA para o dia 12

a apresentação do Grupo de Teatro Antigo da Gorbonne

Por absoluta impossibilidade de comparência do «Groupe de théâtre Antigue de la Sorbonne», o espectáculo que este devia realizar hoje, na Estufa Fria, foi transferido para a próxima terça-feira, dia 9, no mesmo local e á mesma hora.

DUAS BOMBAS

Eis os projectos da empresa do Monumental para a próxima temporada, desvendados por Laura Alves:

«Esperamos pôr este ano a comédia de Bernard Shaw, «César e Cleópatra» e uma peça que se mantém em cena há anos, em Londres — «My fair Lady». Não se pense que isto é megalomania? O publico sabe que, afora uma ou outra pequena comédia, os nossos espectáculos nos custam sempre quantias superiores ao milhar de contos.

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, de JOÃO LUIS DE MEDEIROS.

VASCO MORGADO apresenta
Telef. 5 51 33

Hoje — Estreia
AS 21.45 H.
no teatro MONUMENTAL

LAURA ALVES

ASSIS PACHECO

NUMA DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA FRANCESA
ORIGINAL DE
BARILLET & GREDY
ADAPTAÇÃO DE
JOSÉ ANDRADE

ENCENAÇÃO DE
SANTOS CARVALHO

UM NOTÁVEL ELENCO

CRIADA ...Para Todo Serviço

TODA A GRAÇA E ESPÍRITO DO TEATRO FRANCÊS, AGORA EM PORTUGUÊS PARA SI

CENAS DE
PINTO DE CAMPOS

(ADULTOS — M/ 17 anos)

com MARIA PAULA * MARIA DULCE * ARTUR SEMEDO

UMA PEÇA PARA RIR... MAS RIR MUITO! ● AMANHÃ: 1.º ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 H.

PRESENÇA DO BRASIL

HOJE, ÀS 21 HORAS,
EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Programa em homenagem á data nacional de 7 de Setembro: — Palavras do Embaixador Negrão de Lima — Grande Fantasia Triunfal, de Gottschalk, sobre o Hino Nacional Brasileiro, especialmente executada pela insigne pianista brasileira Prof.ª Maria Amélia Teixeira.

TODOS OS DIAS SÃO BONS
MAS AOS SÁBADOS HÁ UMA PREDILECÇÃO ESPECIAL DOS VISITANTES PARA APROVEITAREM AO MÁXIMO O DIVERTIMENTO MAIS ANIMADO DA CAPITAL

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

(A ENTRECAMPOS)
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SECULO»
Conjunto admirável de atracções e diversões e de motivos de ensinamento através dos seus pavilhões e stands, que compõem a
FEIRA DE AMOSTRAS
«STANDS» DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, ATRACÇÕES INFANTIS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, CINEMA, ETC.
ENTRADA: QUINZE TOSTÕES
TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS: «ELÉCTRICOS», AUTOCARROS E COMBOIOS
ABERTURA A'S 19 HORAS

HOTEL TURISMO DA ERICEIRA

BOITE
HOJE
A partir das 22 horas GRANDIOSO FESTIVAL para eleição de **MISS ERICEIRA** com a colaboração do **Rancho Folclórico** «OS CAMPINOS DO RIBATEJO» e do Conjunto de Folclore Nacional «OS BAMBINOS». Música de baile pelo **Conjunto Primavera** — M/ 15 anos
Informações e reservas: **Telf. 25 e 130** - ERICEIRA

COLISEU

Empresa Ricardo Covões Herds.
Telef. 31997
Hoje, ás 21.30, M/12 anos
Cinema com os filmes
Dragões da Violência
e
Arriscada Aventura
Amanhã
Espectáculo á tarde e á noite
2.ª-feira — M/12
O favorito dos Borgias
Estes homens são perigosos

NA BATALHA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ MOUSINHO.

Moita do Ribatejo

Dias 11, 12 e 13 de Setembro, pelas 17,15
POR OCASIÃO DAS GRANDES FESTAS DA NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

DIA 11: GRANDIOSA NOVILHADA
8 — NOVILHOS-TOIROS — 8
do Ex.mo Sr. Ernesto Castro
CAVALEIROS:
Dr. Varela Cid
e Frederico dos Santos
jovem amador, que presta provas para alternativa
ESPADAS:
os extraordinários novilheiros
Amadeu dos Anjos
e Alexandre do Carmo
FORCADOS AMADORES DA MOITA
Sol 10$00-S/Sol 20$00-Sombra 30$00

DIA 12: GRANDIOSA CORRIDA
8 — ESCOLHIDOS TOIROS — 8
de A. Teixeira e Oliveira (Irmãos)
MANUEL CONDE
e **PEDRO LOUCEIRO**
O ultimo mano-a-mano da temporada
DIAMANTINO VISEU
MANUEL DOS SANTOS
FORCADOS AMADORES DE LISBOA, de Nuno Salvação Barreto
Sol 40$00-S/Sol 70$00-Sombra 90$00

3 — LARGADAS DE TOIROS — 3
AS 10 HORAS DA MANHÃ DOS DIAS 11, 12 E 13
BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS E EM LISBOA NA A. B. E. P. (Restauradores) — **Transportes assegurados** M./ 6 anos

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Outro êxito sensacional de **Curd Jurgens** e **Maria Schell**
DUELO NA FLORESTA
Das páginas obscuras da história surgem os perfis de dois seres apaixonados que ousaram desafiar um império

EDEN — Telefone 30760
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Um filme de alto nível
O MUNDO DE NOITE
Uma parada artística com as maiores celebridades mundiais.

POLITEAMA — Telefone 26305
A's 15.15, 18.15 e 21.30
EXITO TOTAL
do extraordinário filme de espionagem
O CONTRA-ATAQUE DO «GORILA»
com **Roger Hanin** e **Bernard Blier**
Os serviços secretos em luta feroz contra um bando de espiões. (M. 17 anos).

AVIS — Telefone 47162
A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Dois homens em luta por um amor explosivo
A MINA
Com toda a sedução de uma beleza primitiva ela amava o ódio e o desejo
com **Elsa Martinelli** e **Antonio Cifariello**

ROYAL — Telefone 865039
A's 21 h. (M. 12 anos)
RAPTADOS
MISSÃO NO ALTO MAR

TERRASSE — Telefone 20917
A's 21 h. (M. 17 anos)
A VACA E O PRISIONEIRO
AS NOITES DE CABIRIA

CENTRAL — Telefone 43760
A's 21.30 (M. 17 anos)
UM HOMEM SÓ
Anthony Quinn — Katy Jurado — Peter Witney

TIVOLI — Telefone 43153
3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 6 anos)
Um sensacional programa de WALT DISNEY
O CARRASCO DA FLORESTA
(TECNICOLOR)
Em complemento: **JAPÃO**
(Cinemascope)

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Seis histórias de amor oriental, com as mais belas e fascinantes mulheres de seis países do Oriente
O AMOR NO ORIENTE
Eastmancolor — Cinemascope

CONDES — Telefone 22523
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)
MAIS UMA SENSACIONAL REPOSIÇÃO
SINDBAD, O MARINHEIRO
com
Douglas Fairbanks Jr., Maureen O'Hara
O fabuloso espectáculo das mil e uma noites e as ousadias do mais incrível aventureiro.

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
DUELO NA FLORESTA
com **Curd Jurgens** e **Maria Schell**
A história de dois seres apaixonados, que com a força do seu amor desafiam um império

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 47663
A's 21.15 (M. 17 anos)
INIMIGOS DE ONTEM
SEM IDADE PARA CASAR

LIZ — Telefone 48567
A's 21 horas (M. 12 anos)
O MAIS BELO ESPECTÁCULO DO MUNDO
KITTY E OS 4 GRANDES

IMPÉRIO — Telefones 55134/5
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Grande êxito do admirável filme em Eastmancolor
K A T I A
com **Romy Schneider** e **Curd Jurgens**

SÃO JORGE — PLATEIA 54153 — BALCÃO 54154
A's 15.15, 18.15 (M. 6 anos)
A obra-prima de **Charlot**
«A QUIMERA DO OURO»
Hoje, ás 21.30 — GRANDE NOITE INFANTIL — Para M. 6 anos.

ROMA — Telefone 72777
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Uma película cheia de interesse
A LETRA
Uma sátira mordaz, que é um testemunho eloquente da época presente.
com **Vittorio Gassman** e **Sylva Koscina**

ODEON — Telefone 26283 (M. 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30
3.º mês do êxito mais sensacional do ano!
10.ª SEMANA E ULTIMA
com a famosa vedeta **Império Argentina**
AMA ROSA
Uma história dedicada ás mães que viveram na vida igual sacrifício.
Temperatura agradável

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 12 anos)
AS FÉRIAS DO SR. HULOT
A obra-prima de **Jacques Tati**

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M. 17 anos)
O GRITO DE FURIA
A FERRO E FOGO

polydor

Pia Beck

UMA ARTISTA DA POLYDOR ACTUA NA
RONDA
Monte Estoril
ATÉ AO FIM DO MÊS

HOTEL VALE DE LOBOS

BOITE
HOJE
A partir das 22 horas **Grandioso Festival** com a colaboração do **Rancho Folclórico** «OS CAMPINOS DO RIBATEJO» e do **Conjunto de Folclor Nacional** «OS BAMBINOS»
Música de baile pelo **Conjunto Lido**
M/ 15 anos — Informações e reservas pelo **Tel. 094846**

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA
só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

A próxima Semana Gregoriana

A próxima Semana de Estudos Gregorianos, que se realizará na Cova da Iria, de 22 a 29 de Setembro, promete, pelo enorme interesse que está despertando, ser mais uma excelente realização que reunirá em Fátima quantos no nosso País se interessam pelo renascimento gregoriano e litúrgico.

O trabalho das Semanas Gregorianas feito de maneira metódica e progressiva, é dirigido pela sr.ª D. Julia d'Almendra, aluna de Solesnes, que, em Portugal, através das Semanas e do Centro de Estudos Gregorianos, tem movido larga campanha a favor do movimento.

A próxima Semana de estudos, que vai realizar-se em Fátima, conta, além de D. Gajard e Mr. Le Guennant, com mais um novo colaborador: o rev. abade Bouiller, director do «Instituto de S. Gregoire le Grand», de Lyon.

As inscrições podem ser feitas pessoalmente, no Campo dos Mártires da Pátria, 96-2.º, Lisboa, ou pedidas pelo correio.

O CONJUNTO SOUSA MACHADO

na Praia de Monte Gordo

MONTE GORDO, 9. — Na noite de 12 do corrente, efectua-se, no Casino Oceano, desta praia, a festa artística do apreciado Conjunto Sousa Machado que apresentará «Uma noite no Rio: autêntico Carnaval Carioca», com a colaboração do Conjunto Engelmam Malanza, e Sérgio Pinto e do vocalista Arlindo de Sousa.

Diversões e jogos no Jardim Zoológico

Amanhã recomenda-se a visita ao lindo Parque de Aclimação, onde além de se poderem admirar os mais variados animais da fauna exótica da criação que se encontram óptimamente instalados, como sejam: elefantes, rinocerontes, hipopotamos, girafas, cangurus, zebras, chimpanzés, camelos, ursos (pretos, pardos e polares brancos), tigres, leopardos, crocodilos, gibóias, araras, tucanos, etc., têm para se recrear a patinagem, os barcos (no lago ampliado), o comboio-automóvel (que percorre todo o jardim), e passeios de elefantes e póneis para as crianças, assim como o espectáculo dos palhaços José & Ermilita, jogos, concursos, corridas, prémios, etc., no parque infantil.

Abertos os restaurantes do lago e popular da Mata das Águas Boas onde se servem almoços.

A entrada, amanhã, domingo, até ás 13 horas, como de costume, custa apenas 3$00.

Linha de SINTRA

NA PISCINA da Praia das Maçãs efectua-se hoje

um espectáculo de variedades

Hoje, ás 22 e 30, realiza-se na Piscina da Praia das Maçãs um grandioso espectáculo de variedades, com a obsequiosa colaboração de artistas de Teatro, Rádio e Televisão.

O produto da festa reverterá a favor das obras do Movimento Nacional Feminino.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 21 e 15: «Corgo» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «Nunca aceites nada de um estranho» e «A dois passos da forca» (17 anos).

CACEM — *Cinema S. João* — A's 21: «Matou!» e «A terra em perigo» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21 e 30: «Bandeirantes em perigo» (12 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel* — A's 21 e 30: «Os canalhas» (17 anos).

ERICEIRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 15: «A amada infiel» e «Pancho Villa» (17 anos).

VENDA NOVA — *Cine Portugal* — A's 21 e 15: «Safira» e «Os violadores» (17 anos).

MOSCAVIDE — *Cine Moscavide* — A's 21: «O regresso de Robin dos Bosques» e «O demónio dos mares». (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Central* — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 930210). — *Igreja* — Praça da Igreja, Lote 2.

QUELUZ — *Gil* — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456.

BURACA — *Vaz Martins* — R. António Ferro, M. A. D. (Telefone 931690).

DAMAIA — *Lemos* — R. de Goa (Tel. 930121).

VÁRIAS PROVAS DE AMANHÃ

ATLETISMO — Ultima jornada da «Taça Armando Sá», no Estádio Nacional, ás 10,30 horas.

CICLISMO — Circuito da Malveira, para «independentes» e provas de pista, na Malveira, a partir das 13 horas.

— 3.º Circuito Ciclista de Mem Martins, para populares, em Mem Martins, ás 10 horas.

NATAÇÃO — Campeonatos Nacionais de natação pura, de juniores e seniores, na nova piscina de Tomar, ás 16,15 horas.

TÉNIS — Campeonato Nacional de Juniores individual nos «courts» da Parada, em Cascais.

TIRO A CHUMBO — Torneio do Clube Português de Tiro a Chumbo, no «stand» do Goulão, no Estoril, a partir das 15 horas.

A NOVA ÉPOCA DE RÂGUEBI

começa em 1 de Outubro com um «torneio de 7»

Com os delegados do Belenenses, Benfica, C. D. U. L., Direito e Sporting reuniu-se, ontem, á noite, a direcção da Federação Portuguesa de Râguebi para tratar de vários assuntos que se relacionam com a próxima época.

Através de uma alocução do dr. Damas Mora, presidente da direcção, foram dados a conhecer os planos para a próxima época, e que são os seguintes:

1 — Periódicamente, haverá reuniões com os delegados dos clubes filiados, para debate dos vários problemas da modalidade, sendo aceites todas as sugestões que possam representar interesse para o progresso da mesma.

2 — Até ao fim do corrente mês, ficarão resolvidos todos os protestos pendentes desde a época 59-60.

3 — Estuda-se a organização de um torneio de veteranos e a criação, finalmente, da categoria de juniores.

4 — Projecta-se uma competição internacional que, a tornar-se efectiva, despertará grande interesse entre os praticantes do jogo.

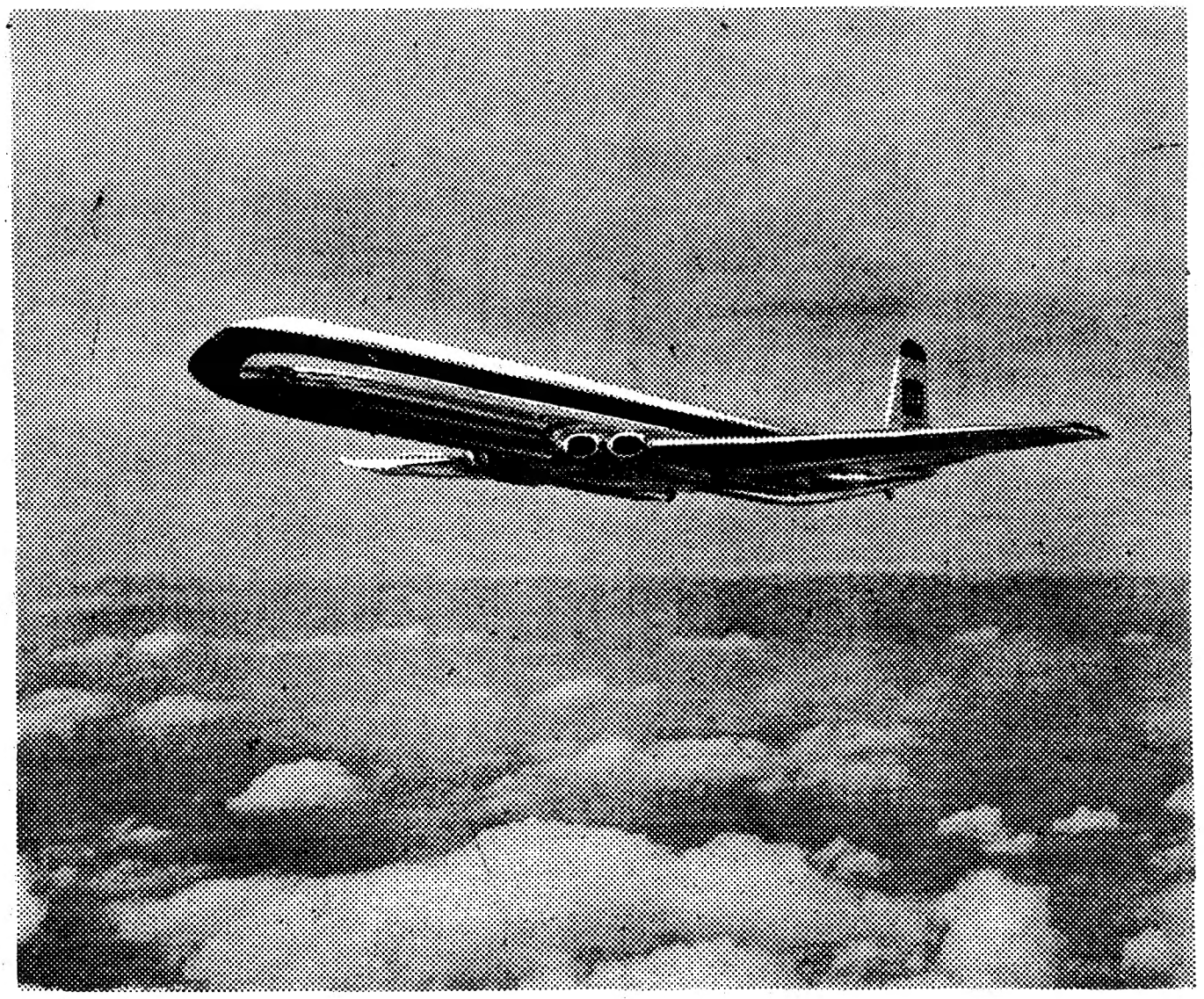
5 — Com o acordo dos delegados presentes, a nova época abrirá no dia 1 de Outubro, com a realização de um torneio relampago, organizado pelo Grupo Desportivo de Direito, em que será disputado o troféu «Ayres Kopke». Por sugestão do delegado do C. D. U. L., essa competição será de «râguebi de sete», variante que muito pode contribuir para a propaganda da modalidade. No decurso desse festival, a Federação fará a entrega dos vários troféus conquistados na época passada.

HOJE, À NOITE

HOQUEI EM PATINS — Ultima jornada do Campeonato do Sul, de Juniores: Cascais-Sporting e Benfica-Sintra, nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar, a partir das 21,45 horas.

NATAÇÃO — 1.ª jornada dos Campeonatos Nacionais de Juniores e Seniores na piscina de Tomar, ás 21,45 horas.

Voo BEA Comet 4B



Lisboa-Londres ida e volta por 4.108$00 (incluindo taxas) CLASSE TURÍSTICA

Já sabe que pode viajar no Jacto da BEA — O Comet 4B de Lisboa para Londres. Ida e volta pelo preço reduzido de 4.107$90? Poupa 894$90

Estas tarifas tão baixas destinam-se às viagens nos seguintes dias:

Até 30 de Setembro — 3.ª Feira — 4.ª Feira — 5.ª Feira

Durante o mês de Outubro — 3.ª Feira — 4.ª Feira — 5.ª Feira — 6.ª Feira — Sábado — Domingo

Consulte o seu Agente de Viagens ou a BEA
Av. da Liberdade, 23-27
Tel 30931
(de colaboração com a TAP)

BEA

DESPORTOS

«TAÇA DE HONRA»

Dois encontros de interesse

Benfica-Sporting e Atlético-Belenenses amanhã no Estádio Nacional

O ciclo de jogos com clubes estrangeiros tem amanhã uma «intromissão» com a disputa dos encontros finais da «Taça de Honra», da Associação de Futebol de Lisboa.

O programa, aprazado para o Estádio Nacional, condensa dois embates de inegável interesse:

ATLÉTICO-BELENENSES
BENFICA-SPORTING

O primeiro principia, ás 15 horas, e decidirá os 3.º e 4.º classificados do torneio.

O segundo principia, ás 17 horas, qualificará o vencedor da taça em disputa.

Se no confronto entre alcantarenses e belenenses há muitos aspectos que despertam a curiosidade do adepto (saliente-se a forma actual dos «azuis» em face da exibição produzida em Edimburgo) no segundo será suficiente dizer-se que estarão frente a frente os dois grandes rivais do nosso desporto.

Os campeões europeus, que finalizaram uma semana de inegável brilho com as vitórias sobre o Peñarol e o Standard Liège, deverão sentir uma réplica firme por parte dos «leões» em vésperas de enfrentar o Partizan para a «Taça dos Campeões «Europeus».

A derrota sofrida pelos benfiquistas, contra o adversário de amanhã, na Taça «Angola», constitui outro aliciante em face de duas perspectivas: confirmação do Sporting e rectificação do Benfica.

Ao fim e ao cabo, uma tarde de futebol ao gosto do publico.

●

Nas formações das quatro equipas deverá observar-se o padrão de cada uma delas, não obstante ser de prever algumas alterações, principalmente no quinteto dianteiro «leonino», admitindo-se ainda que os «encarnados» refresquem o conjunto sem quebra, porém, de eficácia.

Francisco Saraiva e Fernando Aragão dirigirão os encontros Atlético-Belenenses e Benfica-Sporting, respectivamente.

O Belenenses volta ao Estádio de Restelo

Na qualidade de inquilino, o Belenenses regressou ao Estádio do Restelo. A notícia, que não é de agora, foi ontem, porém, confirmada no decorrer de uma assembleia geral que levou ao Pavilhão dos Desportos, local onde se realizou, mais de dois mil sócios entre os quais figuravam elementos que ao clube prestaram assinalados serviços.

Toda a questão relacionada com o resgate do Estádio foi, pormenorizadamente, exposta bem como as condições do arrendamento.

O sr. dr. Vale Guimarães, presidente da direcção, ao terminar a sua dissertação, recebeu uma significativa aclamação. Os Belenenses nesse momento histórico para a vida da colectividade experimentaram uma enorme alegria. Finalmente, fora feita justiça e compreendida a missão do desporto.

O arrendamento firmado entre o Belenenses e a Camara Municipal de Lisboa, que na emergência revelou o desejo de auxiliar o clube, assenta nas seguintes bases:

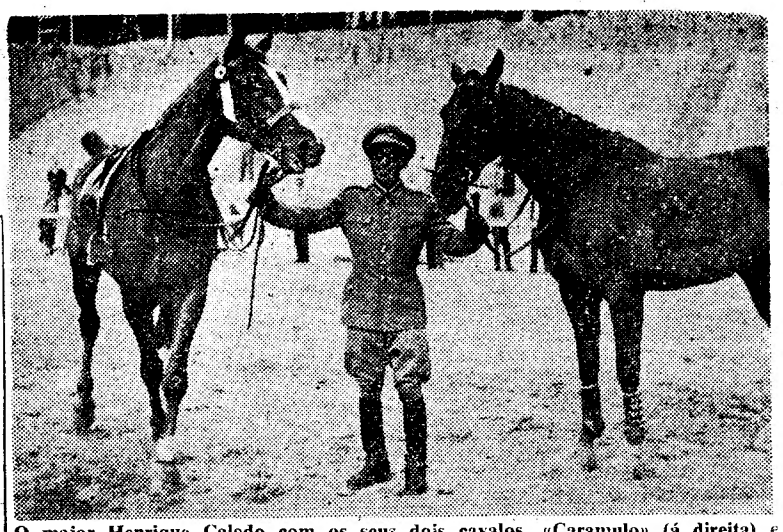
— 16 contos por mês, de avença, dos dois campos de futebol e pistas de atletismo;

— direito de arrendar dependências para posto médico, depósito de material e equipamentos;

— a conservação do Estádio fica a cargo da Camara, pagando o Belenenses a dois empregados para o tratamento da relva, sendo a água e a própria relva fornecidas pelo Município.

O contrato é válido até Julho de 1962 e nele estão previstas as taxas de utilização dos recintos de basquetebol, ténis e patinagem.

A assembleia manifestou-se concordante com o que lhe fora dado escutar e toda a assistência tributou ao presidente da direcção uma prolongada ovação.



O major Henrique Calado com os seus dois cavalos, «Caramulo» (á direita) e «Martingil»

AMANHÃ EM CASCAIS

A despedida de "Caramulo"

e a prova «Antas Teixeira»

no último dia do Concurso de Cascais

O 25.º Concurso Hípico de Cascais tem amanhã a sua 7.ª e ultima jornada, reservada, apenas, a gente grande do nosso hipismo.

O programa indica:

I — Prova «Carlos Antas Teixeira».

II — Prova «Marechal Carmona».

III — XXV Concurso Hípico de Cascais («Bodas de Prata»).

O certame vai encerrar com chave de ouro, sem duvida, sendo-nos particularmente grato assinalar a realização da prova «Carlos Antas Teixeira», em que é obrigatória a casaca encarnada e a inscrição e reservada a cavalos propriedade particular e não alimentados pelo Estado. Impondo estas condições, como é obvio, uma limitação de inscrições, deve salientar-se que participam na prova mais de vinte conjuntos.

A instituição desta prova é para nós, deveras sensibilizante, pois revela o reconhecimento, que nenhuma outra organização até hoje teve, pela acção meritória em pról do hipismo, desenvolvido pelo nosso saudoso camarada Carlos Antas Teixeira, que ligou o seu nome ao certame cascalense, como seu lucutor — e que bem desempenhava a sua missão — nos ultimos anos. Manuel Possolo soube mostrar-se agradecido instituindo esta prova que não fica mal ao lado das provas Capitão José Beltrão, Coronel Helder Martins, Major dr. Francisco Avelino de Sousa Amado, El-Rei D. Carlos I, Marechal Carmona, dr. José Barreiro, dr. Filipe de Vilhena, Major Eduardo Oliveira Soares — cada uma constituindo homenagem á memória de tão devotados amigos do hipismo.

Outra nota saliente é a derradeira jornada é a despedida de «Caramulo», na prova «Bodas de Prata», reservada a cavaleiros que participaram no 1.º Concurso de Cascais há 25 anos. Veremos em acção Manuel Possolo, cor. Oliveira Reis, cor. Machado Faria e major Henrique Calado.

A presença de «Caramulo» é por si só motivo para levar ao hipódromo da Gandarinha uma enchente. E que «Caramulo» no certame cascalense só foi excedido em popularidade pelo desaparecido «Rasc». A montada preferida do nosso concursista n.º 1 é, realmente dum valor excepcional.

DIAMANTINO DIAS

Dados estatísticos sobre o «Caramulo»

que em doze anos ganhou cerca de 280 contos

— Idade: 18 anos.

— Importado da Argentina em 1947.

— Começou a Concursar em 1949.

— Venceu a 1.ª prova em que entrou (Omnium 1.ª Série do Concurso de Espinho em 1949).

— Foi internacional pela 1.ª vez em Madrid em 1950 e fez sempre parte da equipa Nacional até 1960.

— Concorreu no estrangeiro em Madrid, Nice, Rio de Janeiro, Bilbau, Paris, Helsinquia, Estocolmo, Londres, Dublin, Roma e Aix-La-Chapelle.

— Em 12 anos de provas totalizou:

81 vitórias das quais 13 no estrangeiro, 12 em Grandes Prémios (3 de Lisboa e 1 de Madrid) e 15 Taças de Honra.

41 segundos lugares.

47 terceiros lugares.

Total de classificações 300, das quais 92 no estrangeiro.

— Em Cascais obteve como vitórias mais importantes 5 Taças Marechal Carmona e 2 Grandes Prémios.

— Total de prémios ganhos: 278.899$00, sendo nos ultimos três anos: 1958: 12.578$50; 1959: 25.766$00 e 1960: 26.116$00.

CAMPEONATO DA EUROPA DE HÓQUEI EM PATINS

Portugal um dos favoritos da prova defronta hoje a Inglaterra

TURIM, 9. — A circunstancia de a Alemanha Oriental e a Noruega não terem, até ontem, confirmado a sua inscrição, o Campeonato da Europa de Hóquei em Patins, cujo começo está marcado para hoje, apenas conta com a participação de dez equipas — Portugal, Espanha, Itália, Suiça, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Alemanha Ocidental e Jugoslávia — as quais ficaram agrupadas numa unica «poule».

O torneio, que se disputa pela primeira vez nesta cidade, está a despertar grande interesse dado a garantia da presença das principais selecções, como a de Portugal, Espanha e Itália.

Se bem que as duas primeiras contem com a maioria de favoritismo, quanto ao triunfo final, admite-se, largamente, que o seleccionado transalpino logre inscrever, pela segunda vez, o seu nome no numero dos vencedores da competição. Com efeito os italianos só em 1953, em Genebra, conseguiram obter o apetecido título, a despeito de, normalmente, constituirem um dos mais bem apetrechados conjuntos da modalidade.

São, porém, como se aflorou, os lusitanos e os espanhois aqueles que maior numero de votos desfrutam sobre a possibilidade da vitória final.

Nós, portugueses, não obstante termos na devida conta a valia dos nossos vizinhos, não deixamos de permanecer cheios de fé sobre a revalidação (pela quarta vez) do título europeu. Faltará ao «cinco» das «quinas», o goês Velasco, sem duvida alguma ainda insubstituível. Todavia, Moreira, José Vaz Guedes, Adrião e Bouços são, por si só, unidades de personalidade inusitada no mundo do hóquei patinado. Propositadamente, deixámos para trás o nome do homem que vai render o grande Velasco — Livramento. O benfiquista ainda não é um jogador feito, mas essa circunstancia não significa que, tal como o seleccionador nacional, não vejamos em Livramento o elemento mais indicado para tomar o lugar de Velasco.

Esta noite o «team» português defrontará a Inglaterra.

E' o 22.º encontro entre as duas selecções. Desde 1949 — há portanto, 12 desafios — que os britanicos não sabem o que é vencer as nossas cores. O ano passado, até, em Madrid, os ingleses sofreram o maior revés da sua história, nas partidas com os portugueses, perdendo por 10-0.

Cento e vinte e oito tentos foram transformados nos 21 jogos. 84 são da autoria dos rematadores portugueses; e 44 (pouco mais de metade) foram executados pelos nossos adversários.

Supomos, consequentemente, que não traduz optimismo exagerado afirmar-se que se conta, perfeitamente, com a vitória da equipa das quinas. Assim seja.

CALENDÁRIO

HOJE
Itália-Suiça
Espanha-Holanda
PORTUGAL-Inglaterra, ás 23

AMANHÃ
Suiça-Holanda
Inglaterra-Bélgica
França-PORTUGAL, ás 18 e 30
Espanha-Alemanha
Itália-Jugoslávia
Holanda-Bélgica

DIA 12
PORTUGAL-Bélgica, ás 15 e 30
Alemanha-Suiça
Inglaterra-Jugoslávia
Holanda-PORTUGAL, ás 21 horas
França-Itália
Espanha-Inglaterra

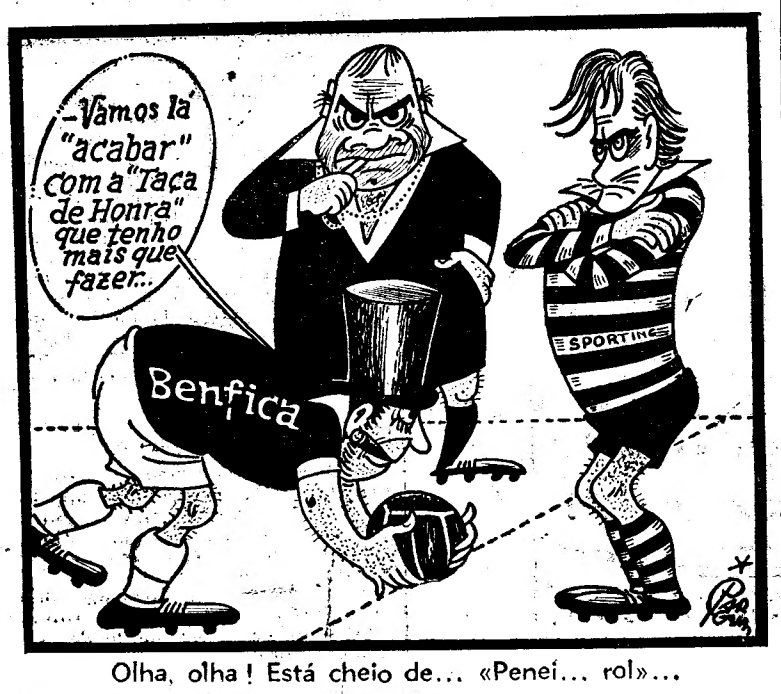
DIA 13
Inglaterra-Holanda
Jugoslávia-França
Bélgica-Espanha
PORTUGAL-Suiça, ás 21 horas
Itália-Alemanha
França-Holanda

DIA 14
Suiça-França
Bélgica-Jugoslávia
Alemanha-Holanda
PORTUGAL-Jugoslávia, ás 21 h.
Inglaterra-Itália
Espanha-Suiça

DIA 15
Alemanha-Inglaterra
Suiça-Bélgica
França-Espanha
Jugoslávia-Suiça
Itália-PORTUGAL, ás 22 horas
Bélgica-Alemanha

DIA 16
França-Bélgica
Suiça-Inglaterra
Alemanha-Jugoslávia
Inglaterra-França
Itália-Holanda
PORTUGAL-Espanha, ás 23 horas

DIA 17
Holanda-Jugoslávia
PORTUGAL-Alemanha, ás 22 h.
Espanha-Itália



Olha, olha! Está cheio de... «Penei... rol»...

TÉNIS

O torneio de Sintra inicia-se no dia 15

Estão abertas as inscrições para o torneio de ténis a disputar no «Parque Valenças», em Sintra, sob o patrocínio da Camara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo, em homenagem aos antigos frequentadores do «court» do referido parque, destinando-se parte do produto deste torneio ao Hospital da Misericórdia de Sintra.

As inscrições que se encontram abertas no citado «court», fecham a 13 do corrente, iniciando-se o torneio no dia 15, ás 9 e 30 horas.

Haverá taças a disputar, sendo estas para os primeiros classificados em cada categoria e medalhas para os segundos classificados.

A situação dos empregados na indústria hoteleira

As referências que fizemos, há dias, ao problema da revisão do contrato colectivo de trabalho dos empregados na Industria Hoteleira, provocaram numerosos aplausos de membros da respectiva classe e de outros trabalhadores, que protestaram contra o «desumano horário de trabalho de dez horas diárias».

Avoluma-se a correspondência recebida sobre o assunto, sendo focados outros aspectos da maior importancia. Não deixaremos de dar publicidade, oportunamente, aos esclarecimentos que se revistam de interesse geral, a fim de elucidarmos os nossos leitores sobre as condições em que vive a referida classe.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. Gil de Almeida, presidente da direcção do Curia Palace Sports Clube, recebemos um ofício agradecendo ao «Diário de Lisboa» o desenvolvido noticiário que publicámos acerca das décimas oitavas «Festas das Vindimas», da Curia, que obtiveram um enorme êxito.

O novo paquete «Infante Dom Henrique» concluiu as experiências com pleno êxito

e vai ser agora entregue â Companhia Colonial de Navegação

A bordo do «Infante Dom Henrique», no Mar do Norte, 8. — Debaixo de mau tempo, que serviu, de resto, para pôr á prova as excelentes qualidades náuticas que este navio revelou, terminaram as experiências finais deste navio, as quais deram os melhores resultados.

Desde o dia 6 que este novo paquete português se encontra no mar, conduzindo a bordo técnicos da Companhia Colonial de Navegação, armadora do navio, e dos Estaleiros Cockerill Ougrée, que o construiram por encomenda daquela empresa. As experiências a diversas velocidades, decorreram sempre debaixo de mau tempo, o que permitiu comprovar também a plena eficiência dos estabilizadores aplicados ao «Infante Dom Henrique», que eliminam o balanço e os seus efeitos, tornando a viagem agradável em quaisquer condições meteorológicas.

Na prova de velocidade, o «Infante Dom Henrique» atingiu 22 nós sem se registarem vibrações ou quaisquer outras anomalias funcionais, tendo o navio efectuado marchas que excedem a velocidade máxima utilizável. Os técnicos recolheram assim a melhor impressão de todas as experiências. No momento em que telegrafamos, o novo paquete português navega de regresso a Antuérpia onde, dentro de poucos dias, se realizará a cerimónia da sua entrega á Companhia Colonial de Navegação, após o que o «Infante Dom Henrique» largará de Antuérpia para Lisboa, a fim de entrar em serviço na linha da África Portuguesa.

Este navio ficará a ser o maior paquete português, não só pelo seu deslocamento, que atinge 24 060 toneladas, como pelo seu comprimento total, que é de 195,5 metros, por 24,5 de boca máxima e 11,7 de pontal. — *(E.)*.

A estátua do Infante, em bronze, que figura no átrio de honra do novo paquete

O Conselho de ... entende necessár... erros funcionais de e... como se pediu no «Diári...

A justeza e a oportunidade do inquérito ao Teatro realizado pelo «Diário de Lisboa» são confirmadas pelo comunicado do Conselho de Teatro que adiante se publica. Nem de outro modo poderia ser: São gritantes e exigem radical acção cirurgica e medicamentosa os padecimentos que afectam o nosso teatro. Manteve o «Diário de Lisboa» inteira independência, uma objectividade que os nossos próprios pontos de vista nunca turvaram, ao escutar actores e empresários, ao registar um longo depoimento da direcção da Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos, ao ouvir um professor do Curso de Teatro do Conservatório Nacional, enfim ao dar a palavra aos diferentes sectores que mais directamente intervêm na nossa vida teatral. Iluminou o nosso inquérito a situação do Teatro português, denunciando podres, revelando causas da presente crise, apontando soluções.

É indiscutível que houve um amplo debate sobre a situação do Teatro português. É inegável que foram corrigidas por outros depoimentos as declarações carecidas de serenidade ou objectividade. É facto que não se negou a ninguém o direito de ... parecer, nã... tidade resp... lência que ... Não se afir... tro é fe... português ... exemplo, o ... actor e en... tein. Não s... do Estado ... sofia de vi... tã — da c... Não se pr... costumes, ... mular a ... nosso País, ... cançou-se, ... atenção pa... so teatro, ... tir de agor...

Admite o... lho de Teat... funcionais ... nesse camp... ções». Acre... cimento de... que devem... las que dev... mo modo q... gor poderã... Conselho d... deixar de s... gurio, ter ... «todos os r... a publico».

Quanto a... levantado ... as relações ... tores, escr... portante m...

(Conti...

O AVIÃO «fugiu» ao piloto e andou no ar durante duas horas

BURLINGTON (Iowa), 9 — Um avião do Exército com os depósitos atestados de carburante «fugiu» do piloto, no aeródromo municipal de Burlington, levantou voo e evoluiu, perigosamente, a uma altitude de 360 metros, sobre a cidade. Duas horas mais tarde, o aparelho caiu num campo.

A municipalidade de Burlington enviara imediatamente para as ruas da cidade viaturas da Polícia e dos bombeiros.

O piloto — que não chegou a sê-lo — foi tratado no hospital. Declarou que, quando ia fazer girar a hélice, o motor começou misteriosamente a trabalhar. O avião tinha calços colocados diante das rodas, mas escapou-se e começou a percorrer a pista, acabando por levantar voo. O piloto foi ainda arrastado pelo solo. — (F. P.).

Dr. Joaquim Manso

Faleceu há cinco anos — completa-se amanhã — o sr. dr. Joaquim Manso. A orientação que imprimiu ao «Diário de Lisboa» de que foi director e fundador, continua a ser a linha directora do nosso jornal, como a sua memória permanece viva no espírito de todos os que trabalharam sob as suas ordens. Para assinalar esta data, serão celebradas amanhã, ás 12 horas, no altar-mor e no das almas da Basílica dos Mártires, duas missas, uma por iniciativa da família e outra mandada rezar pela empresa Renascença Gráfica.

Jânio ... por ...

Deve esc... boa, onde p... horas, o p... Star», a bo... Janio Quadr... publica dos... sil. O dr. Qu... quele navio ... acompanha... ge-se para a...

O «Urugu... ao cais da ... cantara.

Segundo ... pelos repres... o dr. Janio ... ro em tran... que lhe ape... rote, sair a... Lisboa ou ... entenda.

Agora em Portugal! COLGATE

O CREME DENTÍFRICO MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO!

Agora também pode cuidar dos seus dentes e aproveitar as vantagens oferecidas pelas qualidades que tornaram o creme dentífrico Colgate com Gardol* o preferido em toda a parte.

A espuma intensa do creme dentífrico Colgate penetra entre os dentes, deixando-os limpos e brancos, e com um hálito fresco e agradável. O creme dentífrico Colgate acaba com o mau hálito e ajuda a evitar a cárie dentária. Por isso, também deverá usar o creme dentífrico Colgate.

Compre um tubo ainda hoje e demonstre a si próprio porque é que o creme dentífrico Colgate é o creme dentífrico mais vendido em todo o mundo. Peça a embalagem vermelha já à venda em toda a parte.

O CREME DENTÍFRICO COLGATE:

- V Limpa e embeleza os seus dentes
- V Acaba com o mau hálito
- V Ajuda a evitar a cárie dentária

As crianças gostam de lavar os dentes com Colgate porque adoram o seu delicioso sabor a hortelã-pimenta. Você também o apreciará! Peça a embalagem vermelha já à venda em toda a parte.

APENAS A 5$50

E TAMBÉM A 10$00, 14$00 E 22$50

CDC-8/61

*GARDOL é a marca registada do ingrediente anti-enzimático da Colgate contra a cárie dentária: Sarcosinato de Sódio N - Lauroyl

PASTA MEDICINAL Couto

EVITA estomatites

TRATA doenças da bôca

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA. 257

O «DIARIO DE LISBOA», em Torres Novas, é vendido na TABACARIA CENTRAL e pelo conhecido vendedor sr. Costa Pereira.

elho de Teatro

e necessário corrigir
onais de estrutura

diu no «Diário de Lisboa»

nidade do zado pelo confirma- Conselho e publica. leria ser: adical ac- entosa os o nosso o de Lis- ncia, uma sos pró- ca turva- e empre- go depoi- a de Pre- s de Es- professor nservató- r a pala- que mais a nossa nosso in- atro por- res, reve- te crise,

e um am- o do Tea- l que fo- os depoi- ecidas de de. É fac- inguém o

piloto

horas

9 — Um depósitos fugiu» do nicipal de e evoluiu, titude de de. Duas elho caiu

urlington ra as ruas cia e dos

gou a sê- pital. De- zer girar misterio- pião tinha as rodas, a percor- levantar arrastado

NSO

— com- dr. Joa- o que im- isboa» de dor, con- ectora do memória ito de to- b as suas esta data, ás 12 ho- das almas duas mis- da família pela em- .

NAL

ites da bôca

nho dar pessoas

ARIA

257

em Torres ABACARIA o vendedor

direito de afirmar o seu próprio parecer, não podendo nenhuma entidade responsabilizar-nos pelo silêncio que tenha preferido manter. Não se afirmou que a crise do teatro é fenómeno especificamente português — recorde-se, a título de exemplo, o extenso depoimento do actor e encenador Carlos Wallenstein. Não se pôs em causa a ética do Estado português, nem a filosofia de viver — ocidental e cristã — da comunidade portuguesa Não se preconizou dissolução dos costumes, nem se pretendeu estimular a delinquência juvenil no nosso País. Não: procurou-se e alcançou-se, tão sómente, chamar a atenção para os problemas do nosso teatro, que não poderão, a partir de agora, fingir ignorar-se.

Admite o comunicado do Conselho de Teatro «a existência de erros funcionais ou de estrutura e que nesse campo se impõem correcções». Acrescenta-se, até, o convencimento de que «axistam lacunas que devem preencher-se e fórmulas que devem modificar-se, do mesmo modo que certas normas em vigor poderão alterar-se. Declara o Conselho de Teatro, o que não pode deixar de se apontar como bom augurio, ter tomado na devida conta «todos os reparos uteis que vieram a publico».

Quanto a um problema essencial levantado pelo nosso inquérito — as relações entre empresários e actores, escreve-se: «Sobre tão importante matéria pode anunciar-se

(Continua na 13.ª página)

Jânio Quadros
de passagem por Lisboa

Deve escalar hoje o porto de Lisboa, onde permanecerá cerca de três horas, o paquete inglês «Uruguay Star», a bordo do qual viaja o dr. Janio Quadros, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil. O dr. Quadros, que embarcou naquele navio no porto de Santos, acompanhado de sua família, dirige-se para a Grã-Bretanha.

O «Uruguay Star» deverá atracar ao cais da Estação Marítima de Alcantara.

Segundo informações fornecidas pelos representantes dos armadores, o dr. Janio Quadros é um passageiro em transito, que poderá fazer o que lhe apeteça: fechar-se no camarote, sair a passear pelas ruas de Lisboa ou receber as pessoas que entenda.

O momento em que eram descerradas as duas placas

Foram descerradas duas placas
que dão a duas ruas de Lisboa os nomes de Nascimento Costa e do Engenheiro Maciel Chaves

Foram hoje, de manhã, descerradas, por iniciativa da Camara Municipal de Lisboa as lápidas toponímicas das ruas «Piloto João do Nascimento Costa», aposta no prédio n. 37 da nova via que torneja para a Calçada da Picheleira; e «Engenheiro Maciel Chaves», esta no prédio n.º 14 da respectiva rua, que por sua vez, torneja para a Rua Piloto João do Nascimento Costa.

Em frente de cada uma das lápidas, foram colocadas, como é usual nestas cerimónias, mesas, sobre carpetes vermelhas, rodeadas de vasos com plantas. Ambas as placas estavam cobertas com a bandeira da cidade.

A primeira cerimónia começou ás 10 horas, com a presença dos srs. brigadeiro França Borges e Aníbal David, respectivamente presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; brigadeiro Raul Pereira de Castro, comissário nacional da M. P. (organização em que os homenageados ocuparam todos dos graus da hierarquia); dr. Soares da Fonseca e almirante Filipe Castêla, membros do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação; Simões Maia, comandante do paquete «Santa Maria»; dr. Norberto Costa, secretário-geral do Governo Civil, em representação do chefe do distrito; capitão Baptista, pelo comando-geral da P. S. P.; e muitas outras individualidades.

Presentes também a viuva e o pai de Nascimento Costa. Fórmados e em grande uniforme, os Bombeiros. O povo, que ali se aglomerou, era mantido a distancia por guardas da P. S. P.

O sr. brigadeiro França Borges proferiu um discurso em que começou por dizer que toda a nação vibrou com o assalto ao «Santa Maria» e com a morte heroica do piloto João José do Nascimento Costa, que caiu como um bravo, lutando no seu posto.

Seguidamente, a viuva de Nascimento Costa, descerrou a lápida, após o que foi assinado o respectivo auto.

Pelas 11 horas, no passeio fronteiro, procedeu-se a igual cerimónia, com a presença das mesmas individualidades.

A placa com o nome do eng.º Maciel Chaves foi descerrada por sua filha, menina Maria José Maciel Chaves, de 4 anos, que o sr. presidente da Camara, para tal efeito, ergueu nos seus braços. Estava também presente a viuva do extinto.

Antes do descerramento da lápida, o sr. presidente do Município proferiu um discurso em que referira a acção corajosa de Maciel Chaves na India Portuguesa, definindo-o como símbolo de mocidade, ao serviço do cumprimento do dever: «Foi um dos mártires — disse — a acrescentar á história gloriosa da nossa India».

Terminou afirmando que a Camara Municipal de Lisboa cumpria um acto de gratidão.

Não parecem perdidas
todas as esperanças de acordo entre o Grémio e os Sindicatos bancários

Na ultima reunião semanal dos dirigentes do Grémio dos Bancos e Casas Bancárias — a que não assistiu o respectivo presidente, sr. dr. Leite Duarte, por motivo de doença de certa gravidade —, foi abordado o problema dos funcionários daqueles estabelecimentos de crédito.

Tentámos obter um relato oficial sobre os pontos de vista expressos nessa reunião, no que respeita á proposta revisão do contrato colectivo de trabalho ou, quando essa não fosse julgada oportuna, uma declaração oficial sobre a posição do Grémio. Não nos foi possível conseguir um nem outra, nas condições em que pretendíamos. Atenderam-nos com a maior delicadeza (nem outra coisa esperávamos), mas pediram-nos que compreendessemos um hábito de longe mantido pelos dirigentes daquele organismo: rodear as suas decisões e opiniões do maior segredo.

Entretanto, por informes colhidos em fontes que nos merecem a maior confiança e em círculos afectos a certas entidades patronais, foi-nos possível saber, em traços largos, o que se passou naquela reunião e qual o ponto de vista da maioria dos administradores de bancos e casas bancárias.

Aventou-se a hipótese de o Grémio responder, oficialmente, a certas afirmações por nós reproduzidas sobre a situação da classe bancária. Ponderadas, no entanto, todas as circunstancias e o ponto morto em que estão as negociações entre o Grémio e os Sindicatos, resolveu-se não tornar explícito o ponto de vista da classe patronal, apoiado nas razões ponderosas que, em seu entender, lhe assistem.

Foi examinada, também, a circunstancia de os Sindicatos «terem feito questão fechada do proposto aumento de uma hora de trabalho diária». Assim, «o Grémio apresentara uma contraproposta, a qual parecia não ter merecido a menor consideração», por isso, «não lhe competia reabrir as negociações que não tinham sido por ele fechadas».

Aliás, sugeriram-nos os meios acima referidos, a tabela de vencimentos proposta pelas entidades patronais não era indiscutível, como nunca o foram muitas outras, apresentadas pelo Grémio, durante negociações havidas nos ultimos vinte anos. Constituia uma base de discusão, como aquela que os Sindicatos apresentaram. Entre as duas se chegaria a um acordo.

Houve precipitação de ambas as partes segundo certas opiniões

Parece também, ainda, que a maior parte das entidades patronais estaria de acordo com os aumentos propostos pelos dirigentes sindicais, achando-os justos. Só surgiriam certas dificuldades quanto a algumas casas bancárias com menores lucros do que os grandes bancos. Não se julgava, todavia, isso um obstáculo intransponível, nem os novos ordenados estariam, de todo em todo, fora do alcance desses mesmos estabelecimentos.

A's entidades consultadas, no sentido de auscultarmos o ponto de vista patronal, fizemos, em face daquelas afirmações, sempre a mesma pergunta:

— Essa compreensão pelas reivindicações dos empregados bancários é dependente do assentimento deles, quanto ao aumento de uma hora de trabalho?

Responderam-nos sempre que sim. Nessa conformidade, referimos que, precisamente o que chocara os representantes da classe bancária e a maioria dos seus componentes fora o condicionalismo imposto, de só se negociar depois

(Continua na 10.ª página)

Jardim Zoológico

AMANHÃ, DOMINGO:

MILHARES DE ANIMAIS EM EXPOSIÇÃO

TODAS AS DIVERSÕES

ESMERADO SERVIÇO DE ALMOÇOS NOS RESTAURANTES DO LAGO E POPULAR DA MATA DAS ÁGUAS BOAS

AMANHÃ, DOMINGO, A ENTRADA ATÉ ÀS 13 HORAS — 3$00

Colégio Infante de Sagres

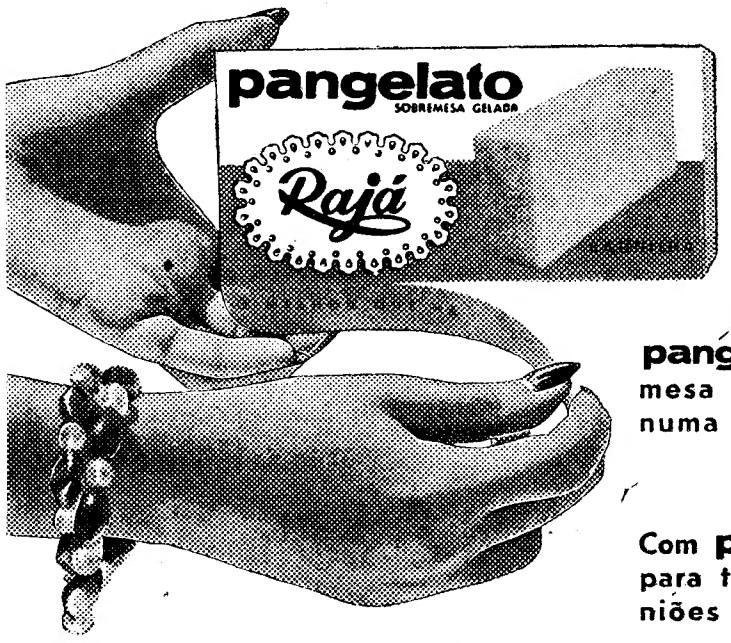
INTERNATO E EXTERNATO MASCULINO

Calçada de Palma de Baixo, 4 — LISBOA — Telefs. 780051 - 781844

Estão abertas as matrículas para todas as classes de Ensino Infantil Primário e Liceal

pangelato

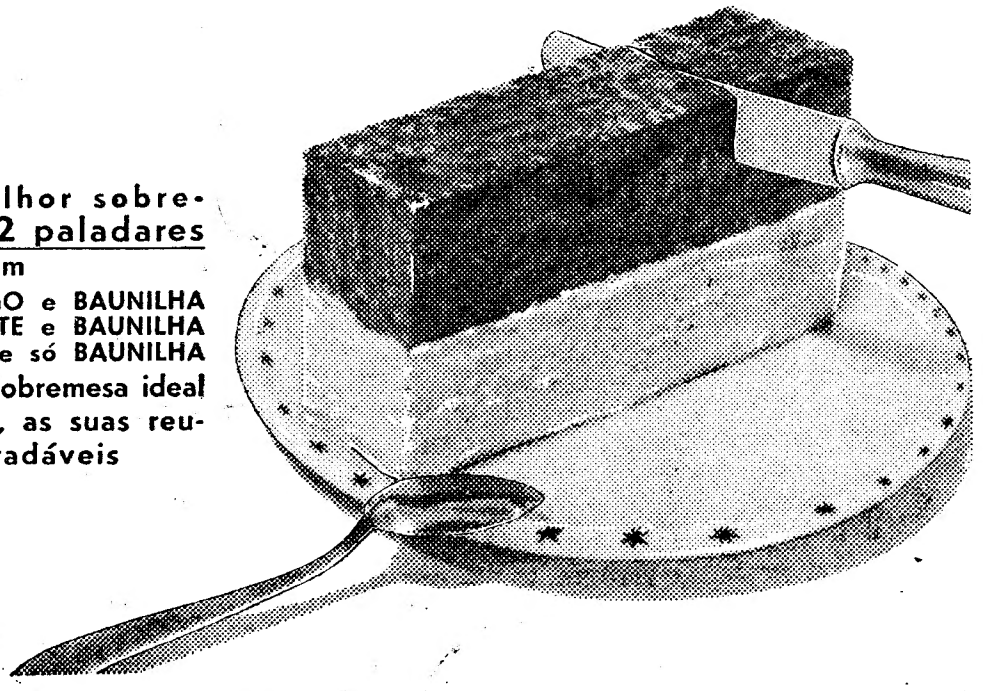
SOBREMESA GELADA



pangelato a melhor sobremesa gelada com 2 paladares numa só embalagem

MORANGO e BAUNILHA
CHOCOLATE e BAUNILHA
e só BAUNILHA

Com **pangelato** sobremesa ideal para toda a família, as suas reuniões são mais agradáveis



Conserve Pangelato no congelador do seu frigorífico e poderá servir a qualquer hora às suas visitas, um delicioso gelado italiano. Fabricado com a colaboração da Alemagna Panettoni de Milão.

mais um produto Rajá o melhor gelado que há

CIESA P-2

A situação dos empregados nos estabelecimentos bancários

(Continuação da página central)

de assente o aumento do período de trabalho. Quando em todos os países, a tendência era para diminuir as horas de trabalho; quando se julgara, há anos, com perfeito acordo de patrões e empregados, ser ideal o período de trabalho a cumprir por estes, entendem os interessados não fazer sentido a contraproposta apresentada pelo Grémio. Fora até considerada ofensiva pelos funcionários dos estabelecimentos de crédito. Mais ainda: a forma como fora apresentada, a imposição de ou aceitar a hora a mais, ou ter os vencimentos aumentados na ordem dos 3,9 % *(aumento oficial do custo de vida)* segundo o argumento invocado, fizera, isso sim, questão fechada de todas as negociações em curso.

As individualidades referidas concederam que, de facto, talvez tivesse havido uma certa precipitação de ambas as partes, tendo a vivacidade do debate acentuado o acantonamento de cada uma delas em posições irredutíveis.

Parecia-lhes, porém, não estarem ainda perdidas todas as esperanças de acordo entre o Grémio e os Sindicatos, nem esgotados todos os meios para se trilhar um caminho de maior maleabilidade e compreensão, até porque não julgavam completamente irredutível a questão do aumento da hora.

Deposita-se a maior esperança numa reunião magna dos bancários

A esse respeito correm já, aliás, diversos alvitres, como aquele que foi sugerido: aumento de uma hora por dia e sábado inteiramente livre.

Esses mesmos círculos depositam as maiores esperanças numa reunião magna da classe, que se realizaria em Lisboa, como consta, dentro de alguns dias. Tudo se poderá ainda compor, em sua opinião. Ao interpretarem o ponto de vista patronal, afirmaram-nos que a classe bancária é tida na maior consideração pela esmagadora maioria dos administradores e accionistas dos estabelecimentos de crédito. Daí, nada estar perdido ainda, desde que o bom-senso venha a iluminar os negociadores, cedendo cada uma das partes, sem quebra da dignidade inerente a cada uma delas, nem do espírito de justiça que deve presidir a toda a solução equanime.

Se, como insistentemente nos asseveraram, é este o ponto de vista da maioria dos componentes da classe patronal, expresso em conversas efectuadas, particular e separadamente, e no exemplo que dá á testa de diversos bancos, onde paga mais do que os mínimos e protege os empregados com assistência social mais ou menos completa, parece-nos ser possível reatarem-se as negociações e chegar-se a acordo. Oxalá assim seja, para honra e proveito de ambas as partes e para que se dê um exemplo de alto significado a outras entidades patronais e sindicais.

Uma cláusula contratual interpretada erradamente

De um empregado bancário do Porto recebemos uma carta em que analisa uma das cláusulas do contrato colectivo de trabalho, aduzindo, desse modo, mais uma razão para a necessidade de o mesmo instrumento ser revisto. Afirma, designadamente:

«A cláusula 43.ª estipula que nenhum empregado pode permanecer na classe «F» por mais de 10 anos, devendo transitar á categoria imediata (classe «E»), se a entidade patronal assim o entender.

Ora acontece que, decorridos cinco anos de vigência desta disposição e não obstante as diligências realizadas por alguns empregados, a realidade dos factos, tal como se encontra consubstanciada na situação de centenas de funcionários, permite concluir que o carácter facultativo daquela disposição se traduziu na negação sistemática do benefício que se esperava dever resultar da sua introdução na revisão de 16/4/57. Porém, o espírito que presidiu á sua aprovação, e consequente introdução no mesmo contrato, não pode comportar a interpretação que lhe vem sendo dada pela entidade potronal (1) uma vez que a não obrigatoriedade se destinava apenas a permitir a sua não aplicação a casos excepcionais, mas nunca considerá-la como tradução da sua não existência, pois seria contraditória a introdução duma norma num contrato á qual não correspondessem novos efeitos práticos.

A interpretação dada pela entidade patronal á cláusula referida não é honesta, nem está de acordo com a chamada regra da boa-fé, que manda que entre duas interpretações deve ser preferida aquela da qual resulte um efeito util e não aquela segundo a qual não há qualquer efeito, sendo de considerar violado um contrato por um comportamento que, embora respeite a sua letra, não respeita o espírito de determinação da sua forma literal.

Pois bem, qualquer dos Bancos referidos tem centenas de funcionários que há muito tempo deveriam ter beneficiado da transição da classe prevista na disposição referida; no entanto, só porque a letra da lei lhes faculta não serem justos para com os seus servidores, a quem devem uma boa parte da próspera situação de que desfrutam, procedem como se tal cláusula não existisse».

A situação dos empregados dos Serviços de Notas e Impressos do Banco de Portugal

Do sr. José Maria Augusto da Silva, funcionário do Banco de Portugal há 53 anos e que desempenha funções nos Serviços de Notas e Impressos do Banco de Portugal, recebemos uma carta em que declara não ter sido ele o signatário da missiva que, sob a epígrafe acima, publicámos no dia 4 do corrente. Por esse motivo, repudia essa carta, considerando que, se alguém pretendeu usar o seu nome, o facto constitui grave abuso. E acrescenta:

«Será esse um processo condenável de autêntica especulação jornalística a que o jornal da ilustre direcção de V. é, necessáriamente, estranho».

Achamos que o sr. José Maria Augusto da Silva tem inteira razão no seu protesto, se de facto o seu nome foi utilizado, ainda quando para assinar uma carta que debate, com toda a seriedade e a maior correcção, um problema existente. A legalidade e justiça do fim a atingir não poderia justificar a pouca seriedade do meio usado.

Se o nosso primeiro correspondente queria manter o anonimato, quando da publicação da carta, devia dirigir-se-nos nesse sentido. Não havia que ter medo, como o não tiveram tantas centenas de colegas seus, de que o revelássemos contra sua vontade.

O que não entendemos bem é a referência do sr. José Maria Augusto da Silva, funcionário do Banco de Portugal há 53 anos (repetimos esta qualidade para evitar confusão com o primeiro signatário), *á autêntica especulação jornalística.* Bem sabemos que o nosso respeitável correspondente se apressa a declarar que a ela é *necessáriamente estranho o nosso jornal.* No entanto, julgamos que está mais dentro da realidade classificar a especulação de *antijornalística,* visto com ela se poder prejudicar o jornal, ou os jornalistas. E' claro que se tivesse havido quaisquer suspeitas de que alguém pretendia fazer-se passar por este funcionário do Banco de Portugal, não teriamos publicado a primeira carta, por mais verdadeiras que nos parecessem as afirmações nela contidas.

De resto, o próprio signatário da segunda missiva também não tem uma certeza absoluta, pois escreve que *«a confirmarem-se as suas suspeitas, não prescindirá do competente procedimento contra o autor de tamanho abuso».*

A incompreensão de alguns pelos direitos cívicos dos outros

Mas talvez a causa desse abuso (dizemos causa e não justificação, note-se bem) resida em certos factos que nos têm sido referidos em diversas cartas:

«Apesar de tudo, aqui estou para relatar a V. que, desgraçadamente, não é mentira aquilo que o «Diário de Lisboa» publicou acerca das perseguições aos empregados que se manifestem, mesmo veladamente, a favor desta campanha em que lutamos pela sobrevivência... Factos bem mais graves havia ainda a apontar, mas, para desgraça nossa, a mordaça começa a ameaçar-nos sèriamente. E ai daquele que recalcitrar: verá tolhida a sua carreira de empregado bancário. Quando, há dias, nesta cidade (o Porto), se esboçou um simples movimento de apoio moral á direcção do nosso Sindicato, num Banco que sem sombra de duvida tem mais responsabilidades do que qualquer outro, os empregados foram *impedidos* e parece que ameaçados de represálias, se cometessem o *magno crime* de inscreverem os seus nomes junto dos dos colegas dos outros Bancos, numa mensagem que dizia textualmente o seguinte: «Ao Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto. Porto. Os abaixo assinados, empregados bancários, apoiam incondicionalmente a atitude sábia e digna de V. perante as negociações ora em curso com o Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, atitude que traduz em absoluto todo o nosso sentir, testemunhando desta maneira a sua inteira solidariedade com a Direcção desse Sindicato». Apenas isto que, como se vê, dispensa comentários...».

Noutra carta, este «post-scritum» significativo:

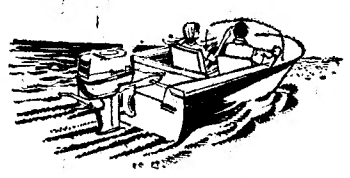
«Agradeço a V. se digne publicar a minha carta com o meu pseudónimo, para evitar-me aborrecimentos profissionais».

Estes factos revelam a existência de pessoas que não respeitam o livre exercício de um direito cívico fundamental: exprimir opinião em defesa dos seus legítimos interesses, de maneira correcta. Como, há dias, nos dizia o sr. Padrel Correia, não são, as mais das vezes, culpadas as administrações dos Bancos, mas sim certos chefes de serviços a quem a posição de chefia obscureceu as faculdades, anulando até os mais elementarem sentimentos de humanidade e de justiça. E, ainda fiados na boa-fé da maior parte das pessoas que intervêm neste assunto, quer dum lado, quer doutro, estamos convencidos de que os problemas serão conduzidos com a consciência do respeito pelas opiniões dos que defendem legitimamente os seus pontos de vista.

(1) O autor aponta alguns Bancos, cujos nomes omitimos, de acordo com o princípio de perfeita isenção que adoptamos.

A VELA

K.L.G



Especialmente concebida para motores, fora de borda, garantir-lhe-á

- Um arranque mais fácil, a partir de uma menor voltagem, devido à concepção especial dos seus eléctrodos.
- Funcionamento mais suave do motor, em qualquer regime, devido à melhor circulação da mistura explosiva na boca da vela.
- Total resistência à corrosão, graças à niquelagem do corpo da vela.
- A embalagem de protecção em plástico transparente, permite a sua armazenagem no próprio barco sem perigo de deterioração.

A VELA QUE LHE DARÁ A POSSIBILIDADE DE OBTER O MÁXIMO PRAZER NO SEU DESPORTO FAVORITO!

ADQUIRA-A NOS PRINCIPAIS REVENDEDORES COSTEIROS

Manuel dos Santos Gamelas	— Aveiro
Ruy Montargil	— Fig. da Foz
José d'Almeida Junior	— S. Mart. do Porto
Soc. Com. de Aprestos Marítimos	— Peniche
Gar. Central de Guilherme F. Gomes	— Monte Estoril
Auto S. Tiago	— Sesimbra
Corrêa Gonçalves	— Setubal
Castelo & Caçorino, Ld.ª	— Portimão
M. Salvador Vaz Palma	— Vila Real de St.º António

NO SEU FORNECEDOR HABITUAL OU NOS AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL, A

Sociedade de Lubrificantes Ingleses, Lda.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 73-A — TELEFONE 58141 — LISBOA - 1

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

AVISO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do n.º 1.º do art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir, em sessão extraordinária, no dia 16 do corrente, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, ao Parque Eduardo VII, a fim de a Direcção dar conhecimento aos sócios das diligências efectuadas com vista á revisão do Contrato Colectivo de Trabalho dos Empregados Bancários, e dos resultados obtidos.

Nos termos do § unico do art.º 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar á hora marcada nos avisos da convocação, com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer numero de sócios.

Em observancia do disposto pelo despacho de 8 de Janeiro de 1948, publicado no «Diário do Governo» n.º 9, II Série, de 12 do mesmo mês e ano, só podem tomar parte na Assembleia os sócios no pleno gozo dos seus direitos que, portanto, tenham sido aprovados há mais de doze meses, pelo que a admissão á reunião será feita exclusivamente perante a apresentação do cartão de sócio (até ao numero 6228, inclusive).

Lisboa, 7 de Setembro de 1961.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **José António de Sequeira Fontes**

Banco Pinto & Sotto Mayor

Dividendo por conta do exercício de 1961

A partir de 11 de Setembro corrente está a pagamento na Sede e nas Filiais o dividendo por conta do exercício de 1961 na importancia ilíquida de Esc. 80$00, por acção.

Lisboa, 8 de Setembro de 1961.

A ADMINISTRAÇÃO

UM HOMEM CONTRA CINCO

por BURT ARTHUR

Folhetim semanal do

Diario de Lisbôa

27

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Cal Tierney, que protegia uma diligência assaltada pòr cinco bandidos, viu cair os dois postilhões, vitimados por balas assassinas. Atordoado, despertou ferido, mas decidiu prosseguir a luta, para recuperar a arca que os facínoras tinham roubado. Nessa luta de um contra cinco, matou dois dos assaltantes e, perseguindo-os na própria casa onde eles se acoitavam, em pleno campo, nela entrou por um alçapão. Servindo-se de um dos criminosos como escudo, vai tentar prender os dois, já feridos, que ainda lhe resistem.

CAPÍTULO VI

O outro encolheu os ombros. Os lábios de Cal apertaram-se com força. Agarrou o homem, empurrou-o para as escadas da cave e espetou o cano do revólver entre as costelas do prisioneiro.

— Diz-lhes que subam.

Os olhos do outro brilharam como contas, mas o cano do «Colt» enterrou-se um pouco mais fundo.

— Luke! — gritou o bandido.—Pete! Saiam daí.

Não houve resposta. O homem voltou-se, olhou para Cal e tornou a encolher os ombros.

— Muito bem, já que os teus amigos assim o querem, iremos lá buscá-los — disse Cal secamente. — Tu segues á minha frente, mas vê se marchas devagarinho e não tentes qualquer partida, porque te arrependes. Este meu «Colt» tem uma disposição muito ordinária, tal qual a minha. Quando alguém se arma em esperto, nós dois agimos ao memo tempo. Mete isso na cabeça, para o caso de estares com ideias esquisitas. Vamos.

O homem hesitou.

— Toca a andar — sibilou Cal, empurrando-o com o cano do revólver.

Desceram os degraus lentamente. Cal seguia quase colado ao prisioneiro que lhe servia de escudo. Ao aproximarem-se do ultimo degrau, o homem atirou-se inesperadamente para o lado, por cima do corrimão. Um tiroteio ensurdecedor encheu a cave. Cal já vislumbrara um vulto sentado numa tarimba com uma espingarda nas mãos, e

28

outro acocorado por detrás de um barril. Virou para eles o revólver e desatou a premir o gatilho, tão atento á pontaria que só deu conta de que o tiroteio terminara quando esvaziou o carregador. Nos ouvidos ressoavam-lhe ainda o toque de mil campainhas quando o fumo começou a subir para o tecto. Viu, então, que o barril atrás do qual se acocorara um dos bandidos, estava agora de lado, sobre o corpo do homem que ainda empunhava o «Colt». Quanto ao outro, jazia semi-deitado sobre a tarimba. Deixara cair a espingarda no chão. Instintivamente, Cal tornou a carregar o revólver Olhou duramente para o homem de olhos de conta, que se colara á parede.

— Devia dar cabo de ti também — disse. — E talvez ainda o venha a fazer. Traz cá para cima estes dois malandros mas não lhes mexas nas armas.

O homem afastou-se da parede e, sob o olhar vigilante de Cal, aproximou-se do companheiro semi-deitado sobre a tarimba, agarrou-o pelo colarinho da camisa, e puxou-o ao longo do sobrado, deixando-o cair aos pés de Cal. Depois, afastou-se, fez rolar o barril de cima do outro cadáver agarrou-o por uma perna e puxou-o ao longo da cave até á escada. Cal arrancou o «Colt» dos dedos do morto e enfiou-o no cinto.

— Lá para cima com esses dois — ordenou.

O homem de rosto magro lançou-lhe um olhar de través, mas, quando os olhos de Cal brilharam de ameaça, inclinou-se, passou o braço válido pela cintura de um dos cadáveres e, carregando-o e arrastando-o levou-o pela escada acima. Cal seguiu-o de revólver aperrado, ate meio do lance, e, quando o outro desceu, recuou também.

— Como te chamas? — perguntou Cal.

Os dois olhinhos de conta chisparam chamas, mas estas logo se extinguiram

— Chamam-me o «Raposo» — respondeu.

Os dois cadáveres foram trazidos para o exterior, erguidos e deitados sobre a garupa dos cavalos, sendo então amarrados. Um terceiro corpo, o do homem que se despenhara lá de cima do telhado. foi içado e amarrado á garupa de um terceiro cavalo.

29

— Vamos — disse Cal. — Ainda há um no telhado.

— Para que o quer você ?

Cal dardejou-lhe um olhar sombrio.

— Vamos, já disse — ordenou, sem fazer caso da pergunta do outro. — Marcha á minha frente.

Vendo que o outro não respondia, e nem mesmo erguia a cabeça, chegou-se ao pé dele, agarrou-o pelo peitilho da camisa e obrigou-o a pôr-se de pé.

— A arca de madeira — disse, aproximando o rosto do miserável. — Está lá em baixo na cave. Vamos lá buscá-la. Empurrou violentamente o homem e os dois voltaram a entrar em casa.

*

— Cerveja — disse o homem alto, encostando-se ao balcão.

— Imediatamente — respondeu o criado. Dobrou o pano, limpou a superfície do balcão, lançou um breve olhar ao homem, seguido de outro mais atento, e um sorriso pairou-lhe por momentos nos lábios.

O homem lançou-lhe um olhar zangado e o criado afastou-se rápidamente. O homem também se moveu, de forma a poder mirar-se melhor no espelho, por trás dos copos alinhados. Contemplou-se alguns momentos e depois sacudiu a cabeça.

— Que grande tareia — murmurou. — Nem a minha própria mãe seria capaz de me reconhecer. Um olho todo fechado. O outro tem mais cores em volta que um pôr-do-sol no deserto. O nariz todo esfolado e inchado. Dois dentes foram-se. Realmente, valho bem um espectáculo.

caneca de cerveja espumosa.

Dois homens entraram no «bar» e o criado moveu-se ao longo do balcão para lhes ir ao encontro. Um deles era Cap Howard, com a bigodeira mais decaída do que nunca; o outro, alto e magro, ostentava uma estrela de prata no peito da camisa.

— 'Dia, Cap — cumprimentou o criado. — 'Dia, «xerife».

— Bom dia, Jerry — responderam os dois recém-chegados ao mesmo tempo.

30

— Então o que há-de ser, cavalheiros?

— «Whiskey» — encomendou Howard. — Duplo.

O criado acenou e afastou-se. Howard e o «xerife» inclinaram-se sôbre o balcão.

— O que me espanta, Cap — disse este — é que você tenha contratado um tipo de quem nada sabia e que o tenha enviado a guardar um carregamento de ouro.

Howard olhou-o e riu-se.

— Carregamento de pedras, quer você dizer — emendou.

— Quê? Pedras? Foi o que você disse?

— Isso mesmo.

— Quer então dizer que naquela caixa forte, iam pedras em vez de ouro?

— Justamente.

— Mas, então, o que aconteceu ao ouro que você devia despachar para Leste?

Howard soltou nova risada.

— Mandei-o para Leste — anunciou calmamente.

O «xerife» não insistiu mais nas perguntas. Limitou-se a esfregar o queixo com as costas da mão, coçou o nariz e lançou a Howard um olhar curioso.

— Estou a ver que você ficou na mesma — explicou Howard. — O carregamento do ouro era demasiado valioso para se poder perder, de forma que eu tive que tomar as minhas precauções. A coisa a fazer era despistar o «Raposo», caso este se lembrasse de nos atacar. Você que o bandido preparava uma das suas. De forma que expedi o ouro por via diferente da costumada.

— Continue. Sou todo ouvidos.

— Para dar seriedade á mascarada, enchi uma caixa forte de pedras e enviei-a sob a guarda de Sam, Tom e desse tal Tierney pela via habitual. E' claro que não disse a nenhum deles o que estava dentro da arca. Podia arruinar o meu plano, tanto mais que eu queria ver como reagiria o Tierney sob o fogo. E você já sabe o que se passou.

— Sim — disse o «xerife» — «Raposo» e a sua quadrilha assaltaram a diligência.

31

— Precisamente. Mas como abateram eles Sam e Tom e pouparam o Tierney? Cheira a esturro, não é verdade ?

— Sim, cheira a esturro — concordou o «xerife» Se quer saber a minha opinião, Howard, Tierney faz parte da quadrilha do «Raposo».

Howard acenou a cabeça com ar infeliz

— E' o que me parece — admitiu. — Tenho muita pena de ter perdido o Sam e o Tom. Eram dois bons homens e custa vê-los desaparecer tão inglòriamente. Mas o tal Tierney enganou-me completamente. Julguei-o um tipo ás direitas Em vez disso, revelou-se um patife, um salteador, ligado a uma quadrilha de assassinos.

— Um momento, «mister» — atalhou o homem alto, de cara feita num bolo, dirigindo-se a Howard e ao «xerife», que se entreolharam com espanto. — Esse tal Tierney de que estão a falar, é um garoto alto, forte e de cara simpática?

— Lá alto e forte, é verdade — respondeu Howard. — Mas não posso dizer que tem uma cara simpática, porque a ultima vez que o vi, tinha um olho negro e falava por entre os lábios inchados

— Não é Cal, o seu nome próprio?

— Sim Porquê? O senhor conhece-o?

— Conheço-o como ás minhas mãos — disse o homem alto. — E se o senhor torna a dizer que Cal Tierney é um salteador. faço-o engulir a dentadura pela garganta abaixo.

O «xerife» empertigou-se.

— Para o caso de o ignorar, «mister» — disse, gaguejando um pouco e corando até á raiz dos cabelos — fique sabendo que represento a lei nesta terra. Portanto, aconselho-o a usar uma linguagem delicada, ou...

— Eu não me dirigi a si, mas sim ao seu amigo.

— Não há novidade, «xerife» — disse Howard. — O senhor afirma então conhecer o Tierney?

— Sim, e é o rapaz mais sério que até hoje tenho conhecido. Trabalhou para mim durante sete anos, e julgo, portanto. conhecê-lo bem.

— Porque foi que ele deixou o seu serviço? — perguntou o «xerife».

O outro pareceu ficar um pouco atrapalhado.

32

— Bem, o caso é que houve uma desinteligência entre nós, e quando eu o censurei, ele respondeu-me de maus modos. Perdi a cabeça e arrumei-lhe dois murros...

Howard, encostado ao balcão, sorriu-se.

— E ele respondeu-lhe na mesma moeda.

— E com juros!

— Então, o amigo chama-se Lane.

— Precisamente. Ed Lane. Possuo o Círculo X, lá para as bandas de Plattsville.

— Sei onde é — disse Howard. — Mas voltando a...

O criado, que fora até á porta do salão, voltou-se subitamente.

— Eh! — gritou, excitado, e os três homens olharam-no. — Venha cá, Cap, e veja o que vem a descer a rua. O senhor também, «xerife».

Howard, o «xerife» e Ed Lane dirigiram-se apressadamente para a porta. O criado afastou-se para lhes dar passagem. Outros homens na rua tinham parado e olhavam agora com o pasmo pintado no rosto. Cap, o «xerife» e Lane saíram para o passeio. Uma cavalgada de seis cavalos dirigia-se ao seu encontro. Á frente, vinham Cal Tierney e um homem com o braço todo ensanguentado. Seguiam-nos quatro cavalos, cada um deles com um cadáver amarrado á garupa.

— Aí tem o rapazinho que o senhor alcunhou de salteador — disse Lane.

— Com mil demónios! — murmurou Cap Howard.

— Aprisionou o «Raposo» — disse o «xerife» — e matou o resto da quadrilha. — Aquele gaiato vale por uma duzia de homens, Cap...

— Que é?

— Talvez fosse bom você não revelar que a arca só continha pedras. O rapaz pode enfurecer-se e...

— Estava a pensar a mesma coisa — respondeu Howard.

F I M

VENDE-SE
em Sesimbra

Um prédio para habitação, composto de cave e telheiro, rés-do-chão e sótão, situado na Rua Candido dos Reis n.º 87 (rua principal da vila).

Um outro prédio que serve de garagem, situado na mesma Rua Candido dos Reis n.º 85.

(Estas duas propriedades podem vir a ser demolidas, se ao comprador interessar, para no seu lugar se construir um prédio de rendimento).

Uma propriedade mista composta de casa térrea, pequena adega e casa de arrecadação, e terrenos com uma área de cerca de 20.000 m2, situada no aprazível lugar de Charneca da Cotovia concelho de Sesimbra. A curta distancia encontra-se água canalizada e electricidade.

Tratar em Sesimbra com Joaquim Pinto Castanho, João Maria dos Anjos Junior ou Luís Costa Cheis; em Lisboa com «SOCOMIR» — Telefone 36 68 48.

SURDEZ?

Experimente os modernos aparelhos auditivos, unicos no Mundo, garantidos por 3 anos.

BONOCHORD

Peça folhetos grátis

MICRO-SOM, LDA.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º
PORTO: Praça da Batalha, 3-4

QUER COMPRAR

CARPETES TAPETES
E PASSADEIRAS
Consulte o armazém de revenda de
MANUEL C. PAULINO
Rua Jacinto Nunes, 6-A — Lisboa
(á Rua Morais Soares)
Telefone 834104

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide no Salão Royal.

APRESENTAÇÃO EM PORTUGAL
DOS NOVOS MODELOS

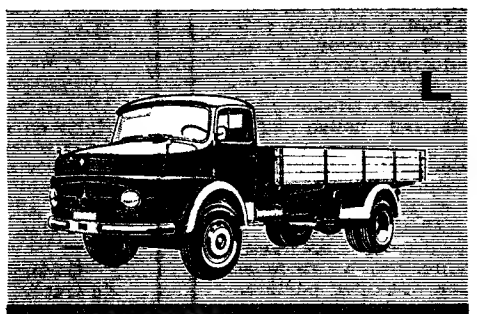
MERCEDES-BENZ

L 328
LK 328
LP 328

Peso bruto máximo 9600 kg.

Peso bruto máximo do reboque 7600 kg.

Caixas de carga com o comprimento de 3,43 a 7,34 metros

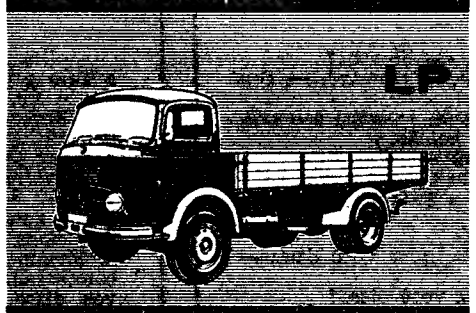


L 328

CABINA SEMI-AVANÇADA

LK 328

CAB. SEMI-AVANÇADA-BASCULANTE



LP 328

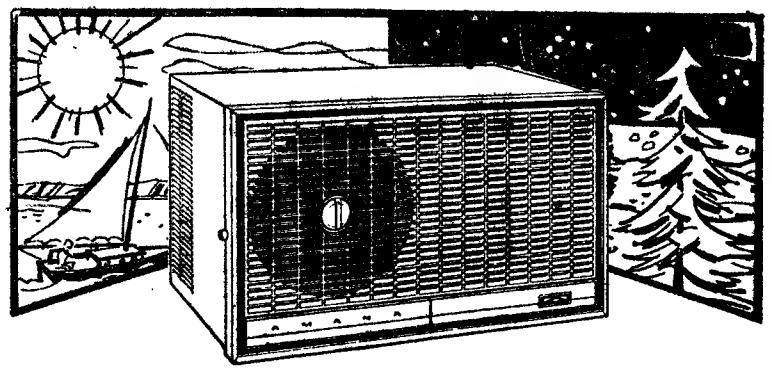
CABINA AVANÇADA

- Motor Diesel 6 cilindros, 110 h. p.
- Caixa de 5 velocidades, todas sincronizadas
- Diferencial hipoide
- Travões c/ servo freio a ar comprimido
- Freio motor

UM NOVO SUCESSO MERCEDES-BENZ

C. SANTOS LDA.

Lisboa — Avenida da Liberdade, 29-41 • Braga — Av. Marechal Gomes da Costa
Porto — R. de Sta. Catarina, 160-168 • Olhão — Avenida da República, 152
Coimbra — Av. Fernão de Magalhães, 70-78 • Agentes em todo o país



ARREFECE NO VERÃO | AQUECE NO INVERNO

CONDICIONADOR DE AR **Amana**

TORNE O SEU PRÓPRIO CLIMA APRAZÍVEL NO VERÃO OU NO INVERNO. É MAIS BARATO E MAIS FÁCIL DO QUE PENSA

SILÊNCIO PERFEITO — GRANDE CAPACIDADE DE ARREFECIMENTO, até mesmo na quadra mais quente e nos dias de calor intenso.

BOMBA DE CALOR MUITO EFICIENTE — Regulando o aparelho para a posição de aquecimento, o AMANA «Year'Round» torna-se um eficaz aquecedor do ar. V. Ex.ª conseguirá com o AMANA o dobro do calor obtido com outro aparelho vulgar.

DESCONGELAÇÃO AUTOMÁTICA — Os aparelhos vulgares de aquecimento por bomba de calor tendem a formar gelo. O AMANA «Year'Round» possui um descongelador automático.

O FILTRO PERMANENTE, desmontável, de fácil limpeza e substituição, filtra completamente o ar, eliminando poeiras e outras impurezas.

COMPLETAMENTE AUTOMÁTICO — Basta regular o aparelho. O funcionamento é inteiramente automático, de verão ou de inverno.

O «AMANA» É UM APARELHO DE FÁCIL MONTAGEM

Aquece, arrefece, filtra, desumidifica, desodoriza e renova o ar para um conforto ideal.

Refrigeração **POLAR** LIMITADA
RUA DA EMENDA, 66 r/c. F.

STAND
Av. Almirante Reis, 94 C Tel. 73 37 55

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve-Ceal

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 43.000.000$00

Sede: Rua Rodrigo da Fonseca, 49-1.º — Lisboa

OBRIGAÇÕES DE 4% — 1956

Tendo-se procedido nesta data ao sorteio de obrigações desta Companhia, foram extraídos os seguintes numeros:

93	3.591	9.061
508	4.058	9.069
563	5.566	12.004
1.041	8.045	12.065
1.060	8.071	12.518
1.083	8.590	13.025
3.006	9.017	13.052

2.601 a 2.700, 12.201 a 12.300, 13.901 a 14.000.

Lisbòa, 1 de Setembro de 1961.

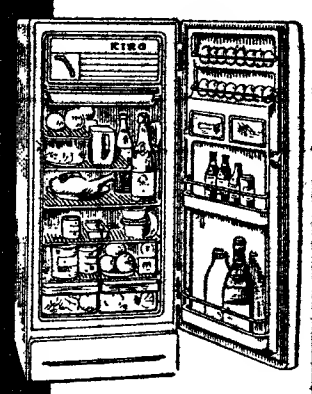
O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Alberto Corrêa Figueira

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ APRESENTA

KING

PREÇOS FIXOS COM IMPOSTO DE CONSUMO JÁ INCLUÍDO



110 lts.	modelo de mesa	3.990$
110 lts.	mod. de parede	4.250$
120 lts.	modelo de mesa	4.250$
155 lts.	freezer 2/3	5.250$
155 lts.	freezer total	5.500$
200 lts.	freezer total	6.500$
200 lts.	congelador	6.990$

COMPRE MELHOR, COMPRANDO A PREÇO FIXO!

E. T. À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTE
ROBERTO CUDELL, L.DA

EM BRAGANÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na agência do SR. ANTÓNIO GUEDES.

Força Aérea

Direcção do Serviço de Recrutamento e Instrução
CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1

ANÚNCIO

Pessoal equiparado a militar pára-quedista

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE OFICIAIS GRADUADOS MÉDICOS E VETERINÁRIOS

Encontra-se aberto concurso para o provimento de três vagas de oficiais graduados médicos e de duas vagas de oficiais graduados veterinários.

Os interessados deverão apresentar no Centro de Recrutamento N.º 1 da Força Aérea, Rua Andrade Corvo N.º 25, os seguintes documentos dentro de 30 dias a contar da data da publicação do presente anuncio:

— Requerimento dirigido a Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Aeronáutica.
— Certificado de registo climinal e policial.
— Declaração a que se refere o Decreto n.º 27.003.
— Certidão de nascimento (teor).
— Publica-forma da carta de curso.
— Curriculum vitae
— Outros documentos que o candidato julgue de interesse, abonatórios da sua competência profissional.

Do requerimento deverá constar a morada, numero, data da emissão e arquivo de identificação do bilhete de identidade.

O CHEFE DO CENTRO
Eurico Gonçalves Monteiro
Maj. Art.ª

FEIRA DE S. MIGUEL NA CIDADE ESPANHOLA DE CÁCERES

De 26 de Setembro a 1 de Outubro de 1961

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhois (RENFE), vende, nas estações de Abrantes, Crato, Elvas, Entroncamento, Lisboa (Santa Apolónia), Marvão-Beirã, Portalegre, Santarém, Tomar, Torre das Vargens, Tramagal e Vila Franca de Xira, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos para a estação de Cáceres, por ocasião da feira de S. Miguel naquela cidade.

Validade dos bilhetes: á ida: de 21 de Setembro a 1 de Outubro; á volta: de 26 de Setembro a 6 de Outubro.

Peça informações e adquira o seu bilhete nas estações atrás referidas.

Informações Ibéria
Telef. 21696

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Esta venda começar-se-á a fazer às sextas-feiras na estação do Cais do Sodre.

Aos domingos, tanto do lado da Avenida 24 de Julho, como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos Srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro Oeiras, Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações.

O comunicado do Conselho de Teatro

(Continuação da página central)

que está em estudo o seu condicionamento jurídico, cuja aplicação se transferiu para o âmbito do Ministério das Corporações, aliviando-se assim a Inspecção dos Espectáculos, que poderá dedicar-se melhor a outras actividades mais consentaneas com os seus fins e objectivos, logo que sejam criados naquele ministério os respectivos serviços».

Anuncia-se, o que não deixará de suscitar o júbilo de todos os que amam o teatro, estarem «em preparação as modificações de estrutura das comissões que interferem com a censura dos espectáculos, por forma a procurar atender-se, no que for considerado como legítimo, a reclamações que têm sido formuladas sobre o seu funcionamento e constituição».

Lamenta o Conselho de Teatro que não haja aparecido qualquer objecção quando da promulgação dos diplomas que vieram regulamentar os espectáculos, em 20 de Novembro de 1959. Mas, e é o que importa agora, promete que serão estudadas cuidadosamente as críticas surgidas no decorrer do nosso inquérito, «na certeza de que, se forem pertinentes, não deixarão de ser consideradas»

Confessa o Conselho de Teatro que, quanto á aplicação das verbas disponíveis do Fundo de Teatro, concluiu serem «razoáveis algumas críticas e objecções feitas a critérios anteriormente adoptados Nomeadamente as que se referem ao limitado âmbito dos beneficiários do Fundo de Teatro».

Anuncia o Conselho de Teatro, por fim, a sua orientação para a próxima época teatral: Da eficácia da orientação agora adoptada poderão ajuizar os leitores que tenham lido e meditado os depoimentos recolhidos pelo nosso inquérito. O Conselho de Teatro, por seu turno, declara ter «consciência de que o esquema agora adoptado pode servir bem a causa do Teatro português». Para consolo dos que julgam insuficientes as disposições agora anunciadas, regista-se que o comunicado do Conselho de Teatro conclui por dizer:

«Mas pode desde já prever-se que virão novas épocas teatreis em que aquilo que se adoptou agora terá, naturalmente de ser alterado, o que não deixará, evidentemente, de fazer-se, porque está nos nossos propósitos promover quanto for aconselhável para servir o melhor que possível for a causa do teatro em Portugal».

Ao transcrevermos estas palavras, não podemos deixar de manifestar a nossa satisfação por termos tomado a iniciativa de promover o inquérito sobre a crise do teatro, que, sejam quais forem os aspectos por que se encare a forma de que se revestiu, sempre teve uma grande utilidade, como resulta da própria leitura do comunicado que acima transcrevemos.

O texto do comunicado

Os problemas que respeitam ao teatro têm sido nos ultimos tempos amplamente tratados. Mas talvez porque a origem do debate, se e que verdadeiramente este existiu, se tivesse por vezes apresentado com aspecto e em circunstancias nem sempre dignificantes, os depoimentos carecem frequentemente da serenidade e objectividade indispensáveis.

Quem desprevenidamente ler as muitas declarações que foram feitas poderia chegar á conclusão de que a crise do teatro é fenómeno especificamente português e em qualquer caso da responsabilidade exclusiva do Estado e mais concretamente do Governo e do Conselho de Teatro. A verdade é, todavia, e por desgraça, muito diferente e essa crise, pelo menos nos países que têm civilizações comuns á nossa, apresenta-se com as mesmas consequências que, entre nós, afligem esse tão importante sector cultural.

Não é, porém, viável neste comunicado, que se destina fundamentalmente a dar conhecimento das decisões do Conselho de Teatro para a próxima safra teatral, fazer ampla análise das opiniões expendidas, das críticas apresentadas, de afirmações e até insinuações que vieram a publico. Esperamos que em outra oportunidade, que talvez não venha longe, possamos apresentar a nossa versão, e suficientemente documentada, a fim de que os que se interessam pelo teatro, como teatro, possam com verdade tirar as suas conclusões.

E' possível que se possa então chegar á conclusão de que por vezes o amor que se apregoa pelo teatro, a sua exaltação e o que se pede ou se exige visam, afinal, objectivos bem diversos daqueles que ao teatro interessam, como uma das mais elevadas e dignificantes expressões de Arte.

E' claro que nunca nos será possível convencer alguns de que as substanciais ajudas que o Estado concede ao teatro não podem efectivamente coincidir com os pontos de vista dos que criticam a forma como se actua e consideram erradas as soluções adoptadas. Mas isso é questão que sempre se há-de pôr, na medida em que não é possível conciliar o que é inconciliável.

O Estado português tem uma ética; a comunidade portuguesa defende princípios e valores morais que não pode deixar ver subverterem-se precisamente numa das expressões artísticas que mais influência social poderá ter, sobretudo na formação da juventude.

Da mesma forma que, e cada vez mais, se tem de estar atento na defesa do que constitui a nossa filosofia de viver — ocidental e cristã — teremos de preservar-nos, no perfeito conhecimento do que têm sido por esse Mundo fora as consequências directas, por causas bem conhecidas, de quanto serve a subversão política e moral. A dissolução dos costumes e a criminalidade juvenil — dizem-no os especialistas — têm tido muito da sua origem na facilidade de acesso a maus espectáculos, embora se pretenda que alguns deles tenham elevada expressão artística.

Nestas condições não se pense que neste aspecto se possa abdicar ou transigir.

2 — E', porém, evidente ser de admitir a existência de erros funcionais ou de estrutura e que nesse campo se impõem correcções. Estamos convencidos de que também existem lacunas que devem preencher-se e fórmulas que devem modificar-se, do mesmo modo que certas normas em vigor poderão alterar-se

Nesse sentido, e para os devidos efeitos se tomam na devida nota todos os reparos uteis que vieram a publico.

3 — Há, por outro lado, um aspecto que pode considerar-se essencial: o das relações de trabalho entre artistas teatrais e empresários. Sobre tão importante matéria pode anunciar-se que está em estudo o seu condicionamento jurídico, cuja aplicação se transferiu para o âmbito do Ministério das Corporações, aliviando-se assim a Inspecção dos Espectáculos, que poderá dedicar-se melhor a outras actividades mais consentaneas com os seus fins e objectivos, logo que sejam criados naquele Ministério os respectivos serviços.

4 — Igualmente se pode informar que estão em preparação as modificações de estrutura das Comissões que interferem com a censura dos espectáculos, por forma a procurar atender-se, no que for considerado como legítimo, as reclamações que têm sido formuladas sobre o seu funcionamento e constituição.

5 — Quando da promulgação dos diplomas que vieram regulamentar os espectáculos, em 20 de Novembro de 1959, houve o cuidado de os anunciar e dar a conhecer antes de serem enviados ao «Diário do Governo». Tinha-se então como objectivo permitir que sobre o que eram ainda projectos de diplomas, se abrisse um debate e se fizessem críticas e sugestões susceptíveis de serem atendidas.

Práticamente, nenhuma objecção, porém, apareceu e pensou-se assim que nada havia a alterar. Surgem agora críticas a algumas disposições, que se afirma terem desvirtuado os propósitos do legislador. Vão estudar-se cuidadosamente esses reparos, na certeza de que, se forem pertinentes, não deixarão de ser considerados.

Será esta aliás uma nova oportunidade para que outras sugestões concretas e objectivamente formuladas nos sejam apresentadas.

6 — Postas estas ligeiras considerações prévias, dá-se agora publico conhecimento de qual é, concretamente, a orientação do Conselho de Teatro, para a próxima época teatral

Na análise dos vários problemas que se põem quanto ás soluções a adoptar para a aplicação das verbas disponíveis do Fundo de Teatro, e que há algum tempo vem prendendo a sua atenção, o Conselho de Teatro concluiu que eram razoáveis algumas críticas e objecções feitas a critérios anteriormente adoptados. Nomeadamente as que se referem ao limitado ambito dos beneficiários do Fundo de Teatro.

Com essa preocupação, estudou-se a melhor forma de alargar os subsídios, sem perder de vista as obrigações que legalmente lhes estão fixadas na legislação que condiciona a sua competência e acção.

Com tais pressupostos, resolveu que:

a) Deveria manter o Teatro da Trindade, no qual funcionará uma companhia subsidiada, cuja actividade se condicionará ao pensamento de difundir bom teatro, acessível materialmente e com uma exploração planeada por forma que outros espectáculos, além dos de teatro, ali se possam apresentar. Para tanto solicitou-se e obteve-se a colaboração da Camara Municipal de Lisboa e da F. N. A. T.;

b) Subsidiar uma companhia para teatro infantil, que funcionará também no Teatro da Trindade;

c) Criar prémios que estimulem as explorações teatrais que funcionem durante a época de 1961-1962;

d) Conceder prémios ás empresas que fomentem o aparecimento de originais portugueses;

e) Atribuir prémios ás empresas que apresentem a melhor encenação em teatro declamado e a melhor montagem em teatro musicado;

f) Estudar a forma de subsidiar duas companhias de teatro experimental — uma em Lisboa e outra no Porto.

A seguir se fazem algumas considerações sobre cada uma destas alíneas.

7 — O Teatro da Trindade está arrendado ao Fundo de Teatro e nele têm funcionado nos ultimos anos companhias subsidiadas. Entendeu-se que deveria manter-se ainda a mesma solução, mas considerou-se indispensável definir os objectivos culturais a atingir na exploração, por forma que, em colaboração com a empresa adjudicatária, o reportório vise simultaneamente os objectivos de divulgação do bom teatro, o seu acesso a mais amplos sectores de publico e, ainda, a utilização da companhia em digressões na província, onde normalmente não vão companhias na época própria de teatro.

Estas ausências temporárias permitirão que o teatro da Trindade se utilize em outros espectáculos, como os de bailado, musicais e também de teatro, mas por outros agrupamentos

Como se disse uma solução destas interessa á Camara Municipal de Lisboa e á F. N. A. T., e com estas instituições se estudará a planificação das respectivas actividades, em ordem a servir os seus objectivos culturais específicos.

Em face deste condicionalismo, o Conselho de Teatro, ao qual também não pode ser indiferente a continuidade de actividade dos agrupamentos artísticos, resolveu escolher a empresa do dr. Orlando Vitorino para com ela contratar a exploração teatral no Teatro da Trindade, nas condições cujas linhas gerais se enunciam. O subsidio a conceder não excederá o que foi atribuído na época teatral transacta.

Ao determinar-se pela escolha desta empresa, o Conselho de Teatro não deixou de considerar que, embora a exploração na época finda por esta mesma empresa tivesse merecido reparos, a verdade é que algumas realizações constituiram êxitos artísticos, que a crítica louvou. Por outro lado, em resposta aos reparos que, oportunamente, também nós fizemos á forma como estava a decorrer a exploração, alegou a empresa, com alguma justificação, a circunstancia de se tratar da primeira época em actividade de um agrupamento a que faltavam ainda, por isso mesmo, unidade e coesão que só a continuidade proporciona.

O Conselho de Teatro, ao escolher a empresa do dr. Orlando Vitorino, confia em que tenha encontrado a colaboração capaz e indispensável para a realização de um programa que tenha o sincero e honesto objectivo de servir o teatro português e a cultura nacional.

8 — Resolveu também o Conselho de Teatro manter o subsidio que atribuiu na época passada á empresa de António Manuel Couto Viana para teatro infantil Passará, no entanto, a companhia a funcionar também no Teatro da Trindade, o que melhorará para a empresa as condições materiais de exploração.

Em colaboração com a Mocidade Portuguesa, procurar-se-á facultar estes espectáculos a mais amplos sectores infantis. É igualmente intenção do Conselho de Teatro procurar levar a companhia á cidade do Porto e á Provincia.

9 — Como inovação que, estamos convictos, corresponde a uma aspiração, vão criar-se prémios de estímulo ás explorações teatrais, quer para teatro declamado, quer para teatro musicado, incluindo a revista.

Em tais circunstancias e nos termos do regulamento aprovado, todas as empresas teatrais (excepto as que já sejam de qualquer forma subsidiadas) que exerçam com regularidade a sua actividade em cada época (Setembro a Maio) e apresentem espectáculos do género declamado ou de teatro musicado, poderão concorrer aos prémios agora instituídos, desde que no final da época da exploração provem ter cumprido as condições previstas pelo respectivo regulamento.

Essas condições são fundamentalmente as seguintes:

a) Terem iniciado a sua exploração depois de 15 de Setembro, considerando-se início de cada época a data de estreia em Lisboa ou no Porto.

b) Manterem a sua exploração contínua e regular durante o período mínimo de oito meses.

c) Realizarem durante a época de exploração um mínimo de duzentos dias de espectáculos, não se incluindo neste numero mais de 45 dias seguidos ou alternados de espectáculos efectuados fora de Lisboa e Porto.

d) Manterem contratados por um período de oito meses um mínimo de dez artistas, constituindo um elenco fixo Admite-se a substituição de artistas no decorrer da época, quando essa substituição se faça a pedido dos mesmos, ou como consequência de faltas disciplinares, ou por motivos de doença, devidamente comprovados.

e) A inclusão de um original português, em estreia, no reportório de peças representadas.

f) A representação de uma unica peça em reposição, salvo no caso dos originais portugueses.

Estes prémios serão três, no valor de 300 contos cada um, e destinam-se, dois deles, a duas empresas que tenham apresentado teatro declamado durante a temporada. Estes prémios serão concedidos ás duas empresas mais dignas dessa distinção, tendo-se em atenção o reportório apresentado, o valor artístico do elenco, a montagem, a encenação e a interpretação de conjunto. Considerar-se-á, ainda, na apreciação, o numero de originais portugueses estreados e repostos e o numero de dias de espectáculo.

O outro prémio destina-se á empresa que no decorrer da época apresente a companhia de teatro ligeiro musicado — comédia musical, opereta ou revista — constituida por maior numero de profissionais contratados — artistas, musicos e pessoal de cena — sendo motivo fundamental de preferência o maior numero de dias de trabalho pagos ao conjunto dos contratados registados no respectivo serviço oficial.

A classificação, ainda nos termos do regulamento que se entregará a todos os interessados, será feita neste caso, como no dos outros prémios, pelo Conselho de Teatro, que poderá agregar a si um juri qualificado, quando entender necessário.

O requerimento para habilitação ao concurso destes prémios, e dos restantes que a seguir se mencionam, deverá ser entregue de 1 a 10 de Junho do próximo ano

10 — Instituem-se também dois prémios no valor de 25 contos cada um, que serão concedidos ás empresas e se destinam a premiar, um, o original de melhor nível e mais representativo do espírito e da cultura portuguesa, o outro, o original que tenha obtido mais agrado do publico, com um numero de trinta representações consecutivas, sem prejuizo também de um mínimo de nível e dignidade como obra teatral.

11 — Conceder-se-ão ainda mais dois prémios, sendo um de 40 contos, para a melhor montagem de teatro declamado; e o outro de 60 contos, para a melhor montagem em teatro ligeiro musicado.

Estes prémios destinam-se ás melhores montagens de peças teatrais estreadas na época, tendendo ás inovações contidas, ao apuro técnico e artístico das mesmas, e ainda ao asserto dessas montagens, em relação ás peças respectivas.

12 — O Conselho de Teatro decidiu ainda atribuir subsídios a duas companhias de teatro experimental — uma que funcione em Lisboa e a outra no Porto. Mas não foi ainda possível decidir em definitivo sobre a mecanica a estabelecer para esses subsídios.

No entanto, foi com a maior simpatia que o Conselho acolheu as propostas que lhe foram entregues, na convicção em que está de que o chamado teatro experimental poderá contribuir para o aparecimento de novos valores, quer como actores, quer como encenadores, e poderá ainda tornar conhecidos, dado o publico a que se destina, certos originais, que não têm interesse comercial. Espera-se que em prazo relativamente curto será possível informar da decisão definitiva do Conselho de Teatro, sobre este ponto.

*

Tem-se a consciência de que o esquema agora adoptado pode servir bem a causa do teatro português. É mais uma solução que segue a outras que terão tido também os seus méritos.

Mas pode desde já prever-se que virão novas épocas teatrais em que aquilo que se adoptou agora terá, naturalmente, de ser alterado, o que não deixará, evidentemente, de fazer-se, porque está nos nossos propósitos promover quanto for aconselhável para servir o melhor que possível for a causa do teatro em Portugal.

O PORTO pelo telefone

Uma criança salvou uma mulher e um homem de morrerem afogados

PORTO, 9 (Pelo telefone) — A sr.ª Candida, residente em Canelas, Gaia, estava a lavar peixe, nas Escadas da Padeira, quando se desequilibrou e caiu ao Douro. Ouviram-na gritar e acorreram alguns populares. Um deles lançou-se á água, já a vítima estava prestes a afogar-se. Na sua aflição, a sr.ª Candida agarrou-se ao seu salvador, por tal forma que o impossibilitava de fazer qualquer movimento. A situação de ambos tornou-se aflitiva e dramática. No local, surgiu, entretanto, a menina Delfina da Conceição Ferreira de Oliveira, de 13 anos, moradora, com seus pais, na Rua do Barredo, 8, que, apercebendo-se da tragédia, rápidamente se lançou ao rio. Nadando ao redor dos dois corpos, conseguiu empurrá-los pelas costas até os aproximar de terra. Por fim, os populares que assistiram ás emocionantes fases do salvamento retiraram a mulher e o homem da água. A sr.ª Candida foi levada para uma casa próxima e aí reanimada, não necessitando de cuidados hospitalares. Outro tanto sucedeu com o homem que pretendera salvá-la, o qual logo desapareceu dali.

Quanto á pequena heroína, limitou-se a ir a casa mudar de roupas, como se não houvesse praticado uma generosa e corajosa acção.

Colhido por um comboio

No apeadeiro da praia de Granja, foi colhido por um comboio o octogenário Manuel Camarinha Raposo, proprietário, morador em Arcozelo, Gaia, que sofreu fracturas e contusões, recolhendo ao Hospital de Santo António, no Porto.

Assalto e agressão

Deu entrada no Hospital de Santo António, com fractura do cranio, o confeiteiro Fernando José de Oliveira, de 32 anos, solteiro, morador na Rua do Freixo, 1824, 1.º, que foi assaltado, na madrugada do passado dia 31, por desconhecidos, que o agrediram bárbaramente.

Manuel dos Santos Logarinho

Com 51 anos, faleceu o sr. Manuel dos Santos Logarinho, casado, morador na Rua Particular do Fojo, 30, em Gaia. O funeral, a cargo da Casa Alberto Xavier, realiza-se amanhã, ás 15 e 30, para o cemitério de Santa Marinha.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — Ás 21 e 30: «A colina da saudade» (17 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Falsa identidade» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Ás 15 e 15 e ás 21 e 15: «Intriga internacional» e «Paixão perigosa» (12 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Salambô» (17 anos)
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30: «Os comandos atacam» (12 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Mundos em guerra» (12 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21: «Para além da cortina» (12 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30, «O cantor e a bailarina (12 anos).
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30: «Milionário sem vintém» (12 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O desconhecido do «Norte-Expresso» (17 anos).
ODEON-CINE — A's 15 e 30 e 21 e 30: «As pupilas do senhor reitor» (12 anos).

Cuilo Pombo

a 22 quilómetros de Carmona foi ontem reocupada

LUANDA, 9 — Em mais uma povoação flutua desde ontem a bandeira nacional: guiada pelo chefe de posto Manuel Marques Clarinha, uma coluna militar, constituída por elementos da guarnição de Sanza Pombo, reocupou Cuilo Pombo, sede do posto administrativo do mesmo nome, situada a 22 quilómetros de Carmona, a 35 de Sanza e a 531 de Luanda.

Quer a sede do posto administrativo e a residência do chefe do posto, quer as duas casas comerciais que ali havia e as moradias dos respectivos comerciantes, tudo está arrazoado — e foram pretos alheios á região, e que falavam uma língua desconhecida dos povos de Sanza, os que levaram a cabo essas destruições, segundo disseram nativos que acudiram ao encontro das forças portuguesas e as aclamaram.

Esses mesmos pretos alheios á região — congoleses, provàvelmente — levaram com eles á força, ao retirarem-se, muitos indígenas, que se haviam negado a colaborar em actos de terrorismo.

Na Serra da Mucaba, um destacamento do Corpo de Voluntários encontrou os destroços da avioneta do Aero Clube do Congo, desaparecida com os seus dois tripulantes — Albino Leite e Rui José Muller Freiria — no dia 4 de Junho, quando regressava de Quimbele, a cujos defensores fora levar mantimentos. Não se encontraram, todavia, nem vestígios dos corpos dos dois aviadores, nem as armas que possuiam. Admite-se assim que eles tenham sobrevivido á queda do avião e se tenham internado no mato, decerto feridos. Depois, naturalmente, foram descobertos pelos terroristas e mortos.

Pequenos bandos insistem no ataque ás fazendas que foram reocupadas. Foi o que sucedeu no dia 6 á fazenda «Belmira», na serra da Mucaba, e ontem á de António Barbosa no Songo, á granja administrativa do Negage e mais uma vez á «Lucunga». Mas em todas essas fazendas o ataque foi repelido pelos que as defendem, em determinados casos destacamentos do Corpo de Voluntários, noutros casos os próprios cafeicultores, coadjuvados pelos seus capatazes europeus e trabalhadores nativos.

Outro bando de terroristas, este, porém, numeroso, travou combate demorado com uma força militar que seguia de Nambuangongo para Quipedro. Os terroristas, que pretendiam cortar o caminho á coluna, acabaram por debandar, depois de terem sofrido perdas consideráveis. Entre os militares não se registaram baixas.

Brigadas de trabalhadores, protegidas por contingentes do Corpo de Voluntários, continuam a irradiar de Carmona para fazendas que, nas regiões da Mucaba, do Lucungo, de Massarelos e da Quica, não foram ainda reocupadas, mas onde há café para colher.

Por seu lado, os sobas da região do Cuale, na fronteira entre os distritos do Uige e de Malange, procuram as autoridades militares, ás quais anunciaram que os seus povos desejam regressar ás sanzalas e retomar em paz os trabalhos agrícolas, uma vez que as tropas já afugentaram os terroristas que infestavam aquelas terras, numa tentativa para se infiltrarem em direcção ao Sul. — (A. N. I.).

Luso-americanos auxiliam as vítimas do terrorismo

BOSTON (Massachusetts), 9. — Formou-se nesta cidade uma comissão composta por dezassete luso-americanos de ambos os sexos, com o objectivo de angariar fundos para as vítimas do terrorismo em Angola — o «Portuguese-American fund for the victims of the stripe in Angola». As quantias assim obtidas serão enviadas para a Cruz Vermelha Portuguesa. Os donativos em dinheiro ou cheque são recebidos no Consulado de Portugal em Boston, que cedeu á Comissão os seus serviços de recepção postal.

Propõe-se ainda a comissão angariar fundos para o mesmo fim por meio da emissão de 100 000 bilhetes de um dólar, a distribuir por todos os Estados, para sorteio de uma viagem de ida e volta a Portugal, para duas pessoas, com estadia de duas semanas, em Lisboa, num hotel de primeira classe. O sorteio será realizado a 8 de Dezembro de 1961, (dia de Nossa Senhora da Conceição e «Dia da Mãe») durante uma festa que se realiza em North Cambridge. — (A. N. I.).

CURSOS LICEAIS GRATUITOS

em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 9. — Cursos gratuitos de ensino liceal vão ser criados, nesta cidade, por iniciativa da Associação dos Estudantes de Coimbra, destinados a todos os indivíduos, que, «dotados de boas faculdades de inteligência e vontade firme de se elevarem intelectualmente», não tenham possibilidades de frequentar os cursos oficiais.

Os cursos serão regidos por antigos estudantes de Coimbra, tendo como assistentes indivíduos, que, tendo habilitações literárias, desejem obter a prática pedagógica para o exercício do magistério liceal. — (L.).

VISITOU NACALA o governador-geral de Moçambique

NACALA, 9. — No prosseguimento da sua visita aos distritos do Norte de Moçambique, o governador-geral, sr. almirante Sarmento Rodrigues, chegou a este porto, pernoitando hoje no Lumbo e seguindo amanhã para a Ilha de Moçambique.

A viagem de Nampula á Nacala fez-se em comboio especial. Já em Nacala, governador-geral visitou a fábrica de cimentos e a zona do plano de urbanização, verificou o desenvolvimento urbanístico da zona habitada e percorreu pormenorizadamente o porto, interessando-se pelas obras em curso, as quais, uma vez concluidas, consentem a acostagem simultanea de dois navios de longo curso e de dois barcos de cabotagem. O porto poderá servir uma grande parte do «interland», mesmo para além da fronteira. — (A. N. I.)

TUBO DE ESCAPE que absorve os fumos e gases

FRANCFORT, 9. — Um tubo de escape que absorve os fumos e gases foi inventado pelo dr. Hans Karl Leistritz, engenheiro de Francfort já de certo modo celebrizado pela invenção de outro tubo de escape práticamente silencioso.

A concepção do novo invento é de grande simplicidade. O tubo de escape contém uma camara de combustão em que são queimados os gases da gasolina e do óleo insuficientemente consumidos bem como o óxido de carbono, os quais são os factores da poluição do ar. — (F. P.).

Terminou a visita de Nehru à U.R.S.S.

MOSCOVO, 9. — De avião, partiu hoje de Moscovo, de regresso ao seu país, o primeiro-ministro indiano, Nehru, que no aeroporto declarou «terem sido de grande utilidade, contribuindo para a decisão de alguns problemas», as entrevistas que teve nesta cidade.

Por seu turno, Kruchtchev, salientou que «a livre troca de opiniões havia demonstrado a unanimidade dos pontos de vista russos e indianos sobre muitos problemas dos tempos actuais e sobre a necessidade de se evitar uma guerra nuclear».

O nome do primeiro-ministro indiano, Nehru, foi dado a um pico das montanhas de Tienchan, agora escalado pela primeira vez — anuncia a agência noticiosa russa. O pico situa-se no Uzbequistão — exactamente na zona em que Nehru fará escala, hoje, no regresso de Moscovo a Nova Delhi. — (A. N. I.).

Os ataques da União Indiana a Portugal

(Continuação da 1.ª página)

O Conselho de Segurança tomou conhecimento da situação em Angola e aprovou uma resolução na qual se declara que a situação nesse território pode fazer perigar a paz e segurança internacionais. E' obvio que, se a situação das colónias pórtuguesas na India piorasse e constituisse uma ameaça á paz e segurança do sub-continente indiano, o Governo da União Indiana teria completo fundamento para tomar todas as decisões necessárias para fazer frente á situação». — (F. P.).

PORTUGAL ESTA A ARMAZENAR ARMAS NO ESTADO DA INDIA...

NOVA DELHI, 9. — O secretário parlamentar dos Negócios Estrangeiros da União Indiana, J. N. Hazarika, disse hoje, na Camara Baixa, que o Governo indiano recebeu a informação de que as autoridades portuguesas estariam a colocar minas e a armazenar armas em Goa, Damão e Dio. O secretário parlamentar prosseguiu dizendo que o seu Governo não pode deixar de lamentar a manutenção da política agressiva de Portugal, e que se mantém ao corrente da situação para eventualmente tomar todas as decisões necessárias. — (F. P.).

Os termos da declaração do informador oficial da União Indiana na O. N. U. não deixam duvidas sobre os propósitos do Governo de Nova Delhi em relação a Portugal, o mesmo acontecendo com o que disse na Camara Baixa o secretário parlamentar dos Negócios Estrangeiros.

Há, evidentemente, neste particular, uma atitude que traduz uma agressividade que não é fácil conciliar com as repetidas afirmações pacifistas dos homens responsáveis pela política indiana. Nova Delhi expõe os factos e interpreta-os da maneira mais conveniente para a defesa dos seus pontos de vista, mas, além disso, deixa, realmente, transparecer uma disposição que implica a maior atenção por parte do Governo português, como indicação da evolução que podem tomar os acontecimentos pelo que se refere a uma das parcelas do território nacional que desde longa data constituem património do nosso povo.

O ESTADO ACTUAL DA ARMADA AMERICANA causa apreensões

DENVER (Estados Unidos), 9. — São necessários dois biliões de dólares (60 milhões de contos) para colocar as forças navais norte-americanas em estado de combater — declarou o vice-almirante R. B. Pirie, á Comissão de Segurança nacional da Legião Americana.

Na sua opinião, cerca de 27 por cento dos navios têm mais do que a idade devida e devem ser substituidos, podendo, inclusivamente afirmar-se — acrescentou — que a estrutura naval declinou em alguns pontos de forma a «causar graves apreensões». — (A. N. I.).

Negociar-se-á sobre Berlim logo que surja a oportunidade de bases sérias e construtivas — declarou Dean Rusk

WASHINGTON, 9 — Ao falar na Associação do Exército dos Estados Unidos, Dean Rusk, secretário de Estado, disse, na sexta-feira, que previa a realização de negociações sobre Berlim «logo que se tornasse evidente a possibilidade de negociações sérias e construtivas».

«Os meses próximos serão críticos», afirmou o secretário de Estado, que acrescentou então: «Haverá negociações logo que se torne evidente ser possível efectuá-las num plano sério e construtivo. Não acreditamos que uma nação, seja ela quem for, se possa lançar num problema tão perigoso sem o estudar a fundo com todas as partes interessadas. Existem meios de comunicação entre Moscovo e o Ocidente. Resta saber se ambas as partes visam a paz».

«Para que os meios pacíficos triunfem — continuou — é necessário dar-lhes essa possibilidade. Isso significa que uma iniciativa unilateral tomada contra os interesses vitais do mundo livre, em Berlim-Ocidental, não deixará de conduzir á beira de um desastre».

«Têm sido proferidas ameaças. As ultimas visam, particularmente, o tráfego aéreo para Berlim»—acrescentou Rusk. «Essas ameaças foram prontamente repelidas, nos termos mais solenes, pelas nações ocidentais».

«É possível que aqueles que não compreendem a democracia cometam um erro de apreciação, escutando apenas o que lhes convém, confundindo debate com desunião, tomando o desejo de paz, por disposição para ceder. São erros que nem Moscovo nem a Humanidade se podem permitir».

Dean Rusk acusou a União Soviética de ter decepcionado as esperanças de paz do pós-guerra, recusando-se a «participar com os outros países na construção do mundo projectado pela Carta das Nações Unidas». «Pelo contrário — disse Rusk — a U. R. S. S. lançou-se no caminho da agressão».

Os sovietes têm possibilidade «de transformar o Mundo em que vivemos, se tomarem simplesmente a decisão de viverem em paz com ele». Se tomassem esse caminho, poderiam «escrever capítulos brilhantes da História do Homem».

«Não é difícil desarmar os Estados Unidos. Somos um povo que gosta de empregar os seus recursos para outros fins. O meio mais simples de desarmar começa pela paz».

«A corrida aos armamentos é, por si própria, uma fonte de tensão» — prosseguiu Rusk. «Se conseguirmos descobrir os meios de limitar essa corrida antes de abordar os grandes problemas políticos, não devemos menosprezá-los. Mas também aqui a chave do problema se não encontra nas nossas mãos. Devemos prosseguir com os nossos próprios esforços para chegar a propostas razoáveis e práticas. A tensão presente torna ainda mais essencial um tal esforço».—(F. P.).

«FANFANI DESMENTE KRUCHTCHEV»

ROMA, 9 — Sob o titulo «Fanfani desmente Kruchtchev e volta a afirmar a lealdade da Itália á N. A. T. O», o «Messagero» põe em relevo a seguinte declaração que atribui á Presidência do Conselho:

«A propósito da asserção de Kruchtchev, na sua entrevista ao «New York Times», que os povos da Grã-Bretanha, da França e da Itália se dissociariam da Aliança Atlantica em caso de complicação por motivo de Berlim, sublinha-se, nos círculos oficiais italianos, que, durante as conversações de Moscovo, o presidente do Conselho, Amintore Fanfani, teve ocasião de lembrar a Kruchtchev a leal e firme participação da Itália na Aliança Atlantica. Esta declaração faz-se observar nos mesmos círculos — foi feita para evitar ao Governo soviético qualquer erro de cálculo».

Por outro lado, a respeito da resposta do presidente Kennedy á comunicação que Fanfani lhe tinha dirigido depois de receber a nota de Kruchtchev, o «Messagero» escreve «ter sido confirmado que se trata de uma comunicação reservada e que, por conseguinte, como o Departamento de Estado americano já esclareceu, o texto não se destina a ser publicado». — (F. P.).

REFORÇOS AMERICANOS PARA A ALEMANHA?

WASHINGTON, 9. — Nos meios oficiais não se confirma nem se desmente a informação de que os Estados Unidos se preparam para enviar 40 000 mil homens para a Alemanha. Um informador do Exército interrogado a esse respeito afirmou: «Não temos comentários a fazer». — (F. P.).

UM PLANO DE LESTER PEARSON

OTAWA, 9. — Lester Pearson, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e Prémio Nobel da Paz, propôs, na Camara dos Comuns, a instalação de uma força das Nações Unidas em Berlim-Ocidental ao longo das vias de acesso aos sectores ocidentais, como meio de sair da crise actual, garantindo ao mesmo tempo a liberdade dos berlinenses. Acrescentou que esta liberdade poderia ser garantida deslocando para Berlim a sede dos organismos europeus da O. N. U., presentemente instalados em Genebra.

«Seria absurda uma guerra nuclear por causa de Berlim» — afirmou Pearson, que acrescentou: «Quando se trata da sua sobrevivência, a Humanidade tem o direito de ser consultada, e espero que a opinião mundial seja mobilizada na O. N. U. para repudiar este perigo de extermínio». — (F. P.).

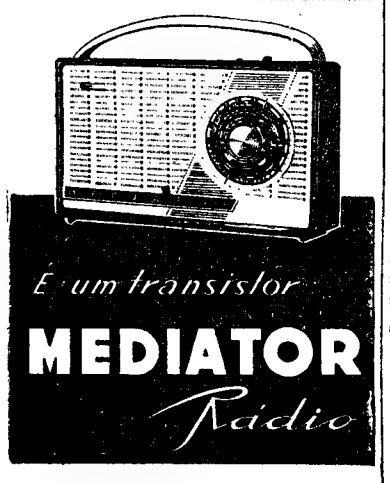
RESPOSTA RUSSA AO APELO OCIDENTAL

MOSCOVO, 9. — Kruchtchev respondeu hoje á nota dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, declarando que a U. R. S. S. «não concorda, e não concordará» com o seu apelo para uma suspensão de experiências nucleares atmosféricas. — (A. N. I.).

NECROLOGIA

D. Emília Julia Mendes da Cruz

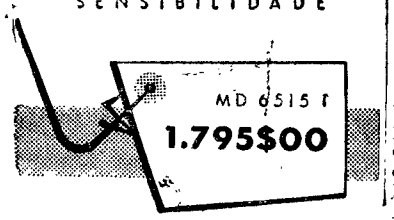
Faleceu a sr.ª D. Emília Julia Mendes da Cruz, de 86 anos, viuva, proprietária, natural de Canha (Montijo). O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério do Estoril.



ONDA MÉDIA E ONDA LONGA

POUCO CONSUMO

GRANDE SENSIBILIDADE



MATERIAL ELECTRO-DOMÉSTICO DA MAIS ALTA QUALIDADE aos melhores preços

Standard Electrica

RUA AUGUSTA, 19

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.

Av. da Liberdade 5 — Telef. 24446

LISBOA

O encerramento do Congresso das Empresas de Venda e Reparações de Automóveis

Num dos salões da F. I. L., efectuou-se hoje, das 9 e 30 ás 11 e 30, a ultima sessão de trabalhos do XV Congresso do Organismo Internacional das Empresas de Venda e Reparação de Automóveis, que reuniu em Lisboa, cerca de 150 delegados de 18 países. Foi aprovada uma moção recomendando ás organizações de cada país a obrigatoriedade de uma frequente inspecção ás condições mecanicas dos veículos em circulação, de forma a eliminarem-se, tanto quanto possível, as causas materiais dos acidentes de viação. No que se refere a este problema, nomeou-se uma comissão de delegados da França, Suíça, Alemanha Ocidental e Luxemburgo, e secretário-geral da I. O. M. T. R., a fim de estudar as actuais condições em cada país.

A delegação suíça apresentou uma moção, aprovada por todos os delegados, de reconhecimento pela hospitalidade que lhes foi dispensada em Portugal..

Seguiu-se a sessão de encerramento, a que presidiu o sr. Raoul Permeke, que se congratulou com a forma como decorreram os trabalhos.

O sr. Martinho Lacasta, chefe da delegação portuguesa, agradeceu as provas de gentileza manifestadas pelos delegados estrangeiros.

A convite do S. N. I., os congressistas, acompanhados de suas esposas, seguiram, ao princípio da tarde, em excursão a Salvaterra de Magos, onde almoçaram.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — Ás 21 e 15: «O ultimo instante» e «Gangsters de Paris) (17 anos). — *Academia* — Ás 21 e 30: «Rochedos humanos» e «Dois vigaristas roubados» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* —. Ás 21 e 15: «Psico» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — Ás 21 e 15: «Eddie agente secreto» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 034137).

ALMADA — *Algarve* — R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 070271).

BARREIRO — *Soares* — Avenida da Republica, 1 (Tel. 023023).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica (Tel. 039029).

MONTIJO — *Diogo* — R. Almirante Reis, 42 (Tel. 030032).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Oliveira* — Rua da Misericórdia, 10 (Tel. 22488).

(Nas localidades onde há uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

✝

EMÍLIA JÚLIA MENDES DA CRUZ

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Maria Julia da Cruz, Augusto Anselmo da Cruz e filha, António Anselmo da Cruz e sua mulher, Anselmo José da Cruz e mais família, participam que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida e extremosa mãe, avó, sogra e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério do Estoril.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Publicava o «Diário de Lisboa» de 9 de Setembro de 1931, a propósito da reunião em Lisboa de um Congresso Internacional de Crítica Teatral:

«*Para o Congresso Internacional de Crítica está assegurada a vinda de Pirandelo, o dramaturgo famoso que nos concede as primícias de uma sua obra, sendo quase certa a comparência de Bernard Shaw, celebridade que, ás terras que visita, empresta o cartaz do seu nome mundial.*

O sr. embaixador de Portugal, em Madrid, está encarregado de convidar Jacinto Benavente, o maior valor do Teatro espanhol e Prémio Nobel de Literatura em 1928».

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA — Programa «A»: 451 m. — 655 kc/s — A's 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Mensagem de saudade, dos componentes da 4.ª Companhia de Caçadores de Aveiro, e do 6.º Regimento de Infantaria da Amadora; 19 e 30: Cançonetas portuguesas; 19 e 45: A pianista Beatriz de Sousa Santos, no Hotel Mundial; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: A Orquestra de André Kostelanetz; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 21 e 40: O pianista Carmen Cavallaro e seu conjunto; 21 e 50: Carta de Madrid; 22: Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T.; 22 e 45: 2.ª emissão do jornal sonoro; 22 e 55: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 5: 2.ª parte de um serão para trabalhadores; 23 e 45: Noticiário; 23 e 58: Musica de dança; 1: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s —A 's 19: 37.º programa da série dedicada ao Barroco Italiano: «Concerto grosso, op. 8, n.º 6, em sol menor», de Torelli; 19 e 20: Cabo Verde visto por Nuno Miranda; 19 e 30: Trechos das óperas «Dinorah», «Lakmé» e «André Chenier»; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica portuguesa: «Três Responsórios da Semana Santa», de Francisco Martins: «Aria de Penólope», da ópera «Penólope», de Sousa Carvalho; «Sinfonia n.º 1, em mi bemol maior», de João Domingos Bontempo: «In Dedicatione Templi», responsório de Francisco António de Almeida; 21: Noticiário; 21 e 20: Recital, pela cantora Maria Fernanda Cruz, com a colaboração da pianista Lígia Ebo; 21 e 45: Os Grandes Momentos da História do Mundo; 22 e 15: Musica sinfónica, de Dvorak e de Bruckner; 23 e 45: Noticiário; 23 e 58: Desdobramento; 0: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 45: Noticiário; 18: Orquestras; 18 e 15; Brasil; 19 e 15: Conjuntos; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Motivos portugueses; 21 e 1: Presença do Brasil; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 21 e 55: Orquestras e canções; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Ritmos de baile, do Casino Estoril; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Artista; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 45: Noticiário; 19 e 2: Motivos portugueses; 19 e 35: Solistas; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 22 e 15: Artistas portugueses; 23: Operetas ou zarzuelas; 23 e 30: Baile, do Palm Beach; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa eventual; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: «O anãozinho da lanterna mágica»; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 40: Rádio Rural; 22: Musica escolhida; 22 e 30: Sinal verde; 23: A 23.ª hora; 1 e 50: Noticiário; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 19 e 30, abertura, 19 e 32, «Telejornal» (edição da tarde); 19 e 45, episódio da série «Robin dos Bosques»; 20 e 15, «Mãos á obra, D. Elviras»; 20 e 35, «Teledesporto» (revista filmada dos acontecimentos desportivos da semana); 21 e 5, «Toiros»; 21 e 30, «Telejornal» (edição da noite); 22 e 5, episódio da comédia «Aventuras de Eva», com Eva Todor; 22 e 30, «Jornal da Mulher»; 23, Loretta Young Show; 23 e 25, «Telejornal» (ultimas notícias).

HORAS DAS MARÉS

PRAIA-MAR

Dia 9 — ás 16 e 12 (4,01 m).

Dia 10 — ás 4 e 28 (3,88 m) e 16 e 38 (4,06 m).

Dia 11 — ás 4 e 58 (3,93 m) e 17 e 10 (4,08 m).

BAIXA-MAR

Dia 9 — ás 21 e 48 (1,11 m).

Dia 10 — ás 9 e 56 (1,03 m) e 22 e 50 (0 94 m).

Dia 11 — ás 10 e 30 (0, 99 m) e 22 e 50 (0, 94 m).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO M

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCÂNTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589).

AJUDA — Lídia Almeida, Calç. da Ajuda, 170 (637318).

ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).

ALMIRANTE REIS — Laboratório Brasil, R. Alves Torgo 29-31 (46843) ✲ **Renascença,** R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504) ✲ **Guerra,** R. Andrade, 32-36 (845513).

ALVALADE — Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ **Alentejo,** Av. da Igreja, 28-B (712682) ✲ **Brasília,** Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (722368).

AREEIRO — Belmar, Av. de Roma, 53-A (776314) ✲ **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, lote 373, (725859) ✲ **Central do Areeiro,** Av. Paris, 2-2-A (720820).

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016-765635) ✲ **Cardote, Ld.ª,** Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (772291) ✲ **Palma,** Av. Duque de Avila, 25-31 (47088) ✲ **Arga, Ld.ª,** Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (Bairro da Encarnação) (389216).

BAIXA — Frazão, R das Portas de St.º Antão, 72 (28180) ✲ **Veiga Sucers.,** Rua da Conceição, 42 (26847) ✲ **Durão,** R Garrett, 90-92 (24166).

BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548).

BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (611454).

CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206)

CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ **Almeida,** R. Silva Carvalho, 136 (681726).

CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).

ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339).

GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✲ **Progressiva,** R. de St.ª Marinha, 18 (863619).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332).

MADRAGOA — Esperança, R da Esperança, 134 (662784).

PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie 15-A (778439).

PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).

PATRIARCAL — Cunha, R. da Escola Politécnica 16 (25455).

PENHA DE FRANÇA — Dimar, R Conde de Monsaraz, 17-B (842533).

PICHELEIRA — Marluz, Calç da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

RATO — Janeiro, Av Alvares Cabral 100 (661453).

REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773729)

SANTO AMARO — St.º Amaro, R. Filinto Elísio 29-A-B (637070).

SÃO PAULO — Ultramarina, R. de S. Paulo, 101 (21771).

S. SEBASTIÃO — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia 7-A (51451).

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25 ✲ **Brito,** R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125).

CARTAZ DO DIA

CINEMAS

S. LUIZ—«Duelo na floresta».
TIVOLI — «O carrasco da floresta».
S JORGE — «Com jeito foi...!».
IMPÉRIO — «Katia».
EDEN — «O Mundo de noite».
ODEON — «Ama Rosa».
MONUMENTAL — «O amor no oriente».
ALVALADE — «Duelo na floresta».
POLITEAMA — «O contra-ataque do gorila».
CONDES—«Sindbad, o marinheiro».
ROMA — «A letra».
AVIS—«A mina».
ROYAL — «Raptados».
COLISEU — «Arriscada aventura»
OLIMPIA — «Decisão de um corbarde».
IDEAL — «O grito de furia».
SALÃO LISBOA — «Jerry no Japão».
JARDIM CINEMA — «Um dólar de medo».
ARCO-IRIS — «Gangsters falhados».
CAPITÓLIO — «O 6.º homem».
ESPLANADA PORTUGALIA— «Inimigos de ontem».
PROMOTORA — «A lei».
RESTELO—«As férias do Sr. Hulot».
S. L. BENFICA — «Um roubo do hipódromo».
CAMPOLIDE — «O anjo de fogo».

Hipotecas s/ Automóveis

Antes de hipotecar o s/ automóvel consulte-nos, na certeza de obter as melhores condições de empréstimo e facilidade de pagamento.

CREDIMOVEL

Soc. de Crédito Imobiliário, R. L.
Av. Miguel Bombarda, n.º 70, 1
Telef 767693/4/5

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO. — Estão a pagamento com juros da mora: *Contribuição Industrial.* — A 3.ª prestação trimestral e a 2.ª semestral, esta até 29, relaxando no dia seguinte.

Contribuição Predial. — Toda a contribuição dividida em duas prestações ou a 2.ª semestral até ao dia 29, relaxando no dia imediato. A 3.ª prestação trimestral.

Imposto Profissional: (Profissões Liberais). — A 3.ª prestação trimestral e a 2.ª trimestral, esta até 29, relaxando no dia seguinte. *(Empregados por conta de outrem).* — A 2.ª prestação semestral até 29, relaxando no dia imediato. *(Assalariados com imposto pago por lançamento).* — A 3.ª prestação trimestral.

Imposto Complementar. — A 1.ª prestação para os contribuintes com o imposto dividido em duas prestaçõese (hipótese do imposto dever ser superior a 2 000$00), acrescida de juros da mora.

Toda a importancia que se dever, se o imposto for inferior a 2 000$00 e acrescida de juros dá mora, até 29, relaxando no dia seguinte.

IMPOSTO COMPLEMENTAR. — *Reclamações e Recursos.* — Continua a correr o prazo para se recorrer e reclamar da liquidação deste imposto, nos termos do Decreto n.º 16 731, de 13 de Abril de 1929 e legislação subsequente, com os fundamentos aplicáveis do artigo 59.º do mesmo decreto. Ter em atenção de que não são de fazer reclamações quando tenham por fundamento a cessação ou erro na matéria colectável da contribuição ou imposto principal que tivessem dado origem ao imposto complementar.

IMPOSTO DE INCÊNDIOS. — Encontra-se a pagamento até ao dia 30 do corrente mês e depois, mais trinto dias, com juros da mora.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL. — *Rendimento ilíquido tributável para 1962* — (Art. 7.º do Decreto-Lei n.º 24 916). — Convém pedir nas secções de Finanças dos concelhos ou bairros, informações sobre se já estão em reclamação os rendimentos tributáveis fixados para servirem de base ao lançamento da contribuição industrial do próximo ano económico de 1962. (Decreto-Lei n.º 24 916, art. 6.º).

IMPOSTO SOBRE CONSUMOS SUPÉRFLUOS OU DE LUXO — Do Regulamento respectivo, publicado pelo Decreto n.º 43 862, de 19 de Agosto de 1961:

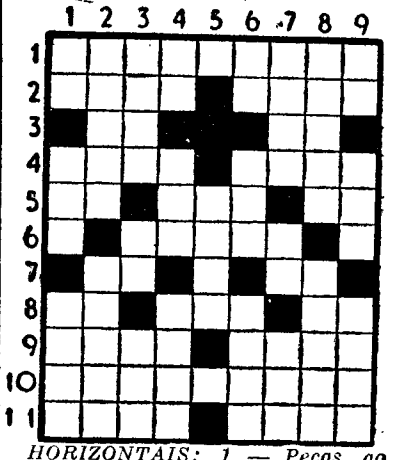
Estão sujeitos ao imposto de 15 % os «*tratamentos de beleza, penteados artísticos ou quaisquer serviços análogos prestados em institutos ou estabelecimentos da especialidade*» (n.º 43.º da lista anexa ao referido Regulamento). São todavia excluidos do pagamento do imposto; a) *Nos cabeleireiros de senhoras:* O corte de cabelo simples, as *mises*, as permanentes a quente e as lavagens.

Nos estabelecimentos de barbearia. — O corte de cabelo simples, a barba e a lavagem.

Nos institutos de beleza ou estabelecimentos análogos: Os trabalhos de cabeleireiro para senhoras compreendidos na alínea a).

Palavras cruzadas

Problema n.º 2427
(COM PROVERBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Peças ao lado das escadas para apoiar a mão. 2 — Protele. Peixe escombrida. 3 — Seguia. Nome antigo da nota dó. 4 — Denominação. Oportunidade. 5 — Artigo definido. Preposição. Língua antigamente falada ao sul do Loire. 6 — Cadeira pontificia. 7 — Pronome pessoal. Artigo indefinido. 8 — Troça. Triture. Preposição. 9 — Provoca o amuo de. Pateta. 10 — Ajustes de serviços temporários. 1 — Cantiga. A folhagem das plantas.

VERTICAIS: 1 — Aqui. Recusa. Casta. 2 — Raivas. Província de Portugal no arquipélago de Sunda. 3 — Escarneçam. Pronome reflexo. Liguei. 4 — Culpada. Reprodução. Assassina. 5 — Líquido gorduroso. 6 — Ruim. Dois mil e um em romano. Prender. 7 — Trata por tu. Alternativa. Base aérea portuguesa 8 — Seguinte. Tornam-se pecos. 9 — Símbolo químico do samário. Repetição. Rio de França.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

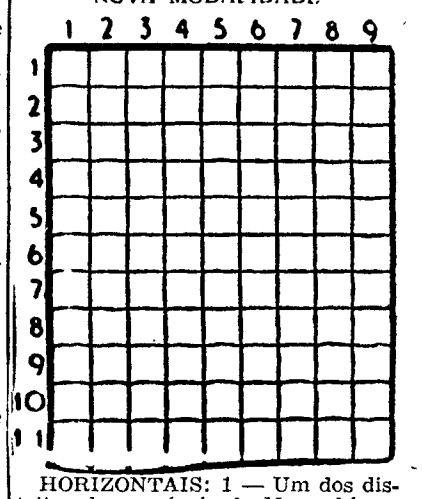
Solução do problema n.º 2426

HORIZONTAIS: 1 — Sem. Criar. 2 — Emílio. Aí. 3 — Monta. 4 — Carcoma. 5 — Serpa. Ara. 6 — As. Mó 7 — Ota. Puras. 8 — Ornares. 9 — Carda. 10 — Ir. DEITAR. 11 — Modos. Ala.

VERTICAIS: 1 — Scu. São. 2 — EM. CESTO. Ró. 3 — Mimar. Arc. 4 — Lorpa. Nado. 5 — Cinca. Pares. Al. 9 — Rim. Aos. Ara.

Provérbio: DEITAR EM CESTO ROTO.

Problema n.º 4473
NOVA MODALIDADE



HORIZONTAIS: 1 — Um dos distritos da província de Moçambique. Pássaros. 2 — Ave pernalta. Reza. 3 — Capital da Libéria. 4 — Atmosfera. Transpiro. Doutor. 5 — Ilha portuguesa do Atlantico. Ligue. 6 — Origem. Claridade. 7 — Oceano. Falda. 8 — Artigo definido. 9 — Seguiam. Alternativa. Uma e outra. 10 — Um cento. Pronome pessoal. 11 — Líquido gorduroso. Larvas das feridas dos animais.

VERTICAIS: 1 — O maior estado dos Estados Unidos. Nome de um mês. 2 — Preposição. A folhagem das plantas (pl.). Artigo definido (ant.) 3 — Bigorna de ourives. Casa de habitação. Estime. 4 — Campeão. Prefixo de negação. 5 — Saliva. Cidade da União Sul-Africana. 6 — O sono das crianças. Ruim. 7 — Pronome pessoal. Borras. Ente. 8 — Símbolo químico do érbio. Satã. Nota musical. 9 — Espada curta. Popularidades.

Solução do problema n.º 4472

HORIZONTAIS: 1 — Tais. Puam. 2 — Or. Ata. Ge. 3 — Lar. Par. 4 — Doía. Pira. 5—Mirão. 6—Sor. 7—Ara. Rás. 8 — Guilheiro. 9 — Rir. Mor. 10 — Em. Vã. 11 — Sisa. Asir.

VERTICAIS: 1 — Tolda. Agros. 2 — Arão. Frui. 3 — Rim. Aires. 4 — Sã. Ais. Má. 5 — Tu. Rocha. 6 — Pá. Par. Vá. 7 — Pio. Rimas. 8 — Agar. Caro. 9 — Meras. Soror.

A crise política brasileira

empurrou o país para a inflação

(Continuação da 1.ª página)

voltar-se, caso os seus superiores, instigadores da «Operação Mosquito», tivessem persistido no seu objectivo de raptar Goulart, quando este se deslocasse de Porto Alegre para Brasília.

Segundo os observadores, o Exército está longe de ter ficado desconsiderado aos olhos da opinião publica, que lhe está grata por não ter feito um «putsch» ás primeiras horas da crise, quando Quadros lhe deixou o caminho livre Manteve-se, portanto, uma força política que Goulart e o Governo devem ter em conta. — (F. P.).

«A INFLAÇÃO — PREÇO DA GLÓRIA POLITICA DE ALGUNS GENERAIS SALVADORES»

RIO DE JANEIRO, 9. — Os jornais desta cidade fazem, hoje, vários comentários á maneira de balanço da crise que o Brasil atravessou. Se se louva a vitória da legalidade, apontam-se, também, as consequências do choque das diversas forças.

No «Correio da Manhã», sob o título «O preço do golpe», escreve-se:

«A' euforia da vitória suceder-se-ão as contas. Teremos de pagar os custos das movimentações de tropas, navios e aviões. Biliões de cruzeiros em combustíveis e diárias extras pelas movimentações nos teatros de operações. Pois as ilegalidades são remuneradas no Brasil, conforme o Código de Vencimentos e Vantagens.

«Mas não é tudo. A intranquilidade e apreensão motivadas pelos comunicados que proclamaram a normalidade completa e pelos dispositivos que garantiram a segurança nacional, interromperam o ritmo de trabalho e crescimento económico do país. Para manter o sistema bancário já emitimos 30 biliões de cruzeiros. Outros 30 biliões ou mais teremos ainda de emitir, para reabrir os bancos. Paralisaram-se transportes e fábricas. Reduziu-se o produto nacional bruto e aumentaram-se os meios de pagamento. Abriu-se ainda mais o caminho para a inflação, preço da glória politica de alguns generais salvadores.

«Preservámos o regime democrático. Foi o primeiro passo. Mas é preciso agora que preservemos a estrutura económica do país para a continuidade do regime democrático. E' o segundo passo inadiável. A eles devem-se suceder imediata e inapelávelmente as reformas estruturais básicas do sistema agrário tributário e social que façam da democracia uma realidade e não apenas uma palavra para uso dos oradores de sobremesa e dos autores de ordens do dia.

«Em Julho, o «deficit» do Tesouro já ultrapassava 50 biliões de cruzeiros e as emissões de papel-moeda 30 biliões de cruzeiros. Com a crise, estes numeros multiplicaram-se. Vieram aumentar a carga para o país-vale dizer para o contribuinte, que não terá outra alternativa senão pagá-la, mesmo que seja indirectamente, através da inflação.

(...) «A partir de hoje entramos numa época crítica. Viveremos passo a passo sob a ameaça da inflação. E' imprescindível, pois, que planeemos os centavos que vamos gastar nos próximos meses. Avaramente. Desta planificação rígida e comprida dependerá a continuidade da vitória de hoje, para que a derrota dos golpistas não seja uma vitória de Pirro da Democracia».

«QUANDO DEVIAMOS REDOBRAR OS ESFORÇOS, VAMOS DOBRAR O DESCANSO»

Por seu turno, «O Jornal» publica um editorial com o título «Testamento sem grandeza», em que se analisa o período de governação do presidente interino: «O sr. Ranieri Mazzilli decidiu fazer um testamento colectivo, porque não era possível contemplar afilhados, que, para tanto, o seu período de doze dias não bastava».

(...) «O sr. Mazzilli gostaria de ter revogado o horário duplo, que o sr. Janio Quadros instituiu, mas este teve o cuidado de o revogar, antes de fugir do Governo. O seu sucessor temporário decidiu, então, suprimir o sábado do calendário de trabalho, no serviço publico federal».

«O serviço publico no nosso país é deficiente. A concessão de folga aos sábados não estava em pauta nas reivindicações do funcionalismo, nem vai resolver o problema da burocracia nacional, hoje acrescida das comissões encarregadas de combater os excessos da burocracia. Vem o sr. Mazzilli e, sem mais aquela, dá o presente e abre o precedente para as classes profissionais retomarem a ofensiva que tem como objectivo dar a cada um dois dias de folga na semana.

«O sr. Mazzilli devia ter-se lembrado que o problema do Brasil é de produção, e que o ano tem 52 sábados. Depois de uma crise destas, quando devíamos redobrar os esforços, vamos dobrar o descanso». — (A. N. I.).

O ambiente da renúncia de Jânio Quadros

é descrito hoje em "O Globo"

e volta a citar-se o Congresso como única causa da demissão

RIO DE JANEIRO, 9. — «A verdade sobre a renuncia de Jânio Quadros», é o título de uma reportagem em que o vespertino «O Globo» dá a sequência e o ambiente em que se registou a demissão do presidente da Republica.

Salienta o jornal que, na Imprensa estrangeira, nomeadamente na norte americana, apareceram as mais desencontradas versões. E acrescenta os factos que se registaram no Gabinete do marechal Denys, ministro da Guerra, depois da cerimónia da entrega de condecorações a personalidades civis e militares, no Dia do Soldado, 25 de Agosto:

«Terminada a solenidade da entrega de condecorações e revista de tropas, que o dr. Jânio Quadros realizou com a fisionomia normal e sem demonstrar a menor preocupação, retirou-se o presidente para o Palácio do Planalto, e os oficiais-generais dirigiram-se ao Gabinete do marechal Denys, onde continuaria o programa comemorativo do Dia do Soldado. Passava um pouco das 9 horas, e, para as 10, estava marcada, no gabinete do marechal Denys, uma saudação do almirante Silvio Heck, em nome da Marinha e da Aeronáutica, aos seus camaradas do Exército.

«Faltavam cinco minutos para o início do acto quando, pelo telefone, foram os três ministros militares chamados com urgência ao Palácio do Planalto e para lá rumaram imediatamente, determinando aos oficiais presentes que aguardassem o seu regresso, para a realização da solenidade.

«Ás 10 e 30, os militares reunidos no gabinete ministerial, viram sair do Palácio do Planalto um cortejo de automóveis, tendo á frente o carro do Presidente da Republica, fácilmente identificável, por conduzir as insígnias presidenciais. Então, já os ministros militares haviam recebido, do próprio dr. Jânio Quadros, a comunicação de que renunciava.

«Pouco depois regressaram os três ministros militares e foi iniciada a solenidade, ponunciando o ministro da Marinha o discurso de saudação ao Exército, que foi respondido pelo marechal Denys. Concluída a oração do ministro da Guerra, foram dispensados todos os participantes da festividade, excepto os oficiais-generais, aos quais o marechal Denys solicitou que permanecessem.

«Os três ministros passaram a uma sala contígua e conferenciaram sózinhos por largo espaço de tempo. Fizeram, em seguida, entrar os oficiais-generais. Estavam sentados os três titulares, profundamente abatidos. Sentaram-se, também, os generais Nicanor Guimarães de Sousa e Emílio Rodrigues Ribas Junior, chefe do Estado-Maior.

«Reunidos em semicírculo, á frente dos três ministros, os oficiais-generais ouviram do marechal Denys a surpreendente notícia:

« — Chamei-os para lhes dar uma notícia da maior gravidade. O presidente da Republica acaba de renunciar. Tudo fizemos para dissuadi-lo, mas o presidente mostrou-se inabalável. Em face dos nossos apelos declarou: *Com este Congresso não posso governar. Organizem uma junta militar e dirijam o País.*

«Os oficiais-generais receberam estupefactos a comunicação da renuncia. Sucederam-se as indignações, as interpretações, as manifestações de pontos de vista sobre o caminho a seguir. O general Nicanor Guimarães de Sousa apresentou várias perguntas: quanto tempo duraria a junta militar? Quando se realizariam as eleições? Que fazer com relação aos Estados, governados por mandatários legitimamente eleitos?

«O general Floriano Peixoto Keller recordou os artigos 36 e 79 da Constituição, sobre o funcionamento harmónico dos três poderes da Republica e sobre a sucessão do presidente, em caso de vaga ou impedimento.

«Pronunciou-se, então, o almirante Silvio Heck, afirmando que *dar posse ao sr. Jango Goulart seria a guerra civil no Brasil.* O brigadeiro Moss concordou com a opinião do seu colega da Marinha. O marechal Denys nada declarou.

«Leu o general Orlando Geisel o artigo 79 da Constituição. Alguns dos presentes salientaram que, nesse mesmo artigo, havia uma saída para não dar posse ao vice-presidente, referindo-se, evidentemente, á figura do *impedimento*, aplicada, em 1955, aos srs. Carlos Luz e Café Filho. O general Emílio Ribas concordou com a solução da Junta Militar, mas o general Décio Escobar ponderou que *uma vez constituída a Junta, a opinião publica vai-se colocar contra as Forças Armadas.*

«O brigadeiro Sholl Serpa, que fora comandante da Base de Cumbica, e a quem o sr. Jânio Quadros, seu amigo, elevara ao generalato, propôs que os oficiais fossem a S. Paulo buscar o presidente resignatário e o trouxessem de volta á Chefia do Governo. A sua proposta não foi objecto de consideração.

«Por esta altura da reunião, o marechal Denys pediu aos oficiais-generais que guardassem absoluto sigilo sobre os acontecimentos, até ás 15 horas, quando o Congresso receberia a comunicação da renuncia, e retirou-se com os seus colegas da Marinha e da Aeronáutica.

«Além dos três ministros, encontravam-se no Gabinete do marechal Denys os seguintes oficiais-generais: generais Nicanor Guimarães de Sousa, Emílio Rodrigues Ribas Junior, Décio Palmeiro Escobar, Eduardo Carvalho Chaves, Benjamim Rodrigues Galhardo, Floriano Peixoto Keller, Altair de Queirós, Orlando Geisel e Ernesto Geisel, almirantes Silveira Lobo e Martini e o brigadeiro Sholl Serpa.

«Dos oficiais-generais que estiveram em Brasília, para as solenidades do Dia do Soldado, e que se encontravam no Ministério da Guerra ao terem início estes factos, o unico que não participou da reunião na sala do marechal Denys foi o general Morais Ancora, que, por motivos de saúde, saira um pouco antes». — (A. N. I.).

Malogrou-se um atentado

contra de Gaulle

PARIS, 9 — A presidência da Republica comunica: «Uma mistura inflamável e uma carga de explosivos foram colocadas, esta noite, entre Nogent e Romilly, no percurso que o chefe de Estado devia tomar quando se dirigisse da sua residência de Melange a Colombey-les-Deux-Eglises.

A mistura inflamável incendiou-se mas não provocou qualquer explosão, no momento da passagem dos carros presidenciais, cerca das 22 horas. A marcha dos carros, continuou sem alteração, pelo que o general de Gaulle chegou á referida localidade á hora prevista».

COMO SE DEU A EXPLOSÃO

O automóvel de de Gaulle passou entre as chamas do líquido espalhado na estrada.

O líquido que era gasolina e inflamou-se exactamente no momento da passagem do automóvel.

Supõe-se que alguém devia estar presente no local, escondido próximo da estrada, e accionou um dispositivo especial.

Por motivo ainda desconhecido, a carga não explodiu. No entanto o automóvel do general foi lambido pelas chamas e tem leves, mas muito visíveis, sinais de queimado.

A sr.ª de Gaulle, que se dirigia também a Colombey-Les-Deux-Eglises seguia o presidente noutro automóvel.

JÁ COMEÇOU O INQUÉRITO

Só esta manhã se espalhou em Paris a notícia do atentado. Foi o próprio presidente de Gaulle quem, por telefonema, deu ao Eliseu a notícia da tentativa criminosa, pedindo que não lhe fosse dada publicidade antes de hoje.

O líquido que era gasolina inflamável e 30, ou seja uma hora depois da passagem do carro do presidente, já os principais agentes da segurança se encontravam no local. O segredo mais absoluto envolve as primeiras indagações. Parece que o suspeito está preso. Diz, também, que o explosivo era «plástico» e tinha uma carga de quatro quilos. — (F. P.).

CONFIRMA-SE A PRISÃO DO AUTOR DO ATENTADO

PARIS, 9. — Foi preso um indivíduo que confessou ter sido o autor do ataque contra de Gaulle. A informação foi dada pelo Ministério do Interior.

O indivíduo preso no local do atentado fez confissões completas, informa a Polícia.

Ao que parece, os principais responsáveis da Organização do Exército Secreto seriam, na Metrópole, os generais Vanuxem e Crevecouer. O primeiro está guardado á vista e anuncia-se que foi preso durante, a noite de ontem, o general Crevecouer.

Em ultimas notícias diz-se que por ligações com a O. A. S. o jornalista Bousquet, redactor do semanário da direita «Rivarol» foi preso. Na mesma ocasião foi presa a baronesa de Boutemy. — (F. P. e R.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Portugal Continental: O vento era fraco. O céu em geral limpo por acção duma massa de ar transportada na circulação conjunta do anticiclone dos Açores centrado a sul do Arquipélago e de uma depressão de origem térmica, centrada sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS (T. M. G.): Bragança 15°; Beja, 16°; Porto, 11°; Portalegre, 20°; Penhas Douradas, 17°; Lisboa, 16°; Faro, 19°; Ponta Delgada, 23°; Funchal, 20° Evora, 16°; Sagres, 18°.

TEMPERATURAS REGISTADAS ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera; 17°,1; na água do mar, 17°,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 28°,3; mínima, 16°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 32°,5; mínima, 17°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado, a norte do sistema montanhoso Montejunto - Estrela. Vento fraco.

GRANDE OFENSIVA

da Polícia francesa

contra os «ultras»

do ex-general Salan

PARIS, 9. — Umas trinta prisões efectuadas nos ultimos dias na Argélia, fazem pensar que a repressão das actividades da Organização do Exército Secreto (O. A. S.) entrou agora em nova fase.

Certos observadores ligam estes acontecimentos á depuração efectuada nos círculos policiais, tanto na Argélia como na Metrópole e á chegada de uma centena de polícias metropolitanos á Argélia.

As prisões mais espectaculares foram as de um adjunto do ex-coronel Gardes, um dos réus do «Julgamento das Barricadas» e partidário do «Putsch», de 22 de Abril, hoje na clandestinidade, a de uma antiga secretária da mulher do ex-general Salan, bem como a de um rico industrial, Maurice Gingembre, que passa por ser o tesoureiro da O. S. A.

Se as estas prisões acrescentarmos as que se deram nos ultimos dias, igualmente em Baionne, Dax, Cambo e Angouléme, e que levaram ao desmantelamento da rede O. A. S. no Sudoeste da França, o balanço parece algo impressionante.

Poderia ser mais impressionante ainda. Soube-se, com efeito, em Argel, que o ex-general Salan e o ex-coronel Gardes escaparam por um triz á prisão, em consequência da operação lançada recentemente na planície da Mitidja e nos arredores de Tiaret, no Sul-Oranes.

Foram efectuadas prisões nos dois casos. No segundo foram mesmo apreendidas cartas e documentos destinados ao ex-general Salan, e que puseram a Polícia na pista de vários cumplices do «contraterrorismo» da extrema-direita. Graças a esses documentos a Polícia fez 2 detenções. — (F. P.).

PELA 5.ª VEZ

atravessou a Mancha

DOVER, 9 — O paquistanês de 30 anos, Brojandas, completou hoje a sua quinta travessia da Mancha a nado, tornando-se assim o homem que mais vezes percorreu, nadando, os 34 quilómetros que separam a França da Inglaterra.

Além disso, Brojandas conseguiu hoje o seu melhor tempo, nadando do cabo Grisnez a Dover em 11 h. e 48 m. — (Reuter).

Companhia Colonial de Navegação

PAQUETE

"INFANTE DOM HENRIQUE"

VIAGEM INAUGURAL

A sair de Lisboa em 4 de Outubro, escalando **Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e outros portos da Costa Oriental.

Qual é a fortuna da rainha de Inglaterra

Diario de Lisboa
magazine
NÚMERO 11 — 9 DE SETEMBRO DE 1961

Um segredo de Estado desvendado

EM Inglaterra, Abril marcou o início de um novo ano fiscal. Depois do ministro das Finanças ter apresentado o orçamento anual á Camara dos Comuns, cada inglês deitou contas á vida e examinou as perspectivas futuras. A rainha Isabel, que goza o privilégio unico de não pagar impostos, fez também as contas do ano findo. Nos ultimos dias de Março, recebeu uma pequena mala vermelha de onde tirou diferentes documentos relativos ás despesas da Coroa de que é herdeira. A leitura destes documentos indicou-lhe, com pequenas diferenças, como fora empregado nos ultimos doze meses o dinheiro publico de que dispõe. Além disso, foi também informada do estado e desenvolvimento da sua fortuna pessoal.

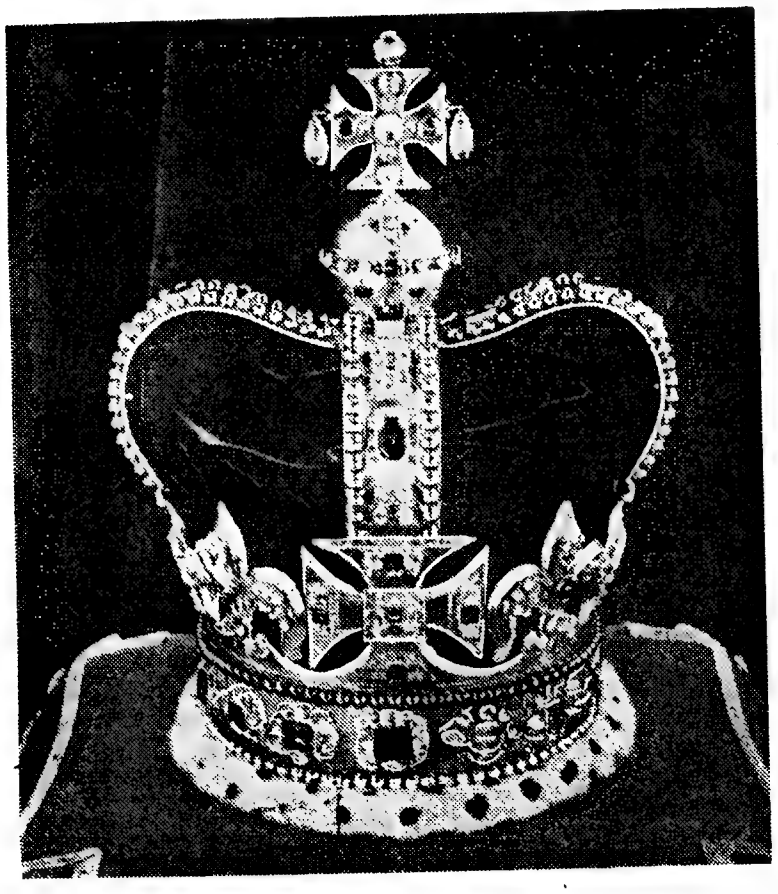
por
P. HOFSTETTER
(Especial para o «Diário de Lisboa» — Magazine

Um acordo com o Parlamento

Ao contrário do que se poderia pensar, a manutenção do palácio de Buckingham, que apesar de tudo não é Versailles, custa bastante caro. Os salários dos duzentos e cinquenta empregados do palácio elevam-se a 185 000 libras (15 mil contos). A rainha gasta todas as semanas 450 libras na conservação dos tapetes, cortinas e toalhas de mesa. O telefone, a electricidade e o aquecimento custam 360 libras por semana. Mensalmente, faz-se uma despesa de 130 libras na conservação da adega. Calcula-se que estas despe-

(Continua na 11.ª página)

A rainha com um dos seus valiosos diademas e colar. Em baixo: a coroa real



Consegue-se o milagre

de dar vida nova à folha que murcha na melancolia do Outono

Estará na Natureza o segredo da eterna juventude?

ESTAMOS a entrar nas despedidas do Verão. E repete-se o eterno ciclo evolutivo da Natureza, em que tudo obedece ás leis imutáveis universais — nascer, evoluir e morrer — em perpétua renovação.

Os dias morrem sem aflições, num suave desfalecer, sem agonias convulsas; os ultimos jubilos da fecunda época estival antecedem um período de torpor nas energias que quedam em sonolência, e tudo entra a cismar nos mistérios da vida, na eterna transformação das coisas e dos seres.

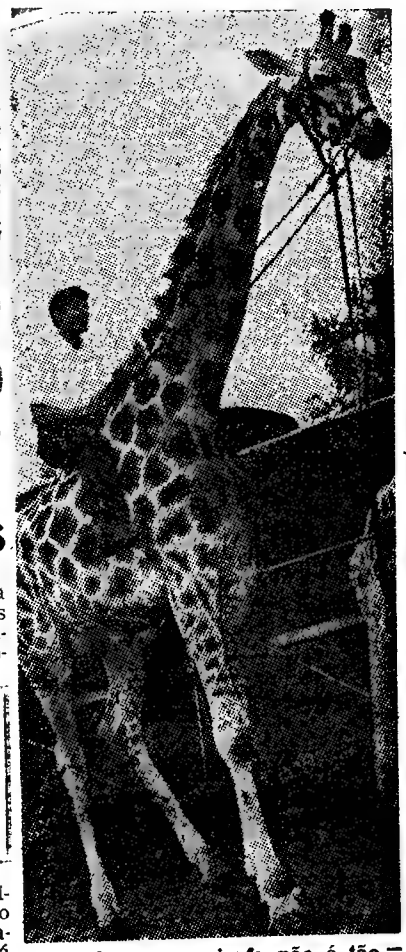
Já, por vezes, correm aragens frias, que trazem o pique da maresia e o rescendor balsamico das verduras bravias, requeimadas, ou borrifam chuviscos em ameaças de invernia, mas há uns dias magníficos, de suave e macia temperatura, dias de Sol radioso, um sol morno que desponta em carícias e sorrisos de claridades ténues, como filtradas por vitrais, nestas manhãs de atmosfera translucida, sem delírios de luz causticante e alucinantes labaredas que, nos dias caniculares, ferem os olhos e incendeiam os horizontes encizeirados.

Com a lenta transmutação de estações, a temperatura adquiriu um suave equilíbrio que estabelece o calmo repouso da Natureza, esgotada pelas laboriosas e fecundas tarefas da maternidade.

A paisagem, agora, adquire aspectos magníficos, sugestões de fantasias raras, delicadezas e primores de sedução nas variantes do cenário em que os relevos, as perspectivas e as tonalidades dos ambientes ganham expressões singulares na gama de cores e nas cambiantes de luz esplendente; e tudo isto, para além da simples ilusão, é a mimosa poesia da Natureza, a formosura do Outono, ainda iluminada por um pálido sorriso a esvair-se na fina melancolia do entardecer que se torna em sangrenta apoteose com a morte do Sol.

Uma onda de sangue ruboriza, também, as folhagens de certas espécies de árvores e arbustos, antes doiradas pela cresta esti-

(Continua na página seguinte)



Cavalgar uma girafa não é tão difícil como possa julgar-se, pelo menos para este jovem inglês que se diverte — e diverte os espectadores do circo onde trabalha — montando um belo exemplar de girafa, cuja docilidade fica assim bem comprovada

MARAVILHAS DO UNIVERSO

O "Projecto viajante" para estudo dos planetas

O chamado «Projecto Viajante» é um plano de estudo da superfície dos planetas do nosso sistema solar. Será realizado graças a um tipo de veículo sideral que os homens de ciência esperam poder utilizar cerca de 1967, segundo anuncia Fred D. Kochendorfer, chefe da direcção da Aeronáutica e do Espaço dos Estados Unidos.

A missão do veículo «viajante» requer a sua colocação em órbita, para o que deverá estar equipado tanto com foguetões propulsores como retropropulsores. Destinam-se estes veículos a recolher todas as informações possíveis sobre a superfície dos planetas, como primeiro passo para a sua exploração pelo próprio homem.

Como não se destinam a «aterrissar» nos planetas, a aparência destes veículos não será muito distinta da daqueles já desenhados para o estudo da Lua, o «Ranger» e o «Surveyor». Como eles, serão equipados com uma quantidade de instrumentos para estudo das características dos planetas, pressupondo-se que será aproveitada a experiência já adquirida nas observações sobre a Lua. O «Ranger» terá como propulsor um foguetão Atlas Agena-B. O «Marinheiro» um foguetão do tipo Atlas-Centauro. O «Viajante» usará o sistema Saturnio C-2. Já está a ser experimentado o Saturnio C-1. Mas o que será utilizado será o C-2.

pelo
DR. I. M. LEVITT
Director do Planetário do Instituto Franklin de Filadélfia

As metas deste projecto são os planetas Marte e Venus. A órbita deste ultimo planeta passa relativamente próximo da Terra, sendo a menor distancia de 26 milhões de milhas. A sua órbita é

(Continua na 11.ª página)

As folhas que amarelecem e murcham no Outono são como as vidas que entram na melancolia crepuscular. Mas o rejuvesnescimento da folha caduca, por um milagre da Ciência, faz renascer a miragem dos que sonham em retornar á mocidade perdida

A eterna juventude?

(Continuação da página anterior)

val após a verde exuberancia primaveril, e que no declínio outonal tombam e parecem morrer afogadas em colossal hemoptise que tinge de vermelho a terra, toda enrugada de velhice, mas que remoçará como os arvoredos e as plantas, depois da transitória inércia sob a álgida invernia, ao sopro renovador da risonha e voluptuosa Primavera.

A folha que murcha e o homem que envelhece

Sempre o fenómeno do cair da folha perturbou o homem no declive outonal com uma íntima e brumosa nostalgia da juventude perdida, ao mesmo tempo que, uma secreta e indecisa esperança, consolo do íntimo e melancólico sonhar, faz sempre pensar na mágica revivescência impossível, mas realidade assombrosa e fascinante na Natureza que, em cada Primavera, faz renascer a folha verde pujante de seivas viridentes.

Esse mesmo misterioso rejuvenescimento da planta, do arbusto e da árvore, em especial o caso particular das folhas murchas, desde longa data que fascina os cientistas interessados no estudo e na investigação do fenómeno do envelhecimento nos seres humanos.

Será, de facto, a folha que murcha o exemplo mais simples de um fenómeno de envelhecimento em paralelismo com a transição do homem para á senilidade?

Ponderadamente, os sábios assinalam, porém, que não se deve exagerar essa analogia, visto que o fenecer da planta ou das suas folhas é um fenómeno bem diferente do envelhecimento dos animais superiores e do homem.

Uma árvore velha, por exemplo, contém em si elementos cadu-cos e mesmo mortos, a par de outros jovens, que, de ano a ano, se renovam. No entanto, o murchar da folha pode proporcionar alguns ensinamentos sobre os processos do envelhecimento, o qual — em tudo na Criação — é apenas uma fase do eterno ciclo da vida — nascer, evoluir e morrer para o renascimento.

O prodígio da reviivescência vegetal

Quando as plantas, com um período vegetativo de um ano, florescem ou os seus frutos amadurecem, as folhas inferiores amarelecem ou secam por completo. Esse processo consideram-no os botanicos como o destino inevitável do envelhecimento no mundo vegetal.

A' medida que uma folha vai murchando, observa-se a redução da proteína e da clorofila. Sempre se considerou impossível qualquer regeneração, até que o cientista germanico dr. K. Mother, professor da Universidade de Halle sobre o Saale, conseguiu, tal prodígio, pois evitou que folhas cortadas do seu pedunculo murchassem.

Em consequência das transformações que se operam na própria planta, a folha, quando começa a murchar, não mais recebe alimentos, e depois nem mesmo água. Se, contudo, alimentarmos a folha, já levemente amarelecida, aspergindo soluções de *quinetina* com determinado teor de nitrogénio, ela reverdece. Aproveita-se assim a capacidade da própria folha para receber alimentos pela sua superfície.

O processo foi simplificado nessas sensacionais experiências, cortando todas as outras folhas da planta e a sua ponta de vegetação, com o objectivo de eliminar as concorrentes da folha submetida ao ensaio, cujos resultados foram surpreendentemente notáveis. Conseguiu-se assim o rejuvenescimento das folhas murchas que reverdecerám pela acção reactivadora da *quinetina*. E verificou-se o prodígio: as folhas, como que tocadas pelo sopro mágico emanando das misteriosas fontes criadoras da Natureza, cresceram, formando novas proteínas — retornando á vida, ao ciclo evolutivo, plenas de vigor, na graça da sua primaveril juventude.

E os que no outonal declínio da existência perpetuam o eterno sonho do regresso á mocidade perdida voltam-se para a Natureza com o jubilo de todas as promissoras esperanças na alma e o secreto anseio de que possam ser tocados pelo mesmo milagre da revivescência da folha caduca.

Contudo, esse milagre do esplendoroso rejuvenescimento é obra da ciência, que se empenha em descobrir os grandes mistérios da vida — mas a Natureza, caprichosa, embora complacente com tais ousadias, impõe o inexorável limite ás tentativas dos homens para avançarem mais além na ambição de se apoderarem dos seus invioláveis segredos. E a reconquista da juventude — crêem os próprios sábios — há-de ser um eterno sonho de alvoroçadas esperanças e magoada resignação ante a lei implacável que estabelece a sábia harmonia universal — impondo a morte para o triunfal renascer da vida.

Veja a diferença

As diferenças estão nos seguintes pormenores: 1 — Riscos da gravata da menina mais crescida. 2 — Numero de flores na planta do extremo esquerdo. 3 — Forma da segunda pedra da direita, no leito do ribeiro. 4 — Janela da casa. 5 — Tronco da árvore da esquerda, perto da casa. 6 — Curva do caminho que vai dar á casa. 7 — Fumo da chaminé. 8 — Riscos na água, á direita da ultima pedra da direita, no leito do ribeiro.

O homem, no declinio outonal, volta-se para a Natureza, com a alma cheia de ilusórias esperanças, num vibrante apelo ás suas poderosas forças para lhe restituir o vigor e a alegria da juventude que passou fugidia e breve

Mais isto e mais aquilo...

A firma Robinson Crusoë Inc., com sede em Hollywood, especializada na venda de ilheus desertos aos que, fartos do bulício da vida moderna e dos esplendores da civilização, querem regressar ao primitivismo paradisíaco, teve os seus dois primeiros clientes — Marlon Brando e Elvis Presley.

● *Na Exposição do I Simpósio Brasileiro de Arqueologia, na cidade de Belo Horizonte, um colar egípcio que tem mais de cinco mil anos e um fulgor perturbante constituiu acontecimento sensacional.*

● **Poucas horas depois da fabulosa empresa do segundo cosmonauta russo, major Gherman Titov, completavam-se duzentos e cinquenta e dois anos sobre o primeiro voo do homem, quando o padre Bartolomeu de Gusmão subiu em Lisboa, do Terreiro do Paço, num balão de ar quente, chamado «Passarola». Com ele, outro brasileiro, Santos Dumont, «o pai da Aviação moderna», são os precursores das modernas conquistas do espaço.**

● *O famoso «Prémio Pulitzer» teve a sua origem num legado do jornalista norte-americano, de ascendência hungara, Joseph Pulitzer, que viveu de 1874 a 1911 e foi proprietário do jornal «The World», de Nova York. O legado foi feito á Universidade de Columbia, para galardoar, anualmente, os melhores trabalhos literários e jornalísticos publicados nos Estados Unidos da América do Norte.*

● **Em tempos não muito remotos o hábito de comer á mão era naturalíssimo e a ninguém parecia necessário servir-se de qualquer utensílio para levar os alimentos á boca. Por isso, quando apareceram os talheres ninguém lhes queria pegar e toda a gente recusou a extravagante novidade. Foi só no tempo de Luis XIV, que os aristocratas mais refinados impuseram o seu uso, por lhes descobrirem algumas vantagens, visto ser muito melhor tal sistema do que os dedos para se servirem da comida, principalmente quando a escorrer gordura — e, além disso, evitava a maçada de lavar as mãos depois das suculentas refeições...**

● *A permanência dos alimentos no estômago varia de uma a cinco horas. Alguns exemplos: cerca de uma hora, água, café, chá, chocolate, caldo de carne, cerveja, ovos; duas horas, leite fervido, café com leite, batatas, couve-flor, pão branco, biscoitos, ovos cruz ou mexidos, lucio, carpa; três horas, pão negro, arroz, couves, cenouras, espinafres, maçãs, frango, carne de vaca, presunto, bife, carne assada; quatro horas, lentilhas, feijão verde, ervilhas, pombo, carne fumada; cinco horas, lebre, pato assado, arenque salgado.*

● **Segundo o neurologista americano prof. Herriak, o sistema de intercomunicações telefónicas de um país como os Estados Unidos são uma organização simples, comparada com o cérebro humano. Há mais de 10 000 000 000 de células cerebrais ou unidades em função, de tamanho microscópico, que constituem a matéria cinzenta associando-se e ligando-se umas ás outras da maneira mais complicada e estendendo-se ás diversas partes do corpo pelo sistema de filamentos nervosos.**

● *Os toiros que se vêem nas pradarias americanas, principalmente nos «ranchos» do «Far-West», apresentam hastes extraordinàriamente desenvolvidas, pontiagudas, temíveis. A ornamentação desses bichos é, contudo, e quase sempre, muito reduzida, atrofiada, incipiente. Para lhes dar esse ar ferino, Richard E. Aires, grande criador, fabrica no seu «rancho», na Serra Nevada, chifres em vidro sintético, plástico ou borracha que aplica aos seus toiros para lhes dar o aspecto terrificante. E vende cada par desses chifres á razão de trinta e cinco dólares.*

Reumatismo e anemia

A vitamina B12 foi descoberta há pouco mais de cinco anos pelo cientista britanico dr. Lester Smith, do Instituto de Investigação de Greenford, na Inglaterra. E logo foi considerada uma «vitamina maravilhosa», atribuindo-se-lhe importancia excepcional, pois se torna imprescindível para a formação dos glóbulos vermelhos do sangue. A sua carência no organismo implica, infalívelmente, o aparecimento da anemia perniciosa, doença considerada por muito tempo incurável. Contém-se essa vitamina no fígado, na carne, na gema do ovo e no queijo; e só depois de isolada do fígado, a vitamina B12, como substancia *antiperniciosa*, e pela aplicação da terapêutica do fígado foi possível salvar os doentes do terrível mal. Hoje, mantém-se a doença sob *contrôle* e combate-se a anemia perniciosa com diversos preparados á base de fígado e com fígado bem fresco e vitamina B12.

No congresso que reuniu em Hamburgo, há cinco anos, os especialistas das investigações sobre vitaminas, a vitamina B12, então recentemente descoberta, foi o principal objectivo dos trabalhos desses cientistas, uma vez que, conhecida a estrutura da «vitamina maravilhosa», faltava, contudo, conhecer os seus efeitos. E isso foi preocupação dominante dos investigadores em todos os países nos anos seguintes.

Agora, novo congresso internacional, realizado, também, em Hamburgo no Hospital Universitário, sob a presidência do prof. Joachim Kühnau, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina daquela cidade, reuniu mais de cento e cinquenta investigadores de vitaminas de todo o Mundo, incluindo o descobridor da vitamina B12, dr. Lestes Smith. Nessa importante reunião científica, com o amplo significado da perfeita colaboração entre sábios de todos os países, sem fronteiras no domínio comum das pesquisas com fins humanitários, a

(Continua na 11.ª página)

PARA OS MAIS PEQUENOS

Diçam lá estas...

O pai do Zeca está muito desconsolado porque o filho não foi a exame. No entanto, no dia dos anos do menino, o pai leva-o ao circo a ver os cãezinhos sábios.

— Vês? — diz o pai — Os cãezinhos são inteligentes. Aprenderam tudo o que lhes ensinaram.

— Pois sim — responde o Zeca, que compreendeu muito bem a intenção das palavras do pai — mas pergunte-lhes o paizinho os factos mais importantes do reinado de D. Dinis, e verá se eles lhe respondem...

■

O professor:

— Em que época do ano te parece mais bela a natureza?

O Antoninho:

— Na época das férias, senhor professor!

■

O senhor Pantaleão toca a campainha, uma, duas vezes, e o empregado não vem. O senhor Pantaleão está furioso. Por fim, o rapaz aparece, e o patrão pergunta:

— Porque não veio, quando toquei a campainha a primeira vez?

— Peço desculpa, senhor, mas não ouvi tocar.

— Pois para a outra vez, quando não ouvir, venha imediatamente avisar-me, para eu tocar com mais força!

Responda quem souber

1 — Quantos milhares há em um milhão?

2 — Quais são as duas cores que, misturadas, produzem o verde?

3 — Qual é o animal que traz os filhos numa bolsa?

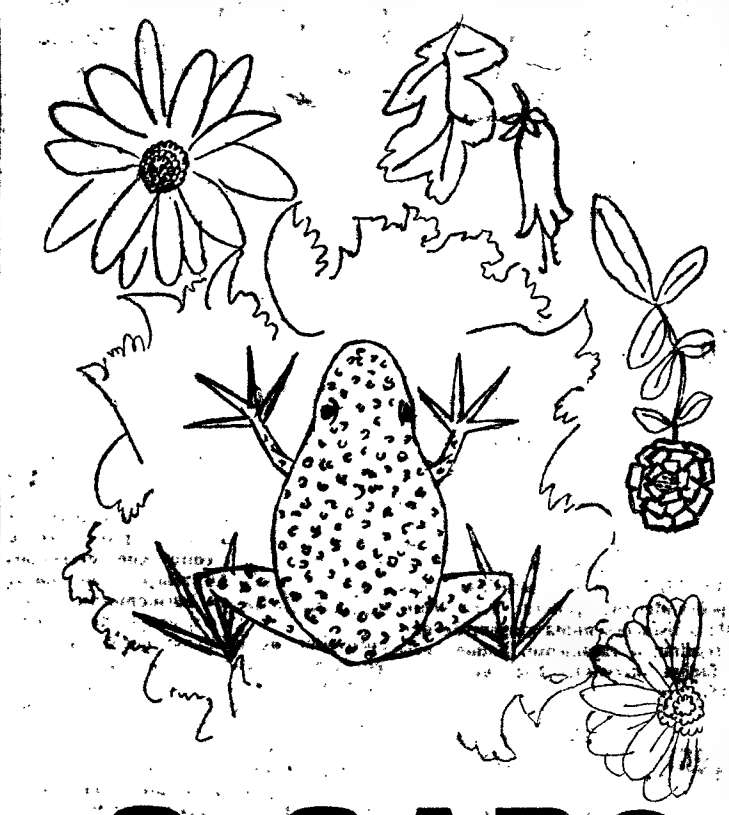
4 — Qual dos montes é mais alto: o Everest ou o Monte Branco?

5 — Como se chama um cavalinho novo?

6 — Qual é o instrumento musical que se usa nas igrejas?

7 — As baleias são insectos, peixes, répteis, mamíferos ou pássaros?

8 — Qual é, dentre os seguintes animais, o que gosta de nadar: o burro, o gato, o pato ou o boi?



O SAPO

Não há jardineiro assim,
não há hortelão melhor
para uma horta ou jardim,
para os tratar com amor
E' o guarda das flores belas,
da horta mais do pomar,
e, enquanto brilham as estrelas
lá anda ele a rondar.

Que faz ele? Anda a caçar
os bichos destruidores
que atacam o pomar
e fazem tristes as flores.
Por isso ficam zangadas
as flores, se se faz mal
a quem as traz tão guardadas
com seu cuidado leal.

E ele guarda as flores belas,
a horta mais o pomar;
brilham no céu as estrelas,
e ele ronda a trabalhar...
E ao pobre sapo, que é cheio
de amor pela terra amiga,
dizem-lhe muitos que é feio,
e há quem o mate e persiga.

Mas as flores ficam zangadas,
choram e dizem por fim:
— Então ele traz-nos guardadas,
e depois fazem-lhe assim?
E, vendo á noite passar
o sapo, cheio de medo,
as flores para o consolar
chamam-lhe lindo, em segredo

AFONSO LOPES VIEIRA

Era uma vez um pescador...

Era uma vez um pescador que vivia sózinho numa barraquinha ao pé da praia. Ele mesmo fazia a sua comida, lavava a sua roupa e limpava a sua barraca. Era muito trabalhador.

De madrugada, cedinho, ainda havia estrelas e o dia vinha longe, o bom do pescador levantava-se e punha-se a olhar o céu. Se o tempo estava bom, arrastava o barco para a beira da água e aí ia ele para o mar, para a faina da pesca. Umas vezes pescava muito, outras vezes pouco, conforme a sorte.

A' tardinha voltava para terra, estendia o pescado na areia e ali mesmo o vendia. Depois arrumava o barco, estendia as redes e recolhia á sua barraquinha.

Quando o mar estava bravo e o bom do pescador não podia ir para a pesca, ficava sentado no areal a consertar as redes ou a fazer outras novas. Isto acontecia muitas vezes, principalmente no Inverno.

Era esta a sua vida.

Nos dias muito frios o pescador costumava embrulhar-se numa capa que já fora nova mas que parecia agora tão velhinha, tão velhinha, como nunca se tinha visto outra assim. Estava toda cheia de remendos, cada qual de sua cor e feitio, remendos que o pescador lhe punha, cosendo e tornando a coser com um pontinho miudo. Era muito habilidoso.

Uma vez o pescador foi á vila ter com o notário: queria fazer testamento. As pessoas que tal souberam ficaram pasmadas. Como é que um pobre pescador, tão pobre que nem pode comprar uma capa nova, precisa de fazer testamento? Isso é bom para os ricos, que têm muito dinheiro e querem que ele seja dividido lá como muito bem entendem.

Mas o pasmo ainda foi maior quando se veio a saber o que estava escrito no testamento: queria o pescador que, por sua morte, se vendesse a sua capa e, com o produto da venda, se construisse uma capela em honra de Nossa Senhora do Monte. Nunca se tinha visto coisa assim! Construir uma capela! Com o produto da venda de uma capa tão pobre, tão velhinha e remendada! Podia lá ser!

Disseram uns:

— Ora o brincalhão! Aquilo é para ver se a gente acredita! Quer rir-se á nossa custa!

Disseram outros:

— Coitado do homem! Para onde lhe havia de dar! Está maluquinho!

Enfim, o tempo foi passando e já não se falava no testamento do pescador. A sua vida decorria sempre da mesma maneira. Até que um dia, já ele era velhinho, o bom do pescador morreu.

Foi então que outro pescador seu amigo, ao pegar na capa cheia de remendos, ficou surpreendido: era tão pesada.

E então viu-se que dentro de cada remendo estava uma moeda de ouro. E as moedas eram tantas que chegaram e sobejaram para construir a capela em honra de Nossa Senhora do Monte.

E o povo dizia:

— O bom do nosso amigo não tinha nada de brincalhão nem de maluquinho. Pelo contrário. E era muito trabalhador e económico!

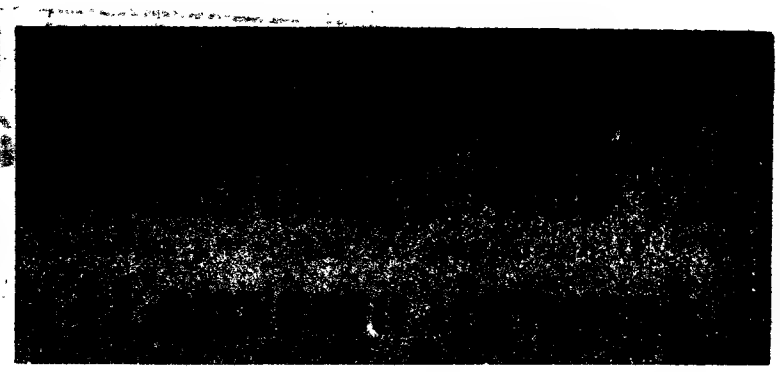
— Julgávamos nós que a capa não tinha nenhum valor, e afinal era um «capa rica»!

E aquele sítio, a praia e a povoação passaram a ser conhecidos pelo nome de «Caparica».

Lenda popular, contada pela Tia Maria Lucia.

Para decorar

Na vida não há riqueza
Que se iguale ao grande bem
Be termos quem nos responda
Quando nós chamamos: — Mãe



CONSULTA

Escrevo-lhe sinceramente aflita, e peço-lhe que me responda o mais depressa possivel.

Estou casada á pouco tempo, e vim morar para uma pequena terra onde não conhecia ninguém, nem mesmo a família do meu marido.

Devo dizer-lhe que me considero feliz, mas de vez em quando surgem situações que não sei como resolver, e o meu marido ou não me ajuda ou impõe-me atitudes com que não concordo e tudo isto me está fazendo uma grande confusão.

Há semanas fui convidada para madrinha de um bebé que vai nascer. Antes de responder, comuniquei o convite a meu marido, que me respondeu que fizesse o que entendesse. Disse-lhe que nesse caso aceitaria e não percebi, juro que não percebi naquela altura, que meu marido estava aborrecido. Agora voltando nós a falar no assunto diz-me que foi uma desconsideração convidarem-me a mim para madrinha e não o convidarem a ele para padrinho, e que também eu o «desconsiderei» aceitando uma honra que não lhe deram a ele.

Diga-me Telma. Devo dar uma desculpa e voltar com a minha palavra a trás?

RESPOSTA

Não me parece muito fácil, agora, descobrir uma desculpa airosa e declinar o convite que já aceitou, pois mesmo que a minha amiga adoecesse (o Diabo seja surdo...) ou tivesse de partir para o Pólo, podia passar a alguém uma procuração...

Parece-me melhor convencer o seu marido de que o facto de a convidarem a si para madrinha e não o convidarem a ele para padrinho não deve ser considerado ofensivo, de modo algum, para ele, pois «honras» deste género abrangem os dois membros do casal, ainda que se dirijam só a um...

Quanto a seu marido não ter querido aconselhá-la para agora a censurar, é uma criancice muito vulgar nos homens. Porque não foi ele franco e lhe não disse logo o que pensava, e desejava que a minha amiga fizesse? Ter-se-iam entendido. Faça-lhe compreender que é essa atitude que espera dele futuramente.

Os factos que me conta não têm, em si, nenhuma importancia. Mas já a têm se quisermos ver neles o reflexo da mentalidade de alguns maridos, que se julgam «donos» das suas mulheres a ponto de quererem que elas usem da liberdade que eles se dignam conceder-lhes, fazendo só e exclusivamente aquilo que eles querem e não dizem, mas que a mulher tem obrigação de adivinhar...

— «Ó homem, mas o que é que tu queres que eu faça?» — perguntava um dia certa mulher sinceramente aflita, porque desejava agradar ao marido mas não o entendia. E então ele, que por força queria ser obedecido, respondeu-lhe solenemente: — «Adivinha!»

Lembro-me muitas vezes desta cena e aqui lha relato, para que se console... Duma maneira geral, os homens, minha amiga, são assim. E assim continuarão até que uma sã e esclarecida educação os modifique. Se tem filhos não descuide, pela sua parte, essa obra educativa.

TELMA

Nunca se sabe a idade verdadeira de qualquer mulher

É mais fácil obrigar o diabo a dar um estoiro do que conseguir saber a idade certa de uma mulher, mesmo á beira do confessionário, aos pés do padre que a absolve dos seus pecados. Todas elas têm três idades — os anos que contam, os que aparentam e os que dizem ter —; e, além disso, servem-se de variadíssimas subtilezas para a simulação ilusória. Criam assim situações embaraçosas, quando, por exemplo, tentam iludir preceitos legais e do confronto das declarações incorrectas com a veracidade insofismável dos documentos oficiais ressalta a mistificação. Esta é uma das fraquezas femininas mais lamentáveis, pelo que tem de ridículo e, ao mesmo tempo, de angustioso, pois o horror á velhice leva-as a alterar a idade, fazendo-as esquecer das seduções que, na mulher, independentemente dos anos — e até da própria idade —, resultam dos seus encantos naturais e daquela perturbadora atracção que, tantas vezes, refina com a maturidade ideal. Nesses tipos de beleza voluptuosa, tocada de sua melancolia quando começa o declínio outonal, há qualquer coisa que a envolve numa indizível e dominadora fascinação a inspirar avassaladoras paixões. Por isso, as mulheres de trinta anos são as heroínas dos grandes romances de amor.

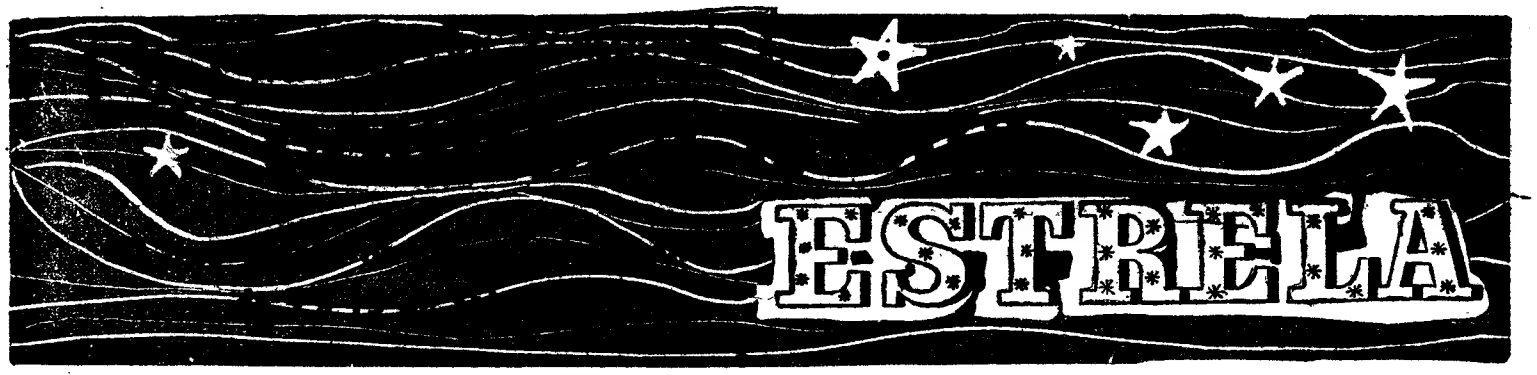
Essa subjugadora e empolgante sedução perdura mesmo para além da deliciosa e irresistível idade balzaquiana em que a mulher bonita, gentil, com todo o requinte da feminilidade atraente, triunfa na sua esplendorosa formosura. Torna-se, porém, lamentável a decadência quando elas teimam em ostentar a juventude que lhes roubou os melhores encantos servindo-se de inábeis artifícios com os quais julgam iludir a ruinosa velhice e impor a idade convencional que nunca ultrapassa os apetitosos trinta anos de cálida sensualidade

Da cegueira dessa ilusória miragem — que a ninguém ilude — resultam situações hilariantes, com os tais aspectos caricatos em que deliciosas e amadurecidas criaturas se expõem ao ridículo atroz só por persistirem no capricho de se tornarem mais novas mistificando a idade.

Ocorreu num dos domínios britanicos sob o governo do argucioso e subtil «lord» Caning, durante luzida recepção para celebrar uma data festiva da Comunidade, um desses casos pitorescos em que as susceptibilidades femininas criam imprevistos e complicados problemas de etiqueta protocolar, a qual impõe inalteráveis preceitos de ordem hierárquica. No caso em questão, o conflito resultou da rivalidade entre as esposas dos altos funcionários, por motivo da ordem de precedência na cerimónia oficial, visto que todas queriam ser as primeiras.

O incidente complicou-se a tal ponto que se tornou necessária a intervenção pessoal do governador.

Teve, então, o sagacíssimo «lord» Caning uma ideia salvadora, de inspiração mefistofélica, e determinou que a precedência seria rigorosamente por ordem de idades, ocupando os primeiros lugares as senhoras mais velhas. Logo, porém, surgiu outra e mais frenética questão, pois nenhuma delas se decidia a aceitar tão comprometedora distinção — uma vez que todas queriam ser mais novas umas do que as outras...



Carneiro

(De 21 de Março a 20 de Abril)

Grande receptividade no meio ambiente, nas actividades habituais e com as pessoas de maior intimidade. Terá de reprimir a irascibilidade, se não quer levantar atritos. Poderá obter bons resultados com ajudas financeiras, se agir judiciosamente. Vida sentimental: algumas rixas, violência conjugal; promessas não cumpridas. Associação desligada. Complicações nos contratos comerciais e de sapatas. Perigo de sedução para as mulheres, gravidez. Saude: instável. Dia desfavorável: 15.

Touro

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

Na vida social, terá perigos a combater. Na vida política, campanha violenta; facção tenebrosa, conspiração. Mas é possível vencer, realizar os projectos. Aconselhe-se a não tomar decisões irrevogáveis nas iniciativas importantes, e a servir-se de toda a reflexão possível. Vida sentimental: pouca harmonia; risco de separação; divórcio; seja contemporizador. Saude: vitalidade satisfatória; evite os excessos. Dia desfavorável: 13.

Gémeos

(De 22 de Maio a 21 de Junho)

Com a tendência que tem para a impetuosidade, terá de dominar o nervosismo e fazer concessões no meio social em que viva. Evite indispor-se com pessoas vingativas que possam promover intrigas e criar atritos prejudiciais nas actividades colectivas. Dê provas de sociabilidade e consagre-se às ocupações que exerce. Evite as especulações ousadas, compra e venda de títulos e cuide dos riscos financeiros. Vida sentimental: desfavorável com o sexo oposto; prefira os prazeres intelectuais, a instrução técnica e literária. Saude: demanda cuidados com o regime alimentar. Dia desfavorável: 16.

Caranguejo

(De 22 de Junho a 23 de Julho)

A influência lunar indica que neste período poderá fazer algumas viagens proveitosas, tanto em negócios como em divertimentos. A actividade mental será favorecida pelo aspecto de Mercurio, que augura boas transacções nas relações comerciais. Aproveite a inspiração, que é propícia para trabalhos intelectuais, assim como para empreendimentos oficiais. Vida sentimental: evite as extravagancias, a desordem nas aspirações e na família. Saude: digestões laboriosas. Dias desfavoráveis: 13 e 15.

Leão

(De 24 de Julho a 23 de Agosto)

A influência benéfica dos aspectos planetários ajudá-lo-á a melhorar a situação pecuniária com vantagens apreciáveis, mas aconselha-se a não ter arrogancias dispendiosas no gosto do luxo e dos prazeres. Modere o seu entusiasmo nas concepções de envergadura. Vida sentimental: satisfações numa viagem de que pode resultar o casamento. Saude: evite a fadiga nervosa. Dia desfavorável: 15.

Virgem

(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)

No dominio profissional, terá de fazer algumas deslocações e viagens. Esta posição indica a expansão política para os chefes de Estado. Importa grande prudência e diplomacia com os estranhos. Os esforços para realizar as aspirações serão coroados de êxito, apesar dos obstáculos a vencer e dos inimigos a eliminar. As dificuldades monetárias serão inevitáveis. Vida sentimental: bom augurio para casamento. Saude: evite o esgotamento; repouse. Dias desfavoráveis: 13 e 16.

Balança

(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)

Vénus na casa XI facilita a realização das esperanças, dos desejos; augura grandes amizades que satisfazem o amor próprio do nativo. Contudo, há inimizades a temer, inimigos difíceis de conter em relação á profissão. Atenção á publicidade das empresas, que precisa de ser cuidada e reforçada. A intuição é boa; contudo, não actue impulsivamente. Vida sentimental: boa posição para formar um lar. Saude: combata os momentos de cepticismo depressivo. Dias desfavoráveis: 15 e 16.

Escorpião

(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)

Enquanto Neptuno estiver neste signo, e estará ainda por muito tempo, as esperanças alimentadas pelo nativo são de realização difícil, apesar da veemência interior. Deverá ser mais realista e receber as decepções com mais serenidade e sangue-frio. Vida sentimental: reprima os instintos amorais. A tendência é para os excessos, para a violência que o pode levar á prisão. Risco nos cálculos secretos. Saude: terá de robustecer a força de carácter, a capacidade de se dominar. Cuide do fígado. Dia desfavorável: 16.

Sagitário

(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)

O Sol na casa X é indício de êxito na posição social e profissional. Augura que encontrará as protecções e crédito que necessitar. As relações são fáceis e harmoniosas. Por consequência, deve aproveitar os influxos benéficos para pôr em execução os projectos e iniciativas. Contudo, deve evitar a precipitação na evolução de assuntos familiares. Vida sentimental: os instintos estimolam os sentimentos, a necessidade de criar uma situação que o eleve ás esferas oficiais pelo casamento. Saude: nada de grave. Dias desfavoráveis: 9 e 13.

Capricórnio

(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)

As apreensões ilusórias e a falta de adaptação ás circunstancias fazem que os horizontes sejam limitados pela actividade diminuida. Terá de combater o descoroçoamento e ter mais confiança em si próprio, a fim de afrontar os obstáculos e demoras, que serão fáceis de vencer. Terá de ser optimista nas relações profissionais. Vida sentimental: desencanto pessoal sujeito a rompimento. Saude boa; males imaginários. Dias desfavoráveis: 13 e 16.

Aquário

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

A colaboração ou associação estão expostas a grande instabilidade concernente ás atitudes precipitadas do nativo. Os gostos artísticos e estéticos podem desempenhar um papel importante neste período, particularmente na vida teatral. Os estudos referentes á morte, os problemas psíquicos, merecem a preocupação e interesse neste período. Vida sentimental: instabilidade psíquica, tendências mórbidas. Saude: má circulação, combata a neurastenia. Dias desfavoráveis: 15 e 16.

Peixes

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

Boa posição astral para os que vivem da actividade política. E' possível que haja modificação vantajosa na vida social ou em associação. Evolução colectiva de transformação radical destruirá para reconstruir de novo até ao sacrifício, a fim de triunfar dos adversários. Acontecimentos imprevistos implicam a falta de apoio dos amigos ou aliados. Vida sentimental: casamento importante. Viagens sobre a água. Saude: flutuação para o sexo feminino; concepção favorável. Dia desfavorável: 16.

AS GRANDES EDIÇÕES DA PORTUGÁLIA

LUA, ANO-UM

O PROBLEMA DAS VIAGENS ESPACIAIS TRATADO POR ALGUNS DOS GRANDES CIENTISTAS E TÉCNICOS QUE TORNARAM POSSÍVEIS AS VIAGENS CÓSMICAS DE GAGARINE E TITOV

colecção «o homem e o desconhecido»

CRISTO PAROU EM EBOLI

POR CARLO LEVI

«QUADRO SOCIAL IMPRESSIONANTE, MEMÓRIAS DE UM DEPORTADO POLÍTICO, SOB O FASCISMO» — segundo Paul Arrighi

300.000 EXEMPLARES VENDIDOS EM ITÁLIA!

O CIÚME

POR ALAIN ROBBE-GRILLET

UM DOS ROMANCES MAIS SIGNIFICATIVOS DA «NOVA VAGA» FRANCESA

INQUISIÇÃO ESPANHOLA

MAGISTRAL ESTUDO DO HISTORIADOR BRITÂNICO A. S. TURBERVILLE SOBRE UM DOS MAIS TENEBROSOS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA EUROPEIA

PORTUGÁLIA EDITORA

AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.° — LISBOA

Móveis

GÉNERO AMERICANO E TODOS OS ESTILOS

Temos em exposição e executamos nas nossas oficinas próprias

Trocamos os vossos móveis usados e facilitamos o pagamento

ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35 — Tel. 832161 (Quase em frente da Igreja dos Anjos)

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, de JOÃO LUIS DE MEDEIROS.

BELO-HORIZONTE

ALMOÇOS E JANTARES

CERVEJARIA ■ MARISCOS ■ VINHOS

Rua do Arsenal, 52 — Telefone 30442 LISBOA

Cóisas novas na Ciência e na Técnica

VAI ser construída em Bogotá (Colombia) uma fábrica de cortiça que produzirá, pelos mais aperfeiçoados sistemas da técnica especializada, rolhas para as industrias farmacêutica, de refrigerantes e cerveja e chapas para a industria de construção. A matéria-prima será importada de Portugal e da Espanha.

■

Foi descoberto por cientistas americanos um produto químico que protege as ostras contra o seu inimigo natural, principalmente as estrelas-do-mar. Forma-se á volta dos parques de ostras, barreiras constituídas por areia tratada com o referido produto ou espalha-se a mesma areia nos viveiros. Se, por exemplo, uma estrela-do-mar toma contacto com a areia, entra em grandes convulsões e não tarda a morrer. O referido produto, em cuja composição entram, principalmente, benzina tratada á base de cloreto de soda e insecticidas especiais, não oferece perigo aos peixes e moluscos.

■

Uma máquina, de fabricação austríaca, para cortar nabos tem as mais diversas aplicações. Serve, por exemplo, como triturador e espremedor de frutas, para fazer puré de nabos, «chourcroute», etc. Um sistema de discos triplos, de faca, garantem, além de outras facilidades, o desenvolvimento rápido do processo de trabalho.

■

Nas proximidades de Sundswall, na costa do Golfo de Bootnia, cerca de 225 milhas a norte de Estocolmo, está a ser construída uma ponte gigantesca e de extensão excepcional, que ligará a ilha de Alnö á terra firme. Em concreto protendido, medirá aproximadamente 982 metros, incluindo os viadutos de entrada e saída. O arco mais alto permitirá a passagem de cargas com quarenta metros de altura, por uma largura de setenta.

■

Após experiências com novos processos de cultura, que tiveram o melhor êxito, terminou recentemente na Austrália a plantação de trinta e quatro milhões de pés de ananases, cujas plantas começarão a frutificar em 1963.

■

Foi proibida no Brasil a aplicação, que estava a ser feita em larga escala, de hormónios estrogeneos para estimular a engorda do gado. Considerado nocivo por vários técnicos, o produto vai ser submetido a investigação científica, de cujos resultados dependerá uma resolução definitiva sobre a determinação proibitiva agora em vigor.

■

Pela aplicação de novos métodos de cultura e estimulantes da produção, aumenta a colheita do arroz, que constitui o alimento-base das populações em consideráveis zonas do Globo, sobretudo no Extremo Oriente. A produção mundial da campanha de 1960/61 é calculada em 503.7 biliões de libras-peso, com um aumento, relativo á colheita transacta, de três por cento, que se deve verificar, em especial, na Asia (Japão, India, Paquistão, Malásia e Ceilão).

■

Minas de cobre descobertas na Jordania vão ser exploradas pelos mais aperfeiçoados processos e devem produzir cerca de 22,5 milhões de toneladas de minério.

PARA BEM DA SAÚDE

a cargo do dr. Mário Ceia

As super penicilinas

Há pouco mais de dois anos, investigadores ingleses fizeram uma descoberta importantíssima no capítulo dos antibióticos, revolucionando extraordinàriamente a obtenção daqueles. Com efeito, conseguiram preparar o «nucleo» da penicilina, abrindo assim o caminho a grande variedade de penicilinas sintéticas, algumas das quais viriam a revelar-se muito uteis em Medicina.

Pouco tempo depois desta descoberta básica, os mesmos investigadores anunciavam a primeira «superpenicilina», designada por *feneticilina*, hoje comercializada em quase todos os países. Toma-se por boca, resiste ao ácido clorídrico do estômago e é mais activa contra certos estafilococos.

Na verdade, frente ás penicilinas clássicas, alguns dos micróbios designados por estafilococos, bastante rebeldes e espertalhões, «fabricam» um fermento que destroi a penicilina, rindo-se pois nas «suas barbas»... Ora a primeira superpenicilina descoberta em Ingalterra mostrou-se capaz de lutar mais eficazmente contra os tais estafilococos resistentes ás penicilinas habituais. Por outro lado, tem a desvantagem de ser menos activa contra os outros micróbios e dái a necessidade de prosseguirem as investigações.

Pouco tempo depois, e com a colaboração do famoso professor Chain (que ajudou «sir» Alexander Fleming), surgia uma segunda «superpenicilina», chamada *meticilina*. Sendo atacada pelo ácido clorídrico do estômago, tem de ser administrada por injecção, mas as suas vantagens avolumam-se: ataca eficazmente os perigosos estafilococos e *resiste completamente* á poderosa arma destes, o citado fermento que aniquila as penicilinas. Há ainda um inconveniente, já notado com a feneticilina: é pouco activa contra as outras bactérias. A insatisfação dos cientistas ingleses leva-os, pois, a continuar os seus estudos.

E assim acaba de aparecer a terceira «superpenicilina», anunciada por meio de diversos trabalhos de investigação no judicioso «British Medical Journal», de 22 de Julho deste ano. Ainda não foi baptizada farmacológicamente, os iniciados designam-na por B. R. L. 1341 e os optimistas pela «super-superpenicilina»! Ora não é bem assim, pois a B. R. L. 1341, tendo vencido certas desvantagens das suas «companheiras» mais antigas, não apresenta uma das propriedades mais valiosas daquelas: é, infelizmente, atacada pelo *fermento* do sagaz estafilococo. Em contrapartida, pode tomar-se sob a forma de cápsulas, não é tóxica e parece combater enérgicamente grande numero de micróbios, em especial os que provocam as pneumonias, as supurações, as colibaciloses, a febre tifoide e algumas infecções das vias respiratórias. Sob esse aspecto, parece ser tão eficaz como outros antibióticos poderosos que se tomam por boca (tetraciclinas, cloranfenicol), sendo melhor suportada pelo organismo.

Claro que há ainda muito a estudar e muito a escrever sobre a B. R. L. 1341. Certamente que outros micróbios serão dominados por esta superpenicilina e meses decorrerão antes de se conhecerem perfeitamente as suas vantagens e limitações. Desde já fica-nos a ideia da sua facilidade de administração, ausência de toxicidade, e eficácia contra grande numero de micróbios que afligem os seres humanos. E' natural que esta *3.ª Super* ainda não represente uma solução definitiva, mas de qualquer modo a Medicina e os doéntes estão de parabens por esta persistência dos investigadores ingleses a bem da saude!

O leite

«Comprem leite, bebam leite, é bom e faz-lhes bem», palavras do primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Harold Macmillan, no Festival que inaugurou a Semana do Leite (em Julho ultimo). Este Festival repete-se em 100 cidades e vilas da Inglaterra e País de Gales e está incorporado no «Dia Internacional do Leite», no qual tomam parte 10 países europeus. A industria de lacticínios da Grã-Bretanha é a maior de todas as industrias britanicas de produtos alimentares. Vendem-se cerca de 6300 milhões de litros de leite por ano para beber, distribuindo-se cerca de 30 milhões de garrafas de leite por dia. No nosso País, infelizmente, o leite ainda não é apreciado, nem consumido em escala razoável e preferem-se os comunicados e as polémicas estéreis ás acções imediatas!

O sindrome das pernas inquietas

Há pouco mais de 16 anos um médico de Estocolmo, o dr. Ekbom descreveu uma estranha doença que designou por restless legs, *ou seja* pernas inquietas, pernas sem repouso. *São pouco numerosos os casos descritos em todo o Mundo e por isso é de salientar um valioso trabalho de um médico português, o prof. Celestino Maia, que há pouco relatou pormenorizadamente 5 casos de* síndrome das pernas inquietas, *como gostamos de chamar-lhe.*

O sintoma principal desta estranha afecção consiste numa agitação indomável das pernas, acompanhada de sensações diversas, por vezes picarescas (fervilhar de vermes, roer dos musculos ou dos ossos, como certos doentes as descrevem). A «inquietação verifica-se sobretudo á noite e deve ser essencialmente provocada pelas tais sensações estranhas que os doentes experimentam entre os joelhos e os tornozelos, mais raramente nos pés. Tais «formigueiros», «choques» ou «moinhas» provocam uma necessidade de mexer as pernas, a que o indivíduo não pode resistir. O alívio neste caso, consiste em levantar-se e andar... Quando o síndrome é intenso, pessoas há que passam a noite em claro, a passear pelo quarto!

Diz o prof. Celestino Maia que as sensações estranhas nas pernas e agitação destas, surgem em crises, em regra ao anoitecer ou durante a noite. «Aparecem, por exemplo, quando o doente se senta para jantar; depois, no cinema ou, mais tarde, após deitar-se. Se os fenómenos começam cedo, costumam ir-se agravando com o correr da noite: são mais marcados no cinema que ao jantar e mais na cama que no cinema».

Supõe-se que o síndrome das pernas inquietas *se deve a uma perturbação dos nervos simpáticos que comandam a contracção das artérias das pernas. Têm sido experimentados numerosos tratamentos, revelando-se como mais eficazes aqueles remédios que dilatam as artérias das pernas. Ora o trabalho do prof. Maia vem demonstrar que o* síndrome das pernas inquietas *pode melhorar por um tratamento hidromineral, recorrendo a águas do tipo da do Gerez que são benéficas nas disjunções do fígado e das vias biliares. Deste modo,* as pernas inquietas *seriam, pelo menos nalguns casos, o espelho fiel de uma «inquietação» no andar de cima... a glandula hepática e os seus escoadouros!*

As proteínas e a fome mundial

Proteína, vem da palavra grega «protos» que significa *primeiro,* o que se compreende, pois a base de toda a matéria viva são as proteínas. Para fabricar as suas proteínas, o homem tem de ir buscá-las á alimentação (aos vegetais e aos animais), desdobrando-as em aminoácidos e, com estes, reconstruindo as proteínas específicas do corpo humano.

A falta de proteínas é o principal factor de subalimentação. A fome que «grassa» em muitas regiões do Mundo, abrangendo milhões de indivíduos, seria atenuada se existisse maior produção de proteínas. Visto que as proteínas animais (carne, leite e ovos) são extremamente caras para um plano de desenvolvimento das regiões subalimentadas, pensou-se em recorrer ás proteínas vegetais.

Ora um inventor inglês, Israel Chayen, acaba de criar uma máquina capaz de extrair proteínas, a partir das matérias vegetais, com um rendimento 10 vezes superior ao do metabolismo dos bovinos. Por outras palavras, para uma mesma quantidade de erva, a máquina de Israel Chayen extrai 10 vezes mais proteínas que uma vaca produz em carne e em leite.

Este *estômago sintético* funciona em Londres e «digere» os vegetais, decompondo-os em celulose, glucidos, gorduras e proteínas, por meio de uma operação em cadeia. E' a primeira tentativa industrial para resolver o problema da carência proteica de grandes regiões do Globo. Custou 2400 contos, mas as despesas de exploração são insignificantes, produzindo além das preciosas proteínas, óleos vegetais que servem para o fabrico de margarina, glucidos para a alimentação do gado e celulose para a industria do papel.

As vulgares ervas podem servir de matéria-prima para esta «vaca artificial» que será decerto recebida de braços abertos nos países onde ainda se morre de fome!

Fecho-éclair e garotos

Diversos médicos ingleses condenam o uso do fecho-éclair para substituir os botões nas calças dos rapazes de pouca idade. Em apoio da sua opinião, citam casos de garotos que, ao tentarem abrir a braguilha provida de fecho-éclair, sofreram um entalão dos órgãos sexuais, agravado ainda pelas tentativas infelizes dos familiares para resolverem o assunto... Num garoto de 4 anos foi mesmo necessária uma pequena operação cirurgica para o libertar!

Exemplar magnifico de «Crisantemo de Outono». Note-se o ondulado das compridas pétalas

JARDINAGEM

CRISANTEMOS

São oriundas da China, da India, da América do Norte, da Africa do Sul e do Mediterraneo as espécies de crisantemos conhecidas entre nós. As suas flores exprimem tormento e pena, linguagem que adquire significado especial no dia 2 de Novembro — Dia de Finados. Planta dicotílea anual da tribo das antemilhas, caracteriza-se o crisantemo pelas suas folhas alternas, inteiras, dentadas ou cortadas de diferentes modos, e pelas suas flores dispostas em botões solitários no extremo de compridos pedunculos, ou reunidas em corimbos.

Vulgarmente conhecido por «Despedida de Verão» — pela circunstancia de, quando todas as flores já murcharam em consequência da estiagem, ostentarem todo o seu mimo, bem como a sua frescura — o crisantemo tem como parentes muito próximos o «Malmequer-de-Sécia» e a «Rainha Margarida» (a esta faremos referência na próxima semana).

Algumas variedades de crisantemos atingem um metro de altura e grande vigor. As suas flores, muito adoráveis, dobradas e de cores brilhantes, são o mais belo ornamento dos jardins no Outono. Dada a rusticidade da planta, a sua cultura é fácil, como vamos ter ocasião de verificar.

A cultura do crisantemo resulta com êxito, quer em vasos, quer no chão, se o amador lhe proporcionar terra argilosa-calcárea com um pouco de adubo e água abundante durante o Verão. Há, todavia, vantagem em cultivar esta planta em vasos: estes podem abrigar-se fácilmente quando os crisantemos estão em flor.

A reprodução faz-se, logo no início da Primavera, pela divisão das touças, ou pés, pelos rebentões e por semente. Este ultimo processo — sempre o mais difícil — a utilizar-se, será também na Primavera, sobre cama.

As estacas enraizadas devem colocar-se em vasinhos e ser postas em lugar abrigado, a meia sombra. Oito dias depois, convém pô-las ao Sol. Aplica-se-lhes então uma pulverização de calda sulfocálcica a 2%, operação que se deve repetir de 15 em 15 dias. Um mês depois, são as plantas mudadas para vasos maiores (no chão, devem os pés colocar-se á distancia de 40 centímetros uns dos outros) e, passados 15 a 20 dias, espontam-se, para que ramifiquem, devendo aproveitar-se-lhes os três ou quatro rebentos melhores.

Para se conseguir floração mais abundante, costuma dar-se, um mês depois, outra esponta. Não aconselhamos, porém este processo, pois a um maior numero de flores corresponderá menos beleza e menor parte de cada flor. Cada planta não deve ter, por isso, mais de três hastes.

Quarenta e cinco dias depois da ultima muda, devem as plantas ser postas em vasos maiores e as hastes atadas a caniços, que se enterram perpendicularmente. Entretanto, é preciso cortar todos os rebentos laterais e os que saem da terra.

Cada uma das três hastes aproveitadas deve dar apenas uma flor, e todos os botões-coroas que aparecerem antes do fim de Julho serão suprimidos. Estes darão lugar a diversos rebentos dos quais se aproveitará o melhor, que, algum tempo depois dará o segundo botão-coroa ou o terminal. Depois de Julho, porém, aproveita-se qualquer botão, quer seja coroa ou terminal. É geralmente, o segundo botão-coroa que dá a melhor flor.

O botão-coroa distingue-se do terminal por aparecer mais cedo e sair cercado de folíoloc compridos (que devem ser suprimidos); o terminal surge sempre cercado por outros botões (que também se eliminam).

O corte dos rebentos laterais, a que se procede com o objectivo de obter uma flor de grande porte, no extremo da haste, deve efectuar-se á unha.

Logo que apareçam os primeiros botões, dê-se á planta adubações líquidas semanais, com excremento de boi diluido em água. No momento da aplicação do adubo líquido, que deve estar preparado com a maior antecedência possível, misture-ese nele nitrato de sódio, na proporção de um grama para cada litro. Um por menor que convém, também não esquecer, ao aplicar-se o adubo líquido, é o cuidado de verificar se a terra está humida, pois se estiver seca, a planta ressentir-se-á de tal modo que até se poderá perder.

Observados estes conselhos uteis e fáceis de seguir, os jardineiros amadores—estamos certos — obterão crisantemos de que se orgulharão.

Exércitos miniaturais movem-se ás ordens de um ex-oficial austríaco

RAROS são os que conseguem realizar os sonhos e as mais altas aspirações para se unirem ao seu destino transcendente, isto é para se completarem firmando a personalidade pelas capacidades possibilitadoras do máximo avanço na subida luminosa á verde colina das radiosas esperanças onde esplende o ambicionado triunfo — que é relativo ao génio e á inteligência no grau de apurada agudeza.

Umas vezes, todas aquelas limitações que nos cercam e os nossos próprios complexos inibitórios, generosos altruismos, extremos sacrifícios de abnegada dedicação pelos outros, deveres impostos ou que nos impõem, a própria dignidade em face da tradicional submissão aos conceitos e conveniências familiares — tudo isso e as imperiosas necessidades da vida nos desviam do almejado rumo. E' assim que muitos falham numa carreira para a qual não foram talhados, seguindo-a, á margem das próprias aspirações, contrariando o pendor natural, a vocação plena que, só por si, garantiria o almejado êxito. Por isso todos têm o seu «violino de Ingres», ás vezes aos olhos de outros uma excentricidade ou mero entretenimento nos lazeres das tarefas que se cumprem metódica e quotidianamente. Quer dizer: aquela segunda profissão adaptada por amadorismo, a compensadora alegria íntima de fazer aquilo que secretamente se ambiciona, a realização do sonho frustado na materialização das realidades tangíveis. Era assim que Ingres, embora saído da vulgaridade pelos seus métodos de pintor, se evadia para o mundo das suas gratas quimeras, libertando os anseios predominantes quando na rabeca cingida ao coração dava largas á sua reprimida aspiração, que era fundamentalmente a de ser musico. Assim, também e por formas diversas, outros se completam na ilusão de se tornarem donos do seu universo, naquilo a que sempre aspiraram ser.

Desvio da vocação natural

Há os que na própria profissão, quando limitados por convencionalismos ou exigências da posição conquistada, recalcam os desejos de exercê-la naqueles aspectos e modalidades que lhes são caros, mas vedados, encontram maneira de satisfazer os segredados anseios, tornando-se exímios na aplicação de méritos e habilidades desviados para outro rumo, mesmo em plano superior. Do mesmo modo, a nostalgia do postiado que se exerceu em pleno agrado, ás vezes apesar disso, sem ser possível a satisfação total na forma consentanea com as aspirações pessoais, leva ao refinamento de todos os dotes e capacidades retraídos, quando a vida proporciona a oportunidade de aplicar todas essas possibilidades na realização dos planos acariciados num enlevo de esperançosos sonhos — ou a própria vida impõe com as suas vicissitudes e necessidades imperiosas.

Vêem assim exemplos de guerreiros que se entregam com aprazimento e rusticos passatempos em bucólico recolhimento, quando aplacados os furores bélicos, quando o tempo lhes quebra o vigor e têm de embainhar a espada por imposição de normas regulamentares ou quando a sorte adversa os liberta do fardo triunfal e os reintrega no seu destino. Há estadistas que, ao retirarem-se da vida publica, reafirmam a personalidade como artistas, escritores, historiadores — mais por vocação do que por anseio de evidência na posteridade — ou deliciando-se na simplicidade da vida campesina, em contacto com a Natureza no regaço verdejante que lhes foi berço. Aí na serena tranquilidade dos lugares amenos, vão também repousar das inquietações interiores, poetas e artistas, que andaram pelo grande mundo das doiradas quimeras bafejados pela glória e sempre com o pó da sua aldeia agarrado á sola dos sapatos, e alegram a alma nas singelas tarefas do seu pedaço de terra na paz e contemplativos enlevos virgilianos. Todos têm, de qualquer modo, uma dessas gratas aspirações a realizar — se a vida lhes proporciona, ou providencialmente lhes impõe, a oportunidade da integração no meio propício ás naturais inclinações.

Realização de um sonho

Qualquer desses casos será o do ex-oficial do pomposo e fulgurante exército da antiga Austria imperial, Helmut Krauhs, que fez profissão do seu passatempo favorito. Imbecido das velhas tradições militares, com rígido espírito marcial, teve sempre a paixão da tropa e o gosto de comandar e fazer mover grandes massas de soldados. Ainda nas fileiras, dedicava os momentos livres a compor pequenas figuras que constituiam exércitos miniaturais, rigorosamente uniformizados segundo os vários padrões das fardas históricas, usadas em campanha ou os vistosos e relusas vienenses. Quando terminou zentos trajos dos oficiais nas reuniões mundanas e nos famosos bailes da corte, ao ritmo das valsa segunda guerra, tornando-se difícil para um militar profissional encontrar ocupação num país sem exército, Helmut Krauhs servindo-se desse seu aprazível entretenimento como modo de vida organizou em base comercial a confecção das mais pequenas figuras típicas — hussardos, granadeiros, caçadores tiroleses, guardas imperiais, etc.

Trabalhando com arte, inspiração e rigorismo histórico, o que dá valor documental aos seus bonecos, eles constituem valiosa colecção, na qual se incluem modelos de soldados dos velhos exércitos, não só austro-hungaros, mas de vários países e de épocas diferentes, como, por exemplo, os granadeiros do famoso Regimento de Yorkshir (século XVIII) ou a figuração dos guerreiros napoleónicos. Ganhou fama e teve êxito compensador, recebendo constantes encomendas algumas das quais do estrangeiro, entre elas de coleccionadores e comerciantes norte-americanos. Num gesto de cordialidade para com os Estados Unidos, Krauhs ofereceu,

O antigo oficial Helmut Krauhs é verdadeiramente fel vocação, compondo as figuras miniaturais que forma sonhos, evocador dos esplendores da velha

Uma sonda metálica caminha vagarosamente para o centro da Terra

Depois do submarino, dos diamantes artificiais, do telégrafo e da televisão, mais uma vez as previsões de Julio Verne se vão confirmar: — os homens estão prestes a chegar ao centro da Terra.

Os cientistas americanos, que não se interessam sòmente pela conquista do espaço, tentam fazer a viagem no sentido inverso.

A primeira operação destas investigações, cujo objectivo ultimo é atingir a zona entre o manto e a crusta terrestre, chamada «descontinuidade Mohorovicic», foi baptizada de «Projecto Mohole». Esta ultima palavra resulta da aglutinação dos vocábulos «Moho» e «hole», e em inglês significa «buraco».

O «Projecto Mohole» tem por fim determinar a composição e as propriedades físicas da crusta e do manto terrestre e, assim, investigar a origem do Mundo, bem como a evolução da vida no globo.

Mas, para abrir o tal «buraco», várias dificuldades se apresentavam. Em primeiro lugar, a crusta da Terra tem, nos continentes, cerca de vinte e quatro a trinta e dois quilómetros de espessura, enquanto que, em certos pontos sob o mar, não passa de quatro quilómetros. Porém, é quase impossivel manter uma broca em posição fixa, quando esta está assente num barco ancorado que balança e se desloca, ao sabor das ondas, das correntes e do vento.

Foi, portanto, necessário construir um navio-sonda, de forma rectangular e com um motor em cada canto, o «Cuss I». Deste modo, conseguiu-se baixar um tubo, num local, perto de Guadalupe, de profundidade superior a três mil e quinhentos metros e perfurar, depois, a crusta cento e oitenta e três metros, com vento a soprar a vinte e cinco nós, além de vagalhões, altos de quatro metros. Só com o «Cuss I» e o auxílio do radar e do sonar isto teria sido praticável.

As amostras minerais cilindricas que foram obtidas no fundo do mar e nas primeiras camadas da crusta, que afectam as ondas sísmicas, elucidaram um mistério até agora insoluvel. Estas camadas são de constituição essencialmente basáltica, com alguns planos de sedimento. O basalto recolhido, de grão fino e origem vulcanica, data do período Mioceno, segundo a opinião dos peritos, ou seja, de há vinte e cinco milhões de anos. O que é bem pouco, comparado com a idade da Terra, calculada em um bilião de anos.

No entanto, os resultados mais positivos do «Projecto Mohole» foram ter-se conseguido, pela primeira vez, fazer perfurações a grandes profundidades, no mar, e verificado que, a partir de quarenta e cinco metros contados do fundo para a superfície, as águas são calmas.

Sem esquecer os fins práticos, deve-se acrescentar que a descoberta de fósseis com hidrocarbonetos revela a existência provável de jazigos petrolíferos, que poderão ser explorados, não apenas a partir de um navio de superfície, mas também de um submarino especial, mergulhado a grandes profundidades.

Como sempre, Julio Verne acertou. «A Viagem ao Centro da Terra» será uma realidade dentro de alguns anos, se não para o homem, pelo menos para uma broca oceanica. E ter-se-á explorado, a uma profundidade de quatro mil oitocentos e vinte sete quilómetros, parte do nosso, ainda quase desconhecido, planeta.

Aspecto da montagem de um rifle usado pelos exércitos imperiais austriacos no século XVIII, com a meticulosidade e a perfeição artística que Krauhs põe nas suas reconstituições de figuração militar histórica

Nove directores orientam os leilões da famosa firma «Sotheby's»

A firma Sotheby's, de Bond Street, em Londres, é o leiloeiro de objectos de Arte mais famoso em todo o Mundo. Passam por aquela casa, anualmente, objectos de Arte, cujas vendas atingem totais fabulosos de muitas centenas de milhares de contos.

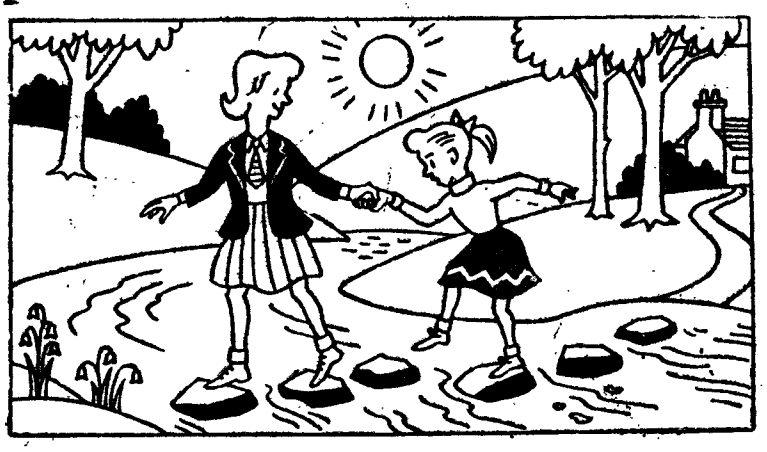
Os grandes coleccionadores de Arte de todo o Mundo frequentam, pessoalmente, ou por procuradores, os leilões da Sotheby's e os tesouros artísticos que ali são leiloados vão para a América e para vários países da Europa — sobretudo Alemanha, Grécia, Itália e Suiça.

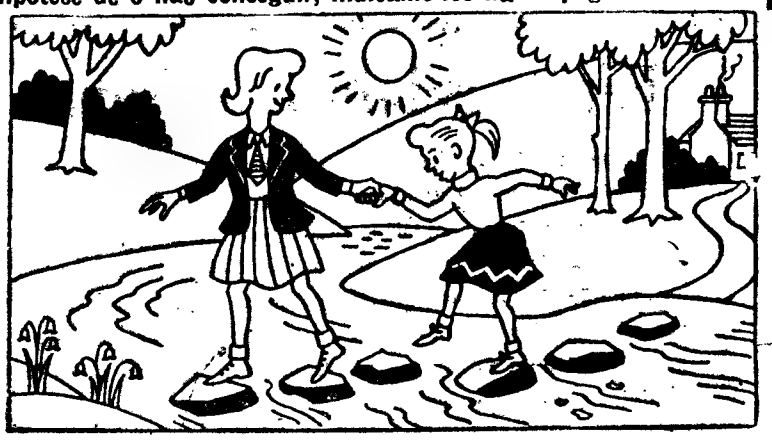
A firma tem nove directores, cada um dos quais se ocupa de uma especialidade. Peter Wilson é o director que trata de pintura e esta secção é das que tem trazido maiores proventos para a firma.

A secção de livros, que é a mais antiga da firma, está a cargo dum bibliógrafo de grande fama — A. R. A. Hobson. Outra secção muito importante — dirigida por A. J. B. Kiddell, cuja autoridade no assunto é reconhecida em toda a parte — é a de porcelanas. Um outro director, T. H. Clarke, ocupa-se das ceramicas europeias e é além disso o especialista de pesa-papéis de vidro mais famoso em todo o Mundo.

VEJA A DIFERENÇA

Aparentemente iguais, estes dois desenhos apresentam, porém, diferenças em oito pormenores. Veja se os descobre. Para a hipótese de o não conseguir, indicamo-los na 2.ª página.





Os trabalhos

A bela Rosalie Kunz tinha apenas 20 anos quando foi atraída pela aventura

Espiões por amor

QUANDO compareceu perante os juízes, no rosto de Rosalie Kunz notava-se a marca deixada por oito meses de cárcere. Mas a sua beleza não se extinguira: os magistrados do tribunal federal de Karlsruhe tinham na sua frente uma mulher nova, atraente, de cabelo ruivo e olhos claros. Sobre ela pesava uma acusação gravíssima: espionagem a favor da Alemanha comunista. A defesa de Rosalie fundamentava-se principalmente no facto de ter feito espionagem obrigada. Mas o resumo e os detalhes demonstravam claramente que ela se inscrevera no chamado «Partido Socialista Unificado da Alemanha» (SED), de tendências comunistas, tinha vinte anos, lançando-se quase imediatamente na aventura perigosa da espionagem. Uma aventura como Rosalie desejava, para apagar a sua sede intensa de vida, que sempre caracterizara a sua personalidade.

A história de Rosalie começou em 1954. Até aí era uma empregada de grande beleza, que fora das horas de trabalho gostava de se divertir, dançar e de travar amizade, especialmente com indivíduos do sexo oposto. Era uma rapariga cheia de temperamento de uma vitalidade extraordinária.

Horst convenceu-a a mudar de profissão

Em 1954, conheceu Horst, o homem que deixaria uma marca profunda na sua vida. A bela espia, nas suas declarações, não precisou quais as relações existentes entre ela e Horst, mas é fácil adivinhá-lo. Horst no processo, não era mais que um homem, «companheiro» de Rosalie. Seja como for, conseguiu convencê-la a abandonar a sua profissão de taquimecanógrafa, para se embrenhar numa existência mais aventureira, cheia de incógnitas e cujo final seria a prisão ou uma morte obscura.

Os princípios da nova profissão não foram demasiado emocionantes nem muito perigosos. Mas não se podia falar de espionagem, se bem que Rosalie estivesse ao serviço do Ministério para a Segurança do Estado da Alemanha Oriental, donde dependiam os serviços de espionagem e contraespionagem.

Artigos de **RONALD LEEK**

A bela Rosalie mudou-se para Leipzig, onde se realiza anualmente uma feira internacional. Apesar da situação política actual, afluem aí muitos homens de negócios da Alemanha Federal e Europa Ocidental.

A missão da jovem era por-se em contacto com eles — os alemães ocidentais e franceses, — por razões linguísticas — e saber conquistar-lhes a confiança obter informações sobre os seus negócios e estabelecimentos. Tratava-se de uma espionagem principalmente comercial e não oferecia dificuldades especiais a uma mulher bela como Rosalie.

Mas isto foi só o princípio. A primeira missão seguiram-se outras de maior responsabilidade. Tinha de ir a Berlim Oeste, como refugiada; Berlim Ocidental é um mundo especial, uma espécie de fortaleza, onde se pode entrar e sair com á-vontade, e onde pululam espiões de ambos os lados.

Foi em Berlim que começou a verdadeira vida desta espia: a bela rapariga de Dresden entrou no que Kipling denomina de «grande jogo». Foi instruída especialmente para as tarefas que tinha de levar a cabo. Aprendeu códigos secretos, a maneira de transformar documentos em microfilmes e possuía todos os elementos necessários ao seu trabalho. Berlim, mesmo assim, significava uma série de relações masculinas, para Rosalie. Não se sabem nomes, pois é absolutamente secreto.

Na Alemanha ocidental

Mais um passo na sua carreira de espia, e ei-la em Colónia; deparou com um trabalho sério e respeitável, numa empresa industrial desta cidade do Reno. Estava-se no mês de Março de 1955, e durante uns meses parecia que a existência da bela espia se normalizara. Rosalie estudava nas horas livres, pois o seu objectivo não era um posto seguro e discreto, em Colónia, mas sim um trabalho em Bona, no Ministério da Defesa.

Entretanto Rosalie travara imensas relações. Eram tudo pessoas respeitáveis e influentes que não hesitaram em dar toda a espécies de garantias àquela mulher que, sobretudo, fugira da zona soviética para a Alemanha Federal. Em Outubro de 1956, alcançou o seu objectivo: a taquimecanógrafa, Rosalie Kunz, refugiada, munida do diploma de secretária e com antecedentes pessoais irrepreensíveis, ingressou como funcionária no Ministério da Defesa de Bona, ficando na secção da Marinha de Guerra.

O seu superior directo era um oficial da Marinha. Em volta, outros oficiais e civis. Por detrás deles na sombra, sete homens, cujo chefe Horst Schoetzky (outro Horst na sua vida) nem sequer ela conhecia. Mas por suas mãos e através de vários intermediários, passavam as notícias transmitidas regularmente por Rosalie.

No decorrer dos primeiros meses não lhe foi difícil ler alguns documentos particulares. Pouco a pouco o seu raio de acção foi aumentando, tornando-se cada vez mais incisivo. Tirou microfilmes de documentos altamente secretos, guardados nos cofres fortes dos Estados Maiores. Como conseguiu a bela Rosalie apossar-se disso? A resposta pertence igualmente á parte secreta do relatório.

Quatro anos de actividade

No espaço de quatro anos a jovem de Dresden organizara verdadeiros dossiers que revelavam os segredos particulares da vida privada dos colegas e superiores do Ministério. Com uma habilidade quase incrível conseguira classificar defeitos, manias, debilidades e criar, deste modo, uma rede invisível, mas forte, de temores e cumplicidades.

Até que um dia de Outono de 1960, a contraespionagem federal conseguiu prender Horst Schoetzky e outros espiões comunistas. Descobriu-se assim uma rede que transmitia para Leste notícias militares secretas. Os chefes da contraespionagem ficaram perplexos: donde provinham tais informações? Qual era a fonte de origem?

Entre os documentos encontrados um tinha um nome anotado na margem: Rosalie Kunz. Estreitou-se a vigilancia em torno da bela secretária do Ministério da Marinha. Ela não imaginava sequer que estava a ser alvo de suspeitas, e continuou a manobrar como de costume. Mas o «grande jogo» ia terminar.

Um dia, na correspondência de Rosalie apareceu um sinal misterioso: três cruzes rodeadas por uma circunferência — significava que fora descoberta e devia regressar a Berlim. Mas Rosalie levou tempo a reconhecê-lo. E depois era tarde de mais. Estava ela a fazer as malas quando apareceu a polícia. E a trajectória iniciada em Dresden terminaria perante os juízes de Karlsruhe, que a condenaram a 15 anos de prisão. Actualmente Rosalie conta 31 anos: quando sair estará quase a fazer 54: A beleza terá desaparecido e já não terá encanto, nem fascinação. A carreira de espia terminou para sempre.

Como a de Irvin Scarbeck, como a do misterioso Londsdale, como a de Baker. Somente a enigmática Gardénia, que fez fracassar o desembarque dos revolucionários em Cuba, continuará a trabalhar para Fidel. Mas em todos os casos, o amor é sempre a arma primária do perigoso jogo da espionagem

(FIM DA SÉRIE)

ROSALIE KUNZ

Krauhs é verdadeiramente feliz entregue á sua grande figuras miniaturais que formam o exército dos seus dos esplendores da velha Áustria imperial

ofereceu, há pouco, ao adido militar á Embaixada daquele país em Viena, uma série de figuras, que constitui curiosa recontituição de uniformes antigos na rigorosa autenticidade histórica.

Ultimamente, completou uma colecção de oitenta figuras que documentam a evolução de vários tipos de fardamento do exército austriaco até á queda do império dos Habsburgos, em 1919, por imcumbência do ministro da Defesa e com destino ao Museu de História do Exército da Austria. Fora do ambito militar, o miniaturista trabalha em diferentes modelos para galerias de arte e outros museus e recebeu, posteriormente, a encomenda de uma ampla colecção de carruagens, cavalos e caçadores, estes ultimos com tradicionais e vistosos uniformes nas suas cores estridentes, destinada ao Museu da Casa de Mistelbach.

Não é só pelo valor documental que estes trabalhos merecem largo apreço, mas principalmente por constituirem verdadeira obra de arte — pois são feitos com a inspiração e o apaixonado ardor de um homem que conseguiu realizar o seu sonho, seguindo o natural pendor sem contrariedoras inibições.

Os trabalhos de Krauhs são perfeitas reconstituições, em rigor histórico, dos antigos exércitos imperiais austriacos, como este grupo de soldados da época do príncipe Eugénio

— O capitão disse-me: Joaquim, tu tens pinta para subir muito alto... E quando dei por mim estava aqui.

O RISO da semana

Revoada de graças

ALÉM DA CORTINA

Conta o jornal «Migliau», de Turim, que Malenkov referira um dia a Staline que, segundo as ultimas descobertas cientificas, Adão e Eva eram russos. Staline, muito surpreendido perguntou ao camarada Malenkov:

— E se a Voz da América nos pede provas disso, poderemos apresentá-las?

— As provas mais irrefutáveis, replicou Malenkov. Toda a gente sabe que Adão e Eva não tinham roupa, só comiam mel silvestre e estavam convencidos de estar no Paraíso. Com toda a certeza eram russos.

CONVALESCENTE

Na convalescença depois de uma longa doença, Pulquério pergunta á enfermeira se pode fumar um cigarro.

— Nada de fumo, responde ela.

— E não posso ao menos comer qualquer coisa?

— Nada de comer, responde a enfermeira. Só alimentos liquidos, o senhor sabe isso muito bem.

— Posso levantar-me ao menos uma meia hora?

— Também não.

— Oiça, tenho tanta vontade de ler qualquer coisa. Arranje-me ao menos uma estampilha...

MANEIRAS DE DIZER

Morrer — pode dizer-se que a sério significa falecer. Humoristicamente é esticar o pernil; ir fazer tijolo.

ESPIRITISMO

Fazia-se uma sessão de espiritismo a ver o que diziam os grandes homens já desaparecidos. Entre outros foi invocado o espirito de Cambronne.

— General Cambronne, que pensa da actividade dos organismos internacionais para a Paz?

Neste momento uma senhora velha e muito nervosa encheu-se de nervos, deu um encontrão na mesa já muito carunchosa e fê-la cair por terra. Todos tiveram aquilo como mau augurio e saíram atabalhoadamente.

Outra cena de praia

*** O cabo do mar interpela uma rapariga que acha estar em contravenção, apesar de coberta com um largo robe turco:**

— A menina está em contravenção pelo que posso entrever através do seu robe, mas se o tirar eu pago a multa.

— E agora que terminou a consulta, que tal se jogassemos uma partidinha?

Se assim é por que razão é que os que ontem encontrei no Chiado não tinham uma coisa nem outra?

Um quebra-cabeças é crime que venha no Código Penal?

Uma pessoa que é o braço direito de outra, fica sem um braço e o outro fica com os dois?

Que faz o tempo é casa velha quando muda?

O sol quando nasce é para todos? Mesmo para aqueles que estão á sombra?

Quando se compra um bilhete da lotaria e sai branco, quer dizer que a sorte saiu á Santa Casa?

Se roubar é crime, para que é que nas escolas se ensina a subtrair?

Quem é a mais velha mulher do Mundo? E' a Perpétua?

O Constante pode dizer que ama a sua mulher?

O homem do contrabaixo pode ser alto?

Agora que se inauguraram duas piscinas na risonha cidade de Tomar, já tão simpática e atraente pela sua história e pelos seus monumentos, parecia-nos de toda a justiça que ao nome da gloriosa cidade se acrescentasse um novo título: cidade de Tomar Banhos. Além do mais, isto tinha a vantagem de esclarecer o turista que não terá de tomar (beber) as duas piscinas.

CANÍCULA

Senhor Mar da branca espuma,
Daqui lanço a mão á pena
P'ra lhe dizer que a pequena
Sendo nós dois é só uma.

E' que eu bem vejo os carinhos
Com que á tarde o senhor Mar
A costuma ir abraçar
Com sua espuma de arminhos.

Bem vejo como a provoca
E sobe por ela acima,
Como a atrai e como a anima
Até lhe chegar á boca.

Cá de longe estou a vê-lo
Co'esses seus modos devassos
Beijar-lhe o longo cabelo
E apertá-la nos seus braços.

Senhor Mar, tenha cautela,
Não se faça orelhas moucas
E evite cingir-se a ela
Que os zelos são coisas loucas.

E' que se eu perco a cabeça
Ao sentir-me atraiçoado
Por você, seu Mar salgado,
Nem eu sei o que aconteça.

Já fica então entendido
Que o senhor Mar, ao depois,
P'ra sossego de nós dois
Tire dali o sentido.

E se lhe der muitas penas,
Senhor Mar da branca espuma,
Não brame, não se consuma
Que há p'ra aí muitas pequenas.

Fique lá com todas elas
Num doirado bergantim,
Oh! senhor Mar das procelas,
Mas deixe aquela p'ra mim.

E' que eu bem vejo o encanto,
E' que eu bem vejo a alegria
Com que lhe serve de manto
E junto dela cicia,

Como amoroso se espraia
E se agita junto dela
Quando seu corpo modela
Com seus flancos de rambraia.

Não lhe faça tanta festa
Nem a vista com a bruma
Que emana da sua espuma
Porque isso só a molesta.

Não tenha falas tão ternas
Envolvendo-a em suas águas
Quando afaga as suas pernas
Depois de bater nas fráguas.

Deixe-a em paz e vá-se embora,
Desapareça, desande
Vá por esse Mundo em fora
Porque o Mundo é muito grande.

Mas deixe-a ficar sózinha
Que eu também sei adorá-la,
Cingi-la, acariciá-la
Quando a tenha só por minha.

Bem vê que perde a partida,
Senhor Mar da branca espuma,
Pois que sendo ela só uma
Não pode ser dividida.

E se acaso acontecer
Não haver mais solução
Eu sei que a posso esconder
Dentro do meu coração.

E ante a minha decisão
O senhor Mar que é que faz
Em tão grave colisão?
Faça o mesmo se é capaz.

Isto lhe digo com mágoa
A ver se o Mar se confrange...
Mas seu coração é de água
Enquanto o meu é de sangue.

Veja pois bem, senhor Mar,
Que há umas leis de sociedade
Que se devem respeitar
Nas coisas de intimidade.

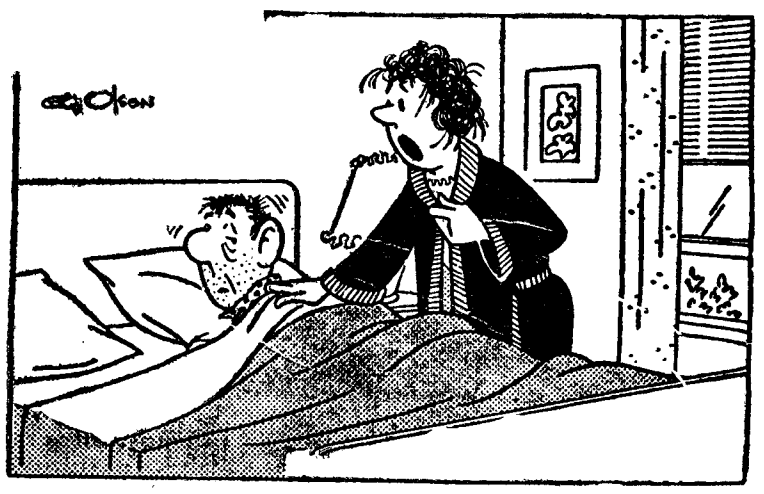
Tenha um pouco de decência
Na maneira como a goza
Pois deve ter consciência
Que ela não é sua esposa.

Mas então sempre lhe digo
Que acho grande desacato
Que se atreva o meu amigo
A entrar-lhe dentro do fato.

Eu sou um velho senil
Bem longe da mocidade,
Mas inda sei ser gentil
Sem pensar na minha idade.

ALFREDO FRANÇA

— Acha que sou pessoa para desistir ao cabo da primeira meia hora de emprego?



— Telefono para o escritório com a desculpa do carro que não pega ou com a das dores de dentes?

Xadrez para todos

Valor relativo das peças

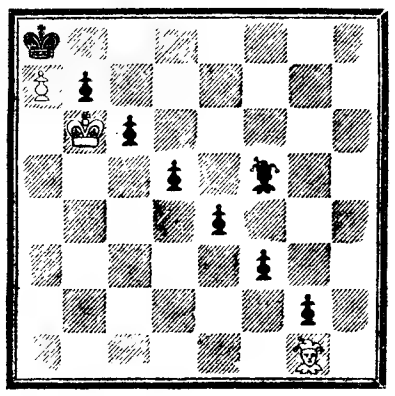
Dissemos que cada tratadista estabeleceu uma relação de valores para as peças, mas que não há, todavia, diferença notável entre os valores atribuídos por cada um a cada peça. Tão importante, ou mais do que estabelecer o valor relativo médio das peças, quer ao principiar a partida, quer no decorrer dela, é ter a percepção do valor de cada peça em relação a qualquer peça do adversário, em qualquer momento da partida.

Na verdade, o valor de cada peça varia continuamente de princípio ao fim da partida, pelo que os valores por nós apresentados a semana passada, apenas poderão ser tomados como aproximados e, sobretudo, muito variáveis.

Com a prática, apercebemo-nos fàcilmente das variações a que estão sujeitos os valores das peças, ao mesmo tempo que aprendemos a reconhecer a existência de algumas leis que nos auxiliam a julgar da oportunidade e da vantagem das trocas de material.

Tome-se boa nota de algumas dessas leis: o Cavalo e o Bispo consideram-se de igual valor, mas o Bispo é superior àquele quando joga contra Peões, e com estes, também é mais forte do que o Cavalo quando enfrenta a Torre; Bispo e Torre são mais fortes do que Cavalo e Torre, sendo certo que o par Dama-Cavalo é superior a Dama e Bispo; a força do Cavalo diminui á medida que se capturam as peças; a da Torre pelo contrário, aumenta.

As leis acima expostas relacionam-se com o desenvolvimento da partida. Outras há, porém, mais diretamente ligadas á posição das peças no tabuleiro: um par de Bispos é melhor do que um Bispo e um Cavalo, um Cavalo é melhor do que um Bispo nas posições bloqueadas; Bispos de cor oposta constituem debilidade.



Para quebrar a mònotonia desta nota teórica, oferecemos aos cursistas um curioso exemplo da debilidade dos Bispos de cor oposta, que origina quase sempre o empate da partida quando os jogadores não cometem erros.

No diagrama, as negras dispõem de cinco Peões de vantagem. Todavia, se as brancas jogarem correctamente, aquelas não poderão ganhar. Verifique o leitor: se as brancas mantiverem o Rei imóvel, e não desviarem o Bispo da diagonal que ocupa, qualquer Peão negro que avance, será capturado imediatamente pelo Bispo inimigo. As negras apenas poderão passear o seu Bispo, completamente inútil, até se conformarem com o empate.

CURIOSIDADES ESCAQUÍSTICAS

Um presente para o campeão

O campeão mundial de xadrez, Miguel Botvinnik, que recuperou recentemente o título, que o jovem Tahl, seu compatriota, lhe havia arrebatado, recebeu agora de presente um tabuleiro de xadrez com um centímetro quadrado de área. As peças são microscópicas, tendo a maior, o Rei, menos de dois milímetros de altura.

O tabuleiro e as peças foram feitos por Alexandre Sysolytan, um amador de miniaturas da região dos Urais.

a última
excelente
selecção
de
LIVROS DO BRASIL

colecção
ENCICLOPÉDIA L. B. L.

por Ludwig Mareuse

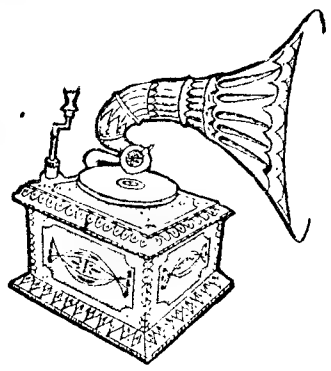
colecção
VAMPIRO

por Hartley Howard

colecção
MINIATURA

por Nathaniel West

TRÊS
VOLUMES
EDITADOS POR



HISTÓRIA * CURIOSIDADES * TÉCNICA

A música portuguesa

necessita do apoio do disco para se impôr internacionalmente

«É sabido de todos o papel, a importância, o alcance que o disco tem na cultura musical contemporânea. Praticamente, toda a música, desde a mais antiga á mais moderna, todas as escolas e todos os géneros se acham hoje á disposição de um vastíssimo público que, nos seus aparelhos próprios ou através da Rádio, pode entrar em contacto com os mais diversos manifestações e aspectos da arte dos sons.

«As casas editoras de música gravada multiplicam-se, e quase todos os países reconhecem que o meio mais prático e eficiente de proceder á divulgação da sua música e dos seus compositores é lançar uma e outros por esse mundo fora, mediante o disco.

«Entre nós, está-se bem longe de ter compreendido a importância do problema. Nem a nossa música folclórica, nem a nossa música culta conhecem ainda os benefícios que lhes poderiam advir da arquivação em cera e em ebonite.

«Como sempre, a música ligeira goza já há muito de privilégios neste campo. Mas, é claro, que não é através da música ligeira que se pode avaliar da importância ou das capacidades musicais de um povo, tanto no que diz respeito á criação espontânea como no que concerne á criação erudita. A nossa autêntica música popular mereceria ser divulgada e na nossa música culta pode-se, também, respigar, desde o tempo dos grandes polifonistas e dos grandes instrumentistas dos sécs. XVI-XVII, umas dezenas de peças, que, certamente, não diriam muito mal de nós onde quer que chegassem.

«O Governo, através de qualquer dos seus organismos de cultura, poderia e deveria chamar a si esta magna tarefa, em que não sabemos se já teria pensado. Na falta dele, não poderiam os particulares, em especial os particulares discófilos, organizar, á semelhança do que se faz em França, uma espécie de sociedade ou clube, com o patriótico fito de fazerem executar e gravar o que naqueles dois aspectos da nossa música merecesse ser apresentado, tanto a nacionais como a estrangeiros?

«A sugestão aqui fica. Do que duvidamos é que os discófilos portugueses nos leiam ou, se nos lerem, não tenham como resposta o céptico e costumado encolher de ombros».

Este texto tem já quase oito anos e, no entanto, conserva a mesma triste actualidade. O que se fez desde Dezembro de 1953 (que é a data do número da «Gazeta Musical» de onde extraímos o comentário acima publicado) até hoje traduz-se num resultado ínfimo, que é produto de um esforço imenso para aproximar a música portuguesa e o disco.

A música ligeira conquistou ainda mais terreno (e tanto melhor para quem vive dela!), o «postiche» folclórico tornou-se mais ofensivo e prolifera desmedidamente. O muito que se conseguiu já em obra séria de investigação e divulgação de valores reais da nossa música popular — como no caso do prof. Artur Santos — pouco tem podido para catalizar os maus efeitos da exploração de «utilidade turística» que o nosso folclore tem vindo a sofrer.

O que há

No capítulo da música séria, podemos constatar que o boicote a Lopes Graça abriu uma brecha e que, através do disco, o compositor tem podido dar á sua obra uma expansão que, de outros modos, lhe tem sido vedada. Faltarão algumas das suas obras mais representativas, mas é já alguma coisa o conseguido. Temos a 2.ª sonata para piano, que apenas é de lamentar não seja interpretada por Maria da Graça Amado da Cunha; os «Contos de Natal», excelentemente apresentados pelo Grupo Harmonia, dirigido pelo autor, o ciclo «As mãos e os frutos», pelo tenor Fernando Serafim e Lopes Graça ao piano; a música para a gravação da «Menina do Mar», de Sophia de Mello Breyner Andersen; e, perpetuando o seu labor á frente dos Coros da Academia de Amadores de Música (secções de câmara e de folclore), dois discos bem representativos. Há, ainda, o disco com Arminda Correia.

Mas, para além de Lopes Graça, que consideração mereceu mais a música portuguesa? Duas «suites» para orquestra, de Ruy Coelho, editadas pela *Parlophone*, obras de Carlos Seixas, Sousa Carvalho, Filipe de Sousa e Luís Filipe Pires, num recital da pianista brasileira Maria Clodes, e a revelação de boa parte da obra de Carlos Seixas, ainda por uma brasileira, a pianista Felícia Blumental. Recentemente, o jovem pianista António Vitorino de Almeida fez editar, no Porto, um disco com peças suas.

Quando teremos ao nosso dispor as sinfonias de Luís de Freitas Branco ou os seus notáveis «Preludios» para piano?

Quando teremos ao nosso dispor os discos que nos dêem uma imagem do grande pianista que foi José Viana da Mota

Fernando Lopes Graça é o compositor português mais acessível através do disco

O que falta

Esta lista diz-nos do pouco que há e do tudo que falta. Diz-nos da ausência dos polifonistas, de Bontempo, de Viana da Mota, de Luís de Freitas Branco, de Frederico de Freitas, Armando José Fernandes, das obras para orquestra, de Lopes Graça, das peças dos mais jovens, de Filipe de Sousa e Joly Braga Santos a Cossuto e Peixinho, etc.

Diz-nos isto tudo e, também, que o desinteresse que se achou por bem ter pela música portuguesa — e se manifestou tão claramente na programação das sociedades de concertos — veio a traduzir-se tão nefastamente na função biunívoco público de concerto-público discófilo. O círculo vicioso de que não se fazem discos com música portuguesa, enquanto não houver um público que deseje música portuguesa, quebrar-se-á quando for possível fazer ouvir música nossa sem a necessidade de se acrescentar que ela é portuguesa. O labirinto de artificiosos obstáculos quebrar-se-á quando uma verdadeira política de fomento artístico der a conhecer devidamente os nossos valores.

E os interpretes?

A situação dos nossos melhores intérpretes é, também, observada. Pedro de Freitas Branco ganha para a indústria francesa do disco um «Grand Prix» da «Académie Charles Cros», com obras de Ravel; Sequeira Costa grava Chopin para a *Chant du Monde*, Stella Tavares canta para a *H. M. V.*, mas nada se faz em Portugal para conservar e divulgar através do disco o talento destes nossos artistas, nem de outros. Não houve sequer a curiosidade de, valendo-se das prodigiosas técnicas da moderna fabricação de discos, tentar reeditar as velhas gravações de Viana da Mota, documentos únicos (mesmo sendo imperfeitos) das qualidades do mestre. E os discos de Suggia?

Passaram-se já sete anos sobre o artigo da «Gazeta Musical», mas o problema que lá se pôs só aumentou de acuidade com o rolar destes anos mortos. Se não quisermos terminar com uma nova pessimista este inventário da situação da música portuguesa em relação ao disco, só nos resta fazer votos para que os próximos sete anos sejam mais produtivos. (Que nisto dos *sete anos* não se veja uma referência á infindável ilusão do pastor do poema de Camões em que «tão longo amor» se gasta «em tão curta vida»). E se o Estado ou as empresas particulares não chamarem a si este lançamento dos artistas portugueses, ficar-nos-á sempre a esperança de que a Fundação Gulbenkian acabe por chamar a si mais esta indispensável função.

PANORAMA INTERNACIONAL

O chanceler alemão e o seu sucessor

A realização, este mês, de eleições legislativas reveste-se de um significado que excede o ambito da Republica Federal. A Alemanha ocupa, mais uma vez, o primeiro plano das atenções, da curiosidade e da ansiedade gerais. A sucessão do chanceler Adenauer é uma incognita que a todos inquieta e preocupa. Amigos e adversários, aliados e inimigos, encaram-na como uma viragem na política alemã e europeia. Com a sua retirada encerra-se um ciclo na evolução da Alemanha e do continente europeu, cuja sorte continua indissolùvelmente ligada a ela. Essa retirada pode demorar alguns meses, mas não tardará muito. O chanceler, além da sua idade avançada, tem dado nos ultimos tempos sinais de irritabilidade que não estavam nos seus hábitos e que a agravar-se, seriam uma clara indicação para deixar o cargo que há anos ocupa.

Os fundos eleitorais do Partido Cristão-Democrata baixaram sensìvelmente em consequência da crise de Berlim e dos termos em que o chanceler a tratou, tanto nas suas relações com os habitantes dos sectores ocidentais, onde foi vaiado quando da ultima visita que fez á antiga capital do Reich, como nas suas relações com os aliados da Alemanha Ocidental, especialmente os Estados Unidos. O menos que pode dizer-se, com fundamento, é que não foi muito feliz a sua actuação nesta emergência, a mais exigente e delicada para o povo alemão desde o fim das hostilidades, há dezasseis anos. Sobretudo impressionou o seu conflito com o burgomestre da cidade, Willy Brandt, seu competidor para a Chancelaria como candidato do Partido Social-Democrata.

Dos chefes da democracia cristã na Alemanha que podem eventualmente receber a herança do chanceler, embora o mais cotado seja o ministro da Economia, dr. Ludwig Erhard, o que tem neste momento mais probabilidades de triunfar é o ministro da Defesa, Franz Strauss. Os dois homens pertencem ao mesmo agrupamento político, mas têm concepções e pontos de vista divergentes quanto á melhor solução a dar a alguns — para não dizer a todos — os problemas de que dependem a sobrevivência e o progresso da nação alemã. Os apoios com que contam, dentro e fora desta, são muitos e valiosos. Strauss conta com o poderoso Partido Cristão-Democrata da Baviera, o qual constitui uma organização áparte, com vida e recursos próprios, e também com a hierarquia da Bundeswehr que pode considerar-se, na sua fase actual e com as suas características presentes, uma criação sua.

Nos Estados Unidos, enquanto os meios financeiros e económicos vêem na ascensão do dr. Erhard á chancelaria uma segura garantia da continuação da prosperidade correspondente ao milagre cuja autoria se lhe atribui, os meios ligados ao Pentágono, especialmente alguns chefes militares, não escondem a sua simpatia e a preferência pelo ministro da Defesa alemão. A candidatura deste seria violentamente combatida pelos elementos radicais e liberais do Partido Democrático e por uma parte da Imprensa americana, a qual o critica severamente pelas suas iniciativas audaciosas e pelas suas frequentes manifestações de irreflexão e imaturidade política, quando se aventura na cena internacional.

Surgirá, porém, um terceiro candidato que permita resolver estas dificuldades e remover estes obstáculos, situando-se numa posição intermédia e concitando a aprovação da opinião publica alemã sem suscitar a desconfiança dos aliados da Republica Federal? Até agora não surgiu ninguém com esses títulos e, a não ser que isso aconteça, hipótese provável de uma vitória da actual coligação governamental, a escolha limitar-se-á aos dois actuais candidatos cujas qualidades e inconvenientes resumidamente enumeramos.

FIGURA DA SEMANA

Franz Strauss

FRANZ STRAUSS

O nome do ministro da Defesa da Alemanha Ocidental está a ter uma notoriedade crescente a qual corresponde á sua real influência na vida política alemã. Essa influência, apesar de alguns dissabores resultantes do seu impulsivismo e falta de tacto, sobretudo no trato das questões internacionais, aumentou á medida que se consolidava a importancia da nova Bundeswehr na vida do país. De acordo com uma tradição consagrada, o exército alemão, embora aparentemente confinado no ambito das suas funções e da sua competência técnica, exerce na política da nação uma influência maior do que a dos partidos organizados, das corporações económicas e das formações sindicais. Não constitui isto novidade para quem conheça a história da Alemanha, sobretudo da Alemanha contemporanea, aquela que nasceu por inspiração bismarckiana.

A rapida ascensão do ministro da Defesa da Republica Federal tornou-se um dos factores decisivos da conjuntura eleitoral e política do seu país de tal maneira que a sorte do pleito eleitoral que terá lugar dentro em pouco, será condicionada por ela. Na competição travada nas fileiras do seu partido, Strauss adiantou-se aos representantes da tendencia moderada e colocou-se á frente dos possiveis sucessores do chanceler Adenauer, cujo afastamento é esperado em seguida a tambem esperada vitoria eleitoral da democracia crista. Se estas previsões se confirmarem, as alterações na política interna e externa da Republica Federal não se farão esperar pois Strauss não se demorará a tirar do resultado da consulta ao país as lições que ela comportar.

A tendência para o esclarecimento da situação, pela definição concreta das intenções dos membros da N. A. T. O. e especialmente dos Estados Unidos em relação ao seu aliado alemão, acentuar-se-á e tomará forma concreta, pondo termo á ambiguidade que as tem caracterizado nos ultimos tempos, sobretudo desde o início da crise de Berlim e do agravamento desta sob a pressão soviética.

Notícias ainda não publicadas

■ **Uma das decisões que se esperam da conferência neutralista de Belgrado diz respeito á próxima realização de uma conferência de desarmamento com a participação de numerosas potências, entre as quais a China comunista. A intenção de a promover deve ter sido, porém, sensivelmente afectada pela recente explosão atómica na União Soviética, depois da denuncia da trégua atómica que tão profunda impressão produziu em todo o Mundo.**

■ **Segundo consta o chefe do governo comunista da Alemanha Oriental teria pedido a Kruchtchev para visitar o sector oriental de Berlim como réplica á visita do vice-presidente Johnson aos sectores ocidentais da cidade. Kruchtchev, que se encontra a descansar em Sochi, respondeu negativamente por entender que o caso em nada podia contribuir para resolver os problemas pendentes entre o seu país e os Estados Unidos os quais sobretudo lhe interessam.**

■ **A mudança que se registou no elenco do governo dos rebeldes argelinos tem uma significação mais profunda do que geralmente se supõe. O desvio para a esquerda, em relação ao anterior presidido por um moderado, Abbas, foi nítido e dele é legítimo concluir que, triunfante a rebelião, a Argélia independente dificilmente conservaria com a França e as restantes nações ocidentais laços de amizade ou solidariedade como até há pouco se supunha.**

■ **O regresso do ditador albanês, Enver Hojha, á obediência soviética constitui um acontecimento relevante no campo comunista, pois resultou do profundo desapontamento que lhe causou Mao Tse Tung. Este não concretizou o auxílio económico que prometera á Albania e de aí uma das razões da divergência que se suscitou entre ambos. O epílogo dessa divergência foi o restabelecimento de relações amistosas com o governo e o partido comunista da Russia.**

■ **Segundo informações de origem americana, nas vésperas do sangrento episódio de Bizerta, os Governos Francês e tunisiano tinham chegado a acordo sobre o futuro daquela importante base do Mediterraneo. As condições do acordo eram a retirada das tropas francesas e a continuação em Bizerta das estações de radar ali existentes actualmente. As manifestações ordenadas por Burguiba para apressar a execução do acordo afundaram este.**

■ **O governo da Alemanha Oriental pensa conceder uma ampla amnistia, a qual abrangerá indistintamente os que, de qualquer forma, manifestaram a sua hostilidade ao regime de Ulbricht, a fim de atenuar os efeitos da falta de mão-de-obra que está a fazer-se sentir de maneira alarmante naquele país. E' duvidoso que consiga alcançar esse objectivo tendo em conta o volume das fugas dos ultimos meses.**

■ **As forças americanas que estacionam em Berlim ocidental não estão equipadas com armas atómicas tácticas, ao contrário do que geralmente se supõe. Essas armas estão armazenadas em locais secretos a uma distancia de mais de cem milhas da antiga capital do Reich, mas podem ser para ali rapidamente transportadas em caso de emergência ou se os russos abrirem ali hostilidades contra as nações ocidentais.**

PAUL ANKA

O ídolo da juventude de todo o Mundo no grande êxito do momento.

* **ESTA NOITE MEU AMOR**
* **NÃO PASSO DUM LOUCO**
* **TEREI DE PARTILHAR**
* **FOI-SE O VERÃO**

Mais uma gravação COLUMBIA editada

Pelos estabelecimentos Valentim de Carvalho, Lda.
Rua Nova do Almada, 97
LISBOA

livros de bolso **arcádia**

COLECÇÃO AUTORES ESTRANGEIROS

A PROPRIEDADE
Por **Federigo Tozzi**
considerado hoje o maior herdeiro de Verga na tradição narrativa italiana

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES

BONECOS DE LUZ
Por **Romeu Correia**
obra concebida nos moldes do romance picaresco, tão ao gosto da tradição novelística peninsular.

editora ARCÁDIA Limitada
TRAVESSA DE S. PAULO, 7-3.º — LISBOA

A fortuna da rainha de Inglaterra

(Continuação da 1.ª página)

sas correntes atingiu 320 000 libras por ano (mais de 2562 contos).

Quando sucedeu ao pai, a rainha Isabel fez um acordo com o Parlamento. Este acordo, idêntico ao que os seus predecessores desde Jorge III tinham feito prevê que a rainha ceda ao Estado os rendimentos globais das propriedades que a Coroa possui, desde a época saxónica. Em troca, o Estado concede-lhe anualmente uma certa verba. Tal acordo tem a vantagem de deixar intacta a fortuna real.

Uma rua inteira do Soho pertence à rainha

As propriedades da Coroa, que compreendem entre outras, grandes propriedades rurais, prédios, um teatro e um hotel no West End, uma rua inteira no Soho e um terreno de golfe, em Blackheath, asseguram-lhe um rendimento anual de 3 milhões de libras (4 biliões e 200 milhões de francos).

Uma vez cobertas as despesas de administração, o Estado guarda, todavia, menos de metade desta importância. A contribuição anual do Estado á rainha e á família real é de 611 000 libras por ano, das quais 475 000 são destinadas á rainha Isabel pela sua «lista civil». A diferença vai para os outros membros da família. A rainha Isabel recebe, além disso, uma verba de 50 000 libras para lhe permitir fazer face ao aumento do nível de vida. Finalmente é posta á sua disposição uma reserva, que ela pode utilizar, por exemplo, na educação dos filho

Os outros membros da família real não estão isentos de impostos

Por seu lado, a rainha-mãe, o príncipe Filipe, o duque de Gloucester e a princesa Margarida, recebem, respectivamente, 70 000 40 000, 35 000 e 15 000 libras por ano. A diferença reside, contudo, no facto de estes pagarem impostos.

Assim, sabe-se, por exemplo, que o príncipe Filipe paga anualmente ao fisco 2000 libras. Notemos, por outro lado que a conservação dos palácios reais — que em 1959/60 atingiu 688 000 libras (55 040 contos) — é assegurada pelo Ministério das Obras Publicas, enquanto que as despesas do iate «Britannia» — embora este seja propriedade real — são cobertas pela Marinha

Tesouros inestimáveis: jóias, quadros, móveis

Os que pretendem que a rainha Isabel é uma das mulheres mais ricas do Mundo avaliam, ao acaso, a sua fortuna, em qualquer coisa como 25, 30 ou mesmo 70 milhões de libras (entre 2 000 000 e 5 600 000 contos). Estes cálculos arriscados são evidentemente inverificáveis. Trata-se naturalmente de distinguir entre a verba que o Parlamento lhe concede — e que é inteiramente empregada nas despesas que faz na qualidade de «cabeça» do Reino e da Commonwealth — e uma fortuna hereditária, que, com o tempo se tornou consideravel.

A colecção privada de quadros de grandes autores, que conta, em particular, obras de Holbein e Rubens, representa por si só uma fortuna — compõe-se de seis mil telas inestimáveis. As joias da rainha, entre as quais esse diamante unico de 530 quilates, o «Star of Africa», que é o maior do Mundo, constituem da mesma maneira uma considerável riqueza. Juntemos a tudo isto as coudelarias de corrida, os móveis de grande preço, os presentes sumptuosos, as edições raras e muitos outros valores.

Costuma dizer-se que o príncipe Alberto, de origens modestas, com a sua intuição e sentido para os negócios, fez muito para aumentar a fortuna real. Eduardo VII, por outro lado, recebeu preciosos conselhos do financeiro Ernesto Cassel. Enfim, o facto de a família real estar isenta de pagar direitos de sucessão permitiu-lhe conservar integralmente as suas vastas propriedades, enquanto que as grandes famílias inglesas foram arruinadas pelo fisco.

P. HOFSTETTER

Damos hoje aos nossos leitores mais estudos grafológicos. Quem quiser conhecer-se através da sua letra, deve enviar-nos, pelo menos, uma página, nunca menos, em papel sem linhas. O texto não interessa. Pode escrever o que quiser, não esquecendo a assinatura que é de grande importancia, a idade e um pseudónimo, para a resposta, que será dada por intermédio do jornal.

GATINHA — Escolheu bem o pseudónimo: deve ser uma autentica gatinha, muito meiga, muito terna mas... enganadora como os bichanos. O seu prazer é conquistar, lançando mão de todos os seus atractivos pessoais para atrair o sexo forte. Mas acautele-se, pois é muito nova ainda e pode mais tarde vir a sofrer uma grande desilusão. É vaidosa ao máximo: só pensa em embelezar-se e divertir-se quando, afinal, na sua idade, devia preocupar-se em estudar e tornar-se util na vida. É comodista e futil. Cultura por ora nenhuma, inteligência vulgar, mas esperteza não lhe falta. É de um egoismo atroz. Procure corrigir esses defeitos, pois só a podem prejudicar.

OUTONO — Há em si duas personalidades: anjo e demónio. Na primeira revela uma bondade e formação moral que encanta. É inteligente e faz felizes todos aqueles que o rodeiam. Mas, de repente, dá-se uma reviravolta, torna-se mau, agressivo, bruto e é capaz dos maiores disparates. Aconselho-o a combater sèriamente essa força diabólica, que se apodera de si. Estou certa que conseguirá por ser dotado de uma invulgar força de vontade.

UMA CAPRICHOSA — A sua letra é muito interessante para um estudo grafológico, porque cada traço revela uma qualidade ou um defeito. É inteligente, compreensiva e ávida de aprender e de compreensão muito rápida. Nunca vê o mal e procura defender os culpados. É boa para todos, excepto para si própria, porque vive a sonhar, a fazer castelos no ar e quando acorda sente-se muito infeliz e desgostosa. É pena porque possui óptimas qualidades para ser feliz.

De uma semana para a outra

EM PORTUGAL—O Presidente da Republica visitou as Caldas da Rainha e inaugurou, na Foz do Arelho, uma colónia de férias da F. N. A. T. ✱ Em Lagos principiou o Congresso Gonçalino, no centenário de S. Gonçalo de Lagos.

NO ESTRANGEIRO—O Governo soviético decidiu retomar as experiências com armas nucleares. ✱ A Polícia descobriu um Governo provisório para a Argélia, instalado nas Baleares. ✱ No Brasil a situação continua confusa não estando esclarecida a posição dos ministros militares. ✱ Uma emenda constitucional, no Brasil, reduz os poderes do presidente. ✱ No Rio foi declarada a greve geral até que João Goulart tome posse.

EM PORTUGAL — No Funchal principiou o curso de férias da Universidade de Lisboa. ✱ Os nadadores japoneses exibiram-se em Algés, vencendo todas as provas.

NO ESTRANGEIRO — Londres e Washington propuseram a Moscovo um tratado para a b o l i ç ã o das experiências nucleares. ✱ No Brasil, os ministros militares retiraram a sua oposição á investidura de João Goulart, na presidência.

EM PORTUGAL — O Benfica venceu o Peñarol, de Montevideu, por 1-0, para a disputa da Taça «Intercontinental». ✱ Faleceu, com 67 anos, o almirante Alves Leite.

NO ESTRANGEIRO—João Goulart declarou aceitar o regime parlamentarista no Brasil. ✱ Carlos Lacerda declarou que continuaria no seu posto de governador do Guanabara. ✱ Em Edimburgo, o Belenenses empatou, por 3-3, com o Hibernian.

EM PORTUGAL—O ministro de Estado, dr. Corrêa de Oliveira, anunciou a constituição do Mercado Unico Português, a partir de 1962. ✱ Partiu para o Cairo o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira. Vai assistir á reunião da N. A. T. O. ✱ Na cerimónia de posse de funcionários, o director-geral da Aeronáutica Civil, anunciou importante remodelação nos serviços de Aviação.

NO ESTRANGEIRO—João Goulart chegou a Brasília para tomar posse de Presidência da Republica. ✱ Os Estados Unidos anunciam o recomeço das experiências atómicas. ✱ A Russia fez explodir uma terceira bomba nuclear.

EM PORTUGAL — Forças militares ocuparam em Angola, o Vale do Loge. ✱ A embaixada do Brasil celebrou o dia da Independência. ✱ O ministro das Corporações presidiu á cerimónia inaugural do XV Congresso Internacional do I. O. M. T. R.

NO ESTRANGEIRO—João Goulart assumiu a presidência da Republica do Brasil. ✱ Tancredo Neves foi nomeado primeiro-ministro do Brasil, continuando Afonso Arinos de Melo Franco como ministro dos Estrangeiros. ✱ Um acordo entre os Governos da França e dos Estados Unidos prevê o treino de forças francesas com armas atomicas. ✱ Kruchtchev concordou, em principio, com uma conferência de alto nivel.

EM PORTUGAL — O ministro e o subsecretário do Exército visitaram o Campo de Instrução de Santa Margarida. ✱ Comemorou-se o centenário de Tomás Bordalo Pinheiro.

NO ESTRANGEIRO — Os Ocidentais responderam á nota russa sobre os corredores aéreos de Berlim.

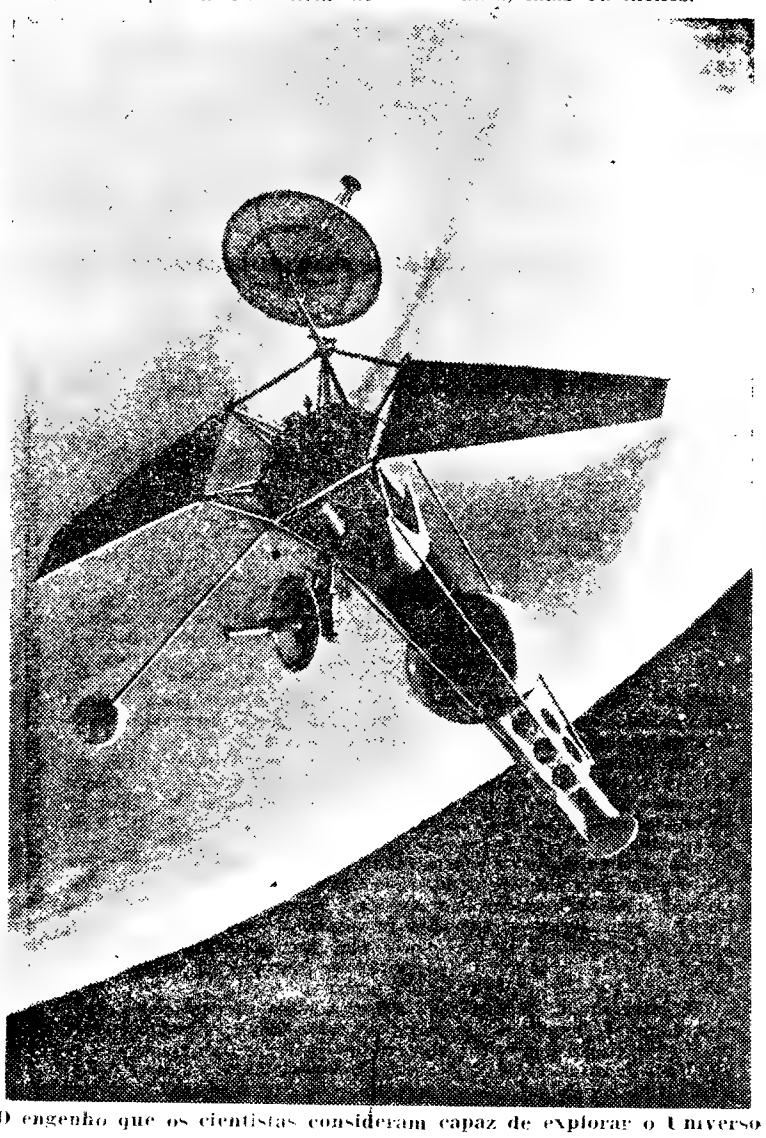
(Continuação da 1.ª página)

«interior» em referência ao nosso planeta, enquanto a de «Marte» e «exterior». Quando este planeta está mais próximo da Terra, encontra-se a 34 500 milhões de milhas. Para que um veículo espacial o alcance será necessário que possua um tremendo poder propulsor.

Por Vénus estar inteiramente envolvida em nuvens, o «Viajante» teria de utilizar o radar para o estudo da sua superfície. E espera-se que seja possível, finalmente, descobrir qual é a sua natureza. As observações já realizadas provaram a existência de água na atmosfera de Vénus, o que permite admitir que o planeta possui água, o que por sua vez, faz supor a existência de uma qualquer forma de vida nesse planeta.

Ao mesmo tempo, considera-se a possibilidade de fazer descer em Marte culturas de microorganismos e aparelhos para medir as transformações que porventura sofram. Também se tentaria deixar ali um sistema de televisão, que enviaria fotografias tomadas com microscópios sistema que trabalharia no sector ultravioleta e sectores seus vizinhos.

E' natural que o lançamento de veículos dirigidos para planetas se tenha de efectuar em datas determinadas, quando eles se encontram nas posições mais favoráveis em relação á Terra. No caso de Vénus, a posição favorável verifica-se em cada dezoito meses; para o caso de Marte, em cada dois anos, mais ou menos.



O engenho que os cientistas consideram capaz de explorar o Universo

(Continuação da 2.ª página)

«grande família dos investigadores da especialidade» discutiu os problemas e os mistérios das vitaminas, conjugando os seus esforços para esclarecer o segredo da vitamina B12 e determinar precisamente as suas propriedades e os seus efeitos. Pensam os cientistas que a investigação mais ampla e mais perfeita sobre a referida vitamina permitirá resolver complicados problemas biológicos, revestindo-se de importancia decisiva para a medicina prática.

O interesse excepcional do recente congresso de Hamburgo foi assinalado em todos os meios científicos, não só pelo valor dos trabalhos realizados, pela revelação de novas descobertas, mas também pela reconfortante certeza de que todos os homens, abatidas as barreiras que os separam, podem contribuir nas grandes tarefas da paz, pelos seus abnegados esforços e em íntima colaboração, para libertar a Humanidade de sofrimentos e torná-la mais feliz.

«A investigação, num regime de cooperação, da vitamina B12 por cientistas de vinte e cinco países de todo o Mundo — assinalou Monika Müller — é um exemplo das grandes possibilidades da cooperação internacional. Foi esse o sentido do discurso do senador hamburguês dr. Biermann-Ratjen ao saudar os cientistas na recepção na sede do Governo hamburguês: «Também para um leigo, a história da vitamina B12 é tão dramática e empolgante e demonstra tão claramente a utilidade de uma rede de cooperação internacional, que ninguém se poderá subtrair a este espectáculo impressionante».

DEUSES, TÚMULOS E SÁBIOS

por **C. W. Ceram**

A história apaixonante de uma velha civilização e das aventuras vividas pelos arqueólogos que procuram desvendá-la.

70$00 Ed. Vida e Cultura

OS BUDDENBROOK

por **Thomas Mann**

Apogeu e decadência de uma família que representa a burguesia germânica do seu tempo.

60$00 Col. Dois Mundos

Uma página inédita de memórias

★

Um artigo de

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Quando o soberano recebia os cumprimentos dos comandantes estrangeiros

É um episódio inédito que ocorreu há vinte e quatro anos, durante uma cerimónia sobre a qual se escreveram rios de tinta em todo o Mundo. Teve esse episódio apenas quatro testemunhas: o rei Jorge VI, da Grã-Bretanha, o seu Primeiro Lord do Almiranado, «sir» Samuel Hoare, o capitão-de-mar-e-guerra da Marinha portuguesa Francisco Luís Rebelo e o autor destas linhas. O próprio cenário onde o caso se desenrolou já desapareceu — o famoso iate real «Victoria and Albert».

Estavamos em Maio de 1937. Decorriam com particular luzimento as cerimónias da coroação de Jorge VI. Entre os numeros do vasto programa figurava uma grande revista naval, na baía de Spithead, entre a ilha de White e a costa Sul da Inglaterra, na qual o nosso País se fazia representar pelo aviso «Bartolomeu Dias», a bordo do qual me desloquei desde Lisboa, em serviço de reportagem para este mesmo jornal, onde então omiti, porque as conveniências talvez assim o aconselhassem, o episódio que venho revelar agora, vinte e quatro anos depois...

Fundeámos em Portsmouth a 10 de Maio, manhã cedo, no meio de um verdadeiro enxame de navios de muitas nações. Era um espectáculo surpreendente. A Inglaterra detinha então o título de primeira potência naval do Mundo e justificava-o plenamente. Só á sua parte, quer dentro da base quer nas águas vizinhas, apresentava mais de duas centenas de unidades. A França enviara o «Dunquerque», ainda quase por acabar; a Alemanha o «Graf Spee»; a Russia, o velho couraçado «Marat»; a Grécia, o cruzador «Averoff», cuja banda tocou o «Hino da Carta» á nossa passagem! Muitos outros países se fizeram representar, num mostruário de fardas e num vistoso matizado de bandeiras. Oito dias depois da nossa entrada em Portsmouth, largámos para ocupar o lugar que nos estava destinado na baía de Spithead, para efeitos da revista naval. Eram nossos vizinhos, pela popa do «Bartolomeu Dias», o contratorpedeiro romeno «Regina Maria», e pela proa, um obsoleto navio — a canhoneira «Cuba», á qual os cubanos «tratavam» por cruzador... nunca cheguei bem a saber porquê.

«Estou muito satisfeito...»

Na véspera da revista naval, Jorge VI chegou a Portsmouth e hospedou-se a bordo do «Victoria and Albert». Estávamos a 19. Era o dia em que o soberano receberia, no iate real, os cumprimentos dos almirantes e comandantes de todos os navios estrangeiros que tomariam parte na revista. Um numero restrito de jornalistas estrangeiros — grupo no qual fui incluido por amável intervenção do embaixador Armindo Monteiro — teve acesso ao «Victoria and Albert» para presenciar a cerimónia que precedia a revista naval a passar no dia seguinte pelo soberano recém-coroado. Na tolda refulgente de doirados do iate real, vivia-se o cenário dos grandes dias. O rei, fardado de almirante de esquadra (posto em que os galões chegam quase aos cotovelos...) envergava sobrecasaca e boné de capa branca. Junto do soberano, estava, irrepreensível na sua tradicional elegancia, «sir» Samuel Hoare, sobre cuja cabeça assentava um daqueles bonés dos clubes náuticos com vistoso emblema branco e vermelho. Um pouco á retaguarda, alinhava um luzido friso de ajudantes recamados de grossos cordões doirados. Ao portaló, um almirante recebia os seus camaradas estrangeiros, que iam chegando em gasolinas ostentando as bandeiras de dezoito nações. A oficialidade estrangeira agrupava-se a uns quinze metros do rei. Oficiais do protocolo empunhando listas com a antiguidade de cada um (tudo organizado metódicamente como não podia deixar de ser) estabeleciam a ordem pela qual se faria o desfile. Ás 11 horas em ponto, começaram os cumprimentos. Os jornalistas estrangeiros puderam aproximar-se então mais de Jorge VI, a ponto de lhes ser possível ouvir os diálogos entre o soberano e os seus visitantes, aliás diálogos muito breves.

Abriu o desfile o almirante francês, seguido pelos almirantes grego, soviético, japonês e sueco. Desfilaram depois os capitães-de-mar-e-guerra. Em quinto lugar, vinha o comandante do «Bartolomeu Dias», desempenado, esplendida figura de marinheiro e de «gentleman». Saudou militarmente o soberano, que lhe estendeu a mão enluvada.

«Sir» Samuel Hoare fez a apresentação:

— Captain Rebelo, of the portuguese sloop «Bartolmeu Dias»...

O rei, sorridente, principiou uma frase:

— I am very happy... — mas a voz prendeu-se-lhe. Para lhe poupar um esforço que se adivinhava, «sir» Samuel Hoare interveio dizendo em inglês: — «Sua Majestade está muito satisfeito com a presença de um navio de guerra português nas cerimónias da sua coroação e reconhece que essa presença é mais uma afirmação da secular aliança luso-britanica».

Outra continência, outro aperto de mão e o desfile prosseguiu.

Que se passara? Coisa muito simples. Jorge VI sofria, como se sabe, de gaguez, que o assaltava especialmente quando tinha de proferir frases curtas, permitindo-lhe ao contrário pronunciar longas mensagens pela Rádio ou no Parlamento sem a mínima interrupção. Foi uma dessas frases curtas que o impediu de dizer o que queria ao comandante português, cabendo ao Primeiro Lord do Almirantado concluir as palavras que sabia estarem perfeitamente no espírito do rei.

Não incluí então este episódio na minha reportagem para o «Diário de Lisboa» e compreende-se porquê. Jorge VI acabava de subir ao trono, era o chefe de uma nação tradicionalmente amiga de Portugal, embora através da História nem sempre nos tivesse compreendido. O episódio não ridicularizava o rei, até porque uma doença é sempre motivo de compaixão e de pesar. De resto, toda a Inglaterra sabia que o seu soberano sofria desse mal. Não constituia novidade dizê-lo nem tão-pouco diminuia a figura do respeitável cidadão revelar um episódio daquela natureza. Fosse como fosse, preferi não o fazer então e guardar-me para mais tarde. A oportunidade apresentou-se agora pára publicar esta página inédita de «Memórias»..

A continência ao rei pelo comandante do «Bartolomeu Dias»

Quando os cubanos jogavam às escondidas

Já que falei da revista naval da coroação, não quero deixar de referir aqui um outro episódio, este acentuadamente pitoresco e com a sua pontinha de ridículo, que também não foi contado nas reportagens de há vinte e quatro anos. Estamos em maré de coisas inéditas e assim lá vai mais esta para encerrar a croniqueta de hoje no *magazine* semanal do «Diário de Lisboa».

Este outro episódio conta-se em poucas palavras, mas tem a sua graça. Terminada a revista naval, quando anoiteceu, deu-se começo á fase nocturna das comemorações. Assim, o programa distribuido a todos os navios, estabelecia as horas a que as unidades, quer britanicas quer estrangeiras, deveriam cumprir os vários numeros previstos: ás tantas, iluminação em gala; dez minutos depois, apagar a iluminação e acender os projectores; mais dez minutos passados, todas as unidades ficariam totalmente ás escuras, enquanto de bordo de um certo numero de navios britanicos era lançado vistoso fogo de artifício; findo este, que teria meia hora de duração, repetia-se a anterior sequência de exercícios e pelos mesmos lapsos de tempo.

Ora bem, como disse atrás, um dos nossos vizinhos no fundeadouro de Spithead era o navio «Cuba» — uma canhoneira curta e feia, de grande pontal e alta chaminé, enfim um barco de guerra de outras eras. O oficial cubano encarregado da direcção dos exercícios, equivocou-se e quando as esquadras iluminaram em gala, transformando a baía numa deslumbrante moldura de filigranas, o «Cuba» limitou-se a acender um projector... Verificado o engano, quando mandaram apagar o facho e acender a iluminação de gala, tinham passado os dez minutos e observava-se precisamente o contrário em todos os navios... E assim andaram os cubanos a trocar ás voltas ao programa e a jogar ás escondidas com as outras unidades. Mas a bordo do «Cuba» havia excelente disposição e muita alegria. Na tolda, grupos de marinheiros tocavam em instrumentos de corda modinhas da América Central, que faziam chegar até ao «Bartolomeu Dias» o sabor aliciante e quente dos *cabarets* tropicais. Os ingleses, sempre formalistas e em cerimónias de coroação mais do que nunca, devem ter achado o «Cuba» um navio bastante *shocking*..., mas os nossos amigos cubanos, esses é que se divertiram como uns pretos, apesar de serem apenas ligeiramente trigueiros...

Foi inventado o "plástico *para todos os usos*"

A industria britanica de plásticos, em constante progresso inovador, adquiriu posição dominante não só no conjunto da produção mundial, mas, também, pela variedade dos seus produtos e pelas novidades que apresenta com as mais diversas aplicações.

Agora, por exemplo, foi lançado no mercado um novo material plástico, o «Vyon» ou «plástico para todos os usos», cuja característica principal é a porosidade que o torna permeável ao ar, aos líquidos, ao fumo e ao gás. Entre as inumeras vantagens que oferece, inclui-se a de ser, simultaneamente, leve, macio e robusto, com extraordinária resistência á tracção. Além disso, é inatacável pelos ácidos e pode ser soldado. Prátcio, de aplicação simplificada, muito económico, dado o preço pouco elevado, o seu emprego é também higiénico.

Fabricado á base do «polietileno», o grau de porosidade pode regular-se consoante as necessidades. Vende-se normalmente em folhas quadradas de 81 cm de largura e 1 a 5 mm de espessura. Obtém-se folhas maiores por meio de soldadura e fazem-se, igualmente, tubos de vário calibre.

Os técnicos que o submeteram a várias experiências, cujos excelentes resultados se confirmam na aplicação prática, consideram-no um material admirável, verdadeiramente ideal, para os diafrágmas electrolíticos e para guarnecer aparelhos pneumáticos. Serve, também, para aparelhos ortopédicos, com a grande vantagem sobre todos os outros materiais usados para tal fim de permitir a transpiração, quando aplicados esses aparelhos plásticos ao organismo.

A invenção do «plástico para todos os usos» veio solucionar uma série de problemas não só em vários ramos da industria, mas nas multiplas necessidades domésticas, tornando-se, pela sua fácil aplicação em infinidade de casos de imediata utilidade, num elemento valioso e indispensável para a simplificadora comodidade da vida moderna.

A concepção do amor na adolescência

por VLADIMIRO VILHENA (20 anos)

Muitas vezes nos encontramos perante pessoas que criticam ásperamente um rapaz ou uma rapariga por mudarem frequentemente de namoro.

Este ou esta são classificados como inconscientes, levianos, ou, até, estupidos.

Afigura-se-nos que este juizo não está certo, salvo nas excepções em que esta matéria é rica.

O adolescente tem uma concepção do amor que o leva a procurá-lo e não existe nesse facto, como muitos lhe atribuem, uma premeditada má intenção. Ele mudará sucessivamente de namoro até se fixar num, que será definitivo, embora não corresponda normalmente ao ideal por ele formado mas, nessa altura, o adolescente já é quase um adulto e o seu «processo» de escolha já será agora amparado por outras concepções.

A luta amorosa do adolescente será, assim, uma continua procura de realização, aliás quase sempre impossível, de uma imagem ideal dos seres, dos acontecimentos e do amor.

Falámos da concepção do amor na adolescência e talvez seja, por isso, oportuno debruçarmo-nos sobre o assunto e dizer alguma coisa sobre ele.

— Afinal, o que é o amor para o adolescente?

A resposta é dificílima, porquanto depende do local onde ele vive, do seu grau de educação, das pessoas com quem convive, e de muitos outros factores que fazem de cada adolescente um caso particular.

Na concepção do amor existem, contudo, alguns pontos comuns e é acerca deles que procuraremos dizer alguma coisa.

Com a chegada da puberdade a solicitação do sexo transforma-se, tornando-se mais violenta o que irá originar aquilo que parece ser um absurdo. O adolescente é constantemente chamado pelo sexo, mas ele de forma nenhuma o liga com o amor encarado psicológicamente. O jovem sonha com um amor ideal onde o sexo não tem lugar e uma vez que este constantemente o solicita gera-se nele uma revolta que o leva a considerar o sexo algo baixo e mesmo abjecto.

Um dos pontos comuns a todos os adolescentes é, portanto, a separação entre o amor puro e a solicitação sexual; o amor é, para o jovem, algo de um valor incalculável, mas cuja definição ele não encontra. Na sua visão ideal o jovem vê o objecto do seu amor aureolado de uma superioridade que é precisamente o que o atrai e embevece levando-o a duvidar se é, ou não, merecedor de virtudes e sentimentos tão profundos dos quais ele se sente indigno. Movido precisamente por esta duvida o jovem começa a mudar constantemente de namoro. Há, portanto, uma razão mais forte do que a simples leviandade ou a parvoice, para explicar o continuo saltitar amoroso dos adolescentes. Essa atitude corresponde neles a uma ansia de serem melhores e de procurarem o melhor embora a sua característica mentalidade os apresente aos olhos dos adultos pouco experientes como «coisas» que estão mal. Criticar sem benevolência estas atitudes dos jovens só pode contribuir para produzir uma revolta contra os adultos e, em especial, contra a família, pois esta, mercê da sua acção modeladora da liberdade juvenil, aparece sempre como uma ditadora, nem sempre justa, criando no jovem uma natural e, por vezes, violenta má vontade.

É absolutamente indispensável que o adulto procure encarar estes factos com certa naturalidade e se ponha ao lado do adolescente, procurando atribuir aos seus problemas o valor que ele próprio lhes dá. Caso contrário, a revolta duplicará e os resultados que daí podem advir são imprevisiveis...

Naturalmente por isso surgem hoje, neste capítulo das relações entre os jovens e a família graves problemas que preocupam profundamente os educadores — a revolta do adolescente contra a família é hoje um dos problemas mais delicados que têm de ser resolvidos em Portugal com a criação de instituições adequadas. Contudo, já que hoje sòmente nos propomos falar do sentido do amor na adolescência, deixaremos o caso em suspenso.

Os pontos que focámos, e muitos outros que deixámos em suspenso, processam-se ao longo de todo o período da adolescência, em média dos 14 aos 18 anos, mas são muito mais intensos nos primeiros anos que poderemos considerar como a primeira fase.

Mais tarde surge uma outra em que outros ideais se sobrepõem aos do primeiro período. Com efeito, o jovem começa agora a preocupar-se em encontrar um individuo do outro sexo que tenha ideais comuns e começam a aborrecê-lo as ideias de casamento, lar e família.

O desejo de casar e a consequente fundação de um lar e criação da família, surgirão com tanto maior intensidade quanto maior for a consciência do seu amor por um adolescente do sexo contrário.

A ideia do casamento poderá naturalmente surgir da imagem colhida num casal feliz, como de outros motivos da mesma natureza. Há que salientar, no entanto, que todo este feixe de ideias, desejos, ansiedades e incertezas, têm lugar apenas no íntimo do adolescente constituindo, portanto, um segredo que ele procurará por todos os meios não divulgar. Curiosas são as reacções do jovem quando o seu segredo é descoberto. Se tem a aprovação da pessoa ou pessoas que o descobrem todo-ele se ufanará pela escolha acertada. Se, pelo contrário, a escolha for reprovada por quem descobre o segredo, não causaria estranheza ler ou ouvir uma frase como esta: «Brincam com os meus sentimentos como crianças com os seus brinquedos».

Uma questão importante põe agora o jovem a si próprio:

— Serei eu correspondido no meu amor?

A incerteza apodera-se do adolescente que, com esse sentimento, sente um certo prazer, sofrendo sem nada fazer para o evitar, pois goza imenso com isso.

Este estado de espírito pode trazer, consoante os indivíduos, graves perigos, pois o jovem pode recorrer ao vinho e a processos semelhantes como maneira de esquecer ou, então, pode optar pelo suicídio, caso este bastante mais raro. Felizmente, casos desta envergadura são bem raros. Para outros, ainda, a solução do problema é procurada junto de um amigo intimo ou de um professor a quem os problemas são confiados.

Entretanto... o tempo passa, a crise atenua-se e entra-se então noutro período, onde menos dramáticos serão os problemas mentais que atormentam as consciências.

Não raro, com aquela incerteza surge um desinteresse pela pessoa amada, na qual, entretanto, se vão notando imperfeições. A superioridade que até aqui o jovem tinha visto no objecto do seu amor desaparece e o rompimento definitivo não se faz esperar.

Após este rompimento, logo o jovem recomeça a sua procura em busca de um novo objecto dos seus ideais e outro amor surgirá então. E é nesta procura da pessoa com a qual um dia fundará um lar que o jovem se irá naturalmente preparando para o casamento.

Diario de Lisbôa
JUVENIL
NÚMERO 228: 9 DE SETEMBRO DE 1958

O Teatro Moderno em Portugal (III)

Bernardo Santareno

Se é certo que muitas peças de teatro escritas em Portugal nas ultimas décadas não têm subido ao palco, mesmo assim algumas obras se têm imposto e chegado ao contacto com as tábuas e com o publico. É o caso de Bernardo Santareno, o autor moderno que maior audiência conseguiu entre nós, apesar de todas as barreiras opostas á dramaturgia e do facto de muitas das suas criações não terem chegado á ribalta, onde a obra de teatro se perfaz e se justifica.

Não passaram a prova da representação, em palcos profissionais, como bem teriam merecido, peças de João Gaspar Simões e de João Pedro de Andrade, estas ultimas sequer publicadas na totalidade. Outras, de carácter experimental, mas assinaláveis pela modernidade, são apenas conhecidas de meia duzia ou pouco mais de interessados espectadores de «élite». Quase todo o teatro de Fernando Amado se encontra nessa situação («O Iconoclasta», «O meu amigo Barros», «A Máscara», «O retrato de César», etc.). Só «A Caixa de Pandora» teve, no Teatro do Ginásio, mais larga comunicação com o publico.

António Pedro, como teatrólogo, fez representar pelo Teatro Experimental do Porto (que sob o seu impulso e talento de encenador, desempenha um importante papel de dignificação da pobre vida teatral portuguesa) uma «Antígona», inspirada na de Sófocles, que ao grito de revolta da heroina grega acrescenta certas duvidas e inquietações de cunho actual. O mesmo T. E. P. levou, há uns escassos dois anos, á cena uma peça de Armando Martins Janeiro — «Linda Inês», que se queria na linha das tentativas de recriação mítica de António Patrício, mas a que faltou a força dramática, o lirismo exasperado, a estuante beleza trágica e sensual dessas obras sem rigor cénico, mas admiráveis pela linguagem, como «D. João e a Máscara», «Pedro o Cru» ou «Dinis e Isabel».

De José Augusto França representou-se, em récita de amadores, uma curiosa peça experiencial — «Agazel» — obra ambígua e até irritante, mas curiosissima pelo timbre estilistico, pela ironia existencial em que se desenrola e se desfaz, sem acção coerente e vertebrada. Pelo mesmo caminho terá querido porventura enveredar um

(Continua na 3.ª página)

Termina a 15 do corrente o Concurso do Diário de Lisboa Juvenil

Continuam os amigos do «Juvenil» a endereçar-nos as suas produções para o Grande Concurso de Ensaios sobre Artes Plásticas e Literatura, que termina a 15 do corrente.

Resolvemos, como é já do vosso conhecimento, alargar o numero de prémios a seis, em vez de quatro — três em cada modalidade.

Recordamos, mais uma vez, que o temário é livre, que os trechos concorrentes não deverão exceder 8 folhas dactilografadas a dois espaços ou manuscritas em letra muito legivel. Insistimos ainda em que de cada ensaio nos sejam enviadas duas cópias, de modo a facilitar o trabalho dos juris, que, sob a presidência do sr. dr. Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa», são constituidos do seguinte modo:

Literatura — prof. Luís Filipe Lindley Cintra, drs. Álvaro Salema e Urbano Tavares Rodrigues; Artes Plásticas — José Julio Andrade dos Santos, Artur Portela Filho e José Estêvão Sasportes.

Como já se disse, serão sorteados pelos vencedores seis pinturas ou desenhos dos artistas António Ra-

(Continua na página seguinte)

Os meus preblemas...

PERGUNTA

Creio que isto acontece com muitos rapazes e raparigas. Muitos de nós que andamos a estudar arranjamos ás vezes amizades, e começamos a frequentar famílias, e recebemos convites para festas — tudo muito diferente do meio em que fomos criados, e dos hábitos dos nossos pais, que não sabem aconselhar-nos como devemos proceder para não fazermos má figura.

Isto ás vezes é um problema!

Uma das coisas que me ensinaram de pequeno, é que devemos ser pontuais. Mas já não sei é se, quando recebo um convite, devo apresentar-me á hora exacta, ou antes, e com que antecedência? Como em minha casa também não sabem explicar-me este pormenor, resolvi escrever-lhe. Se tiver paciência para estes «problemas» tenho muitos no género para lhe apresentar.

RESPOSTA

Evidentemente, tenho paciência, porque não? Pergunta tudo o que quiseres. Compreendo muito bem a importancia que estas pequenas coisas podem ter.

Antes de mais, vamos estabelecer uma regra geral: uma pessoa naturalmente delicada, mesmo que desconheça regras de etiqueta (tão variáveis!) não tem que ficar «aflita» quando surge uma situação que a obriga a determinada atitude de que não sabe qual deva ser. Faz naturalmente, aquilo que o seu coração (ou o raciocínio, conforme os casos) lhe aconselha.

Agora, o problema que me pões. Falas-me em pontualidade e em convite. Mas, convite para quê? Para casamento, conferência, jantar, que se realizam a uma hora exacta, ou, por exemplo, para uma reunião que tem lugar de tal a tal hora?

Para casamento ou conferência, deve chegar-se dez a quinze minutos antes, para que, á hora indicada, cada qual esteja acomodado no lugar que lhe compete, sem incomodar as outras pessoas.

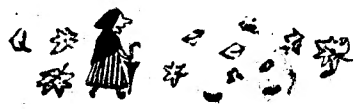
Tratando-se de jantar, deve-se chegar á hora exacta ou cinco minutos antes, pois nada é mais desagradável do que chegar quando a dona da casa ainda está ocupada com os preparativos da ultima hora.

Quando o convite é para uma reunião das tantas ás tantas, deve chegar-se dentro dessas horas marcadas, antes sobre o cedo do que sobre o tarde.

Chegam-te, por hoje, estas indicações?

CARLOS FILIPE—Lamento o que me dizes. Embora nada possa prometer-te, vou ver o que é possível fazer para a tua admissão na escola que dizes, se é que as tuas habilitações e a tua idade ainda permitem que sejas admitido. Tenho o maior empenho em te ser agradável, e peço-te que não desanimes, seja qual for o resultado das nossas diligências. A vida é uma grande luta, por vezes muito dura, mas nunca devemos desanimar, pois quando menos se espera tudo pode modificar-se. Até breve.

TIAO



O concurso do Juvenil

(Continuação da página anterior)

mos, Figueiredo Sobral, Guilherme Casquilho, Martins Correia, Nuno de Sampaio e Paulo Guilherme.

Os restantes prémios, que constam de valiosos lotes de livros, são os seguintes.

Prémios de Artes Plásticas:

1.º PRÉMIO—Da Editora Livros do Brasil:

«Vida de Miguel Angelo», de Giovanni Papini; «Florença, cidade de pintores», de Piero Bergellini (obra valiosamente ilustrada); «As vozes do silêncio», de André Malraux (dois volumes); «Goya», de Antonina Valentin; e «Picasso», de Antonina Valentin.

2.º PRÉMIO—Da Editora Livros do Brasil:

«Oreco», de Antonina Valentin; «Leonardo da Vinci», de Antonina Valentin; «Arte e Mito», de E. Grassi; «Picasso», de Antonina Valentin; «A Revolução da Arte Moderna», de Hans Sedlmayer; e «Documentos para a compreensão da pintura moderna», de Walter Hess.

3.º PRÉMIO — Da Livraria Bertrand:

«Giotto», «Rembrandt» e «Van Gogh», da Colecção «Arte e Artistas»; «No Cavalo de Pau com Sancho Pança», de Aquilino Ribeiro; «A Gata e a Fábula», de Fernanda Botelho; e «Os Insubmissos», de Urbano Tavares Rodrigues.

Prémios de Literatura:

1.º PRÉMIO — Da Editora Arcádia:

«A maravilhosa viagem», de Castro Soromenho»; «Reflexões de um cineasta», de S. Eisenstein; «Guia do auditor de musica», de Rostand e Chantavoine; «A dança e o ballet», de Tomás Ribas; «Panorama do Teatro moderno», de Redondo Junior; «História das teorias do cinema», de Guido Aristaco; «A sociedade e o crime», de Luís de Carvalho Oliveira; «Interpretações literárias», por João Gaspar Simões; «Eça de Queiroz», por João Gaspar Simões.

2.º PRÉMIO — Da Editora Europa-América:

«As maravilhas do cinema», de Georges Sodoul; «O medo e os conflitos emocionais no mundo moderno», de Peter Fletcher; «Mais brilhante que mil sóis», de Jungk; «Terra de Nod», de Judith Navarro; «Uma família de Atenas», de André Kedros; e «A morte é o meu ofício», de Robert Merle.

3.º PRÉMIO — Da Editora Minotauro:

«Razão e contra-razão do nosso tempo», de Karl Jaspers; «Diálogos sobre musica», de Furtwangler; «Teatro de Ionesco»; «O tempo e a ira», de John Osborne, e «Justiça Facial», de Hatley.

4 poemas dum diário

1

Não sei se me esqueceste
se me lembras
Eu lembro-me
mas Tu
talvez só lembres
Alguém
que eu lembro sem sentir

2

Meu Poema
é vário e intermitente
ao que Eu sou
e Tu és
Não corresponde ao Ser
pois é sómente
do meu amor
o corpo vivo a Ser

3

Hoje sou um diferente
nem triste nem contente
sou um Eu
insensível
como Tu
sou Alguém
que pediu socorro
e não lho deram
e viveu
uma Morte
na vida que abortaste

4

o AMOR que construimos
— éramos alicerces —
ruiu
e o Arquitecto
Esse
sem o ser
foi Criminoso

ALBERTO COSTA

CADA QUAL SABE O QUE SABE

Soluções do 47.º concurso

HISTÓRIA

1 — A Alemanha, que desencadeou a 2.ª guerra mundial, foi derrotada pelos Exércitos das nações aliadas — Russia, Estados Unidos da América, Inglaterra e todos os homens que em França seguiram a política do general de Gaulle. Os representantes dos países que derrotaram a Alemanha reuniram-se em Potsdam e concordaram em dividir a Alemanha em duas zonas de ocupação: a Ocidental, que está sob o domínio das tropas dos aliados do Ocidente, e a Oriental, que é ocupada pelo Exército russo.

A cidade de Berlim, capital da Alemanha, ficou, pela sua situação, na porção de território dominada pelos Russos, mas um acordo entre estes e os aliados ocidentais estabeleceu que a mesma cidade, símbolo do país derrotado, seja guardada militarmente pelas forças dos 4 países vencedores. Daí as quatro zonas de ocupação de Berlim: americana, francesa, inglesa e russa.

2 — Antes de eclodir a 2.ª grande guerra, a Austria é incorporada á força no Reich alemão. Por razões idênticas ás que atrás deixámos explicadas para o caso de Berlim, Viena também foi dividida em 4 zonas de ocupação das forças armadas dos países vencedores. Felizmente Viena já voltou para a Austria.

ARTE E LITERATURA

1 — As principais obras de Thomas Mann, Prémio Nobel da Literatura, em 1929, são: «Os Buddenbrooks» (1901); «Tonio Kröger» (1902); «Sua Alteza Real» (1909); «A Morte em Veneza» (1913); «A Montanha Mágica» (1924); «Doutor Fausto» (1947); «O Eleitor» (1951); «O Cisne Negro» (1953); «As confissões de Félix Krull, cavaleiro de industria» (inc.).

2 — E' o livro «As confissões de Félix Krull, cavaleiro de industria» (incompleto) — 1954 — que se passa em Lisboa.

CIENCIA E TECNICA

1 — Alexandre Gustavo Eiffel — engenheiro francês, nascido em Dijon e falecido em Paris (1832-1923), edificou no Champs de Mars, em Paris, a famosa torre que tem o seu nome. Dirigiu a construção da ponte de D. Maria Pia, sobre o Douro, no Porto.

2 — Fernando de Lesseps, diplomata francês, nascido em Versalhes. Deve-se-lhe a abertura do canal do Suez (1869). Realizado este grande empreendimento, tentou levar a efeito a abertura do Canal do Panamá, mas a tentativa, mal estudada, sofreu completo revés e causou perdas colossais. Foi membro da Academia Francesa e morreu em 1894.

48.º concurso

HISTÓRIA

1 — O que foi a guerra franco-prussiana?

2 — Quantas vezes foi a Polónia partilhada por potências estrangeiras?

ARTE E LITERATURA

1 — Quem é o autor da ópera «O cavaleiro da Rosa».

2 — Quais as principais peças de Schiller?

3 — Quem pintou o quadro «As tentações de Santo Antão», existente no Museu de Arte Antiga?

CIENCIA E TECNICA

1 — O que é um reostato?

2 — Quem foi Marconi?

PRECISO DE LUTAR

Preciso de lutar
contra o vento
que me varre.

Preciso de lutar
contra os olhos
que me esfarrapam.

Preciso de lutar
contra as minhas mãos
que me esbofeteiam.

Preciso de lutar
contra mim,
contra a multidão
que avança
para a amargura
que me arrasta
para a solidão
do desespero.

EILIPE ORTA (16 anos)

Premiados e premios do 47.º concurso

HISTORIA

Mário de Almeida Beato (Figueira da Foz) — «Deuses, Tumulos e Sábios» (Livros do Brasil).

ARTE E LITERATURA

Manuel José Vittorio (Figueira da Foz) — «Os Buddenbrooks» (Livros do Brasil).

CIENCIA E TECNICA

Jerónimo Calais (Lisboa) — «A Matemática dos Jogos» — 2 vol. — (Europa-América).

Emília Bernardes Costa (Leiria) — «Etapas da Matemática» e «As Geometrias» (Europa-América).

José Meirelles (Lisboa) — «O Sangue» e «Electricidade e Electrónica» (Europa-América).

O Teatro Moderno em Portugal

(Continuação da 1.ª página)

jovem dramaturgo, mais perto do «non sens» do que da ética existencialista, mas ambicionando o difuso, a dubiedade, mesmo á custa da significação: Jaime Salazar Sampaio, autor de «O pescador á linha».

Bernardo Santareno, que foi considerado, pelo ímpeto telurico excepcional da sua obra e pela sua violência poética, como um Lorca português, ao aparecer a sua primeira peça, «A Promessa» (representada, infelizmente, por pouco tempo), trouxe para a cena portuguesa um povo de pescadores, em toda a sua autenticidade e com a sua exacta linguagem com uma temática rica e fascinadora, em que a ansia da pureza, do absoluto, e a força do instinto, rondando a morte redentora, se entrechocam num alucinante dramatismo. São exemplo dessa sua tendência «A Promessa» e «O Lugre», obras que têm a sua réplica narrativa numa experiência biográfica de excelente qualidade. Poeta lírico, que, como tal, nos deu «Os olhos da víbora» e «A morte na raiz», Santareno, põe em conflito problemas da religiosidade e da sublimação erótica em «A Excomungada», como em «Os anjos e o sangue». O entrechoque dos meios sociais e a metafísica do nada, por oposição á conquista da luz ou do bem, aparecem-nos agudamente nesta sua ultima peça, escrita para a TV, onde os anjos são, nalguns exemplos, os que trilham precisamente a rota do mal, mas com aquela paixão que os «distraídos» do sentido da ida não experimentam (aqui se pode pensar em Jean Genêt e no significado da sua obra-.

De entre as peças de Santareno, algumas estão ainda inéditas, como «O Duelo» e «O Pecado de João Afonso». Outras, entre elas «O Bailarino» e «O Édipo de Alfama», não puderam subir á cena.

Entre os mais jovens dramaturgos há que citar ainda Isabel da Nóbrega, cujo «Filho Pródigo» foi representado no Teatro Nacional; Augusto Sobral autor de «O Consultório», peça num acto, também já representada, que entrelaça os mundos da razão e da demência, mostrando quão tenues são as pretensas fronteiras; Teresa Rita, figura proeminente de uma maneira realista muito válida quando renovada com a arte e originalidade que ela sabe insuflar-lhe, como em «Uma consciência em paz» ou «Três fósforos» e «Carruagem particular»; e entre outros, como grande revelação premiada pela Sociedade Portuguesa de Escritores, Fiama Maser Pais Brandão, autora de «O Cais», «A Casa», «O Museu» e «Os chapeus de chuva», etc., obras onde se afirmam uma rara plasticidade de linguagem e uma percepção particularmente rica do teatro como arte de plasticipação e de exemplaridade.

Mas o assunto não fica esgotado. Nomes, haveria ainda outros a citar, entre eles o de José Cardoso Pires, que escreveu para publicação uma assombrosa peça «O render do heroi», que nada prova ser irrepresentável, e tantos mais. Simplesmente, a crónica vai longa e damos a palavra aos «amigos» do «Juvenil». Já não é sem tempo. Cá vos esperamos.

Conversa da semana

ADOLFO DA CUNHA LOPES — O seu texto «Insónia» deixou-nos na maior perplexidade e confesso-lhe sinceramente que me parece quase impossível ser ele escrito por um rapazinho de 13 anos. De toda a maneira, achando que seria indigno de si havê-lo plagiado, ei-lo publicado. Agora, gostaríamos de falar consigo de viva voz. Porque não passa um dia cá pela redacção? E' claro que, se de facto nada copiou e ninguém o ajudou, o seu conto revela um talento excepcional em tão verdes anos.

FILIPE ORTA — Este seu poema que hoje publicamos parece-me dos que melhor traduzem a sua natureza inquieta e rebelde, cheia de seiva. E', por outro lado, também dos mais realizados artisticamente.

ARMANDO MANUEL MOURA DE OLIVEIRA — Fiéis ao principio de que nem só as melhores produções dos nossos amigos devem ser publicadas, mas ainda aquelas que, sem atingirem um nivel artistico francamente bom, denunciam reais qualidades, damos á estampa o seu poema «Crespusculo com luar», que peca por ingenuidade e lugares comuns verbais do ultra-romantismo, assim como por falta manifesta de ritmo, mas que, ao mesmo tempo, revela uma organização poética singular em metáforas como «o cantico do cipreste que nos acorda» ou o lindo verso — embora metricamente errado — «silêncio de espelhos onde me estendo». Uma observação, acerca de ritmo: combinam-se quase sempre mal versos pares com versos ímpares. De toda a maneira, gostei do poema.

ARTUR MONTEIRO — A sua reacção ao filme «As aventuras de Huekleberry Finn» é demasiado impressionista, sem estrutura crítica, pelo que aguardamos nova produção sua, que temos todo o desejo de publicar. Esta não atinge a craveira necessária.

JOSE MANUEL DE MELO VAZ — Esta sua condensação, que nos mandou, de um livro de Henry Scott, é o melhor dos seus trechos que até agora tivemos ocasião de julgar. O estilo, longe de mostrar incapacidade, apresenta-se ágil e, por vezes, gracioso. Mas porque não colabora antes com uma produção mais sua do que um mero exercício de redacção? O que nos interessa fundamentalmente é estimular a originalidade, provocar a reacção pessoal e contribuir para o convivio espiritual dos jovens, através da critica, do depoimento, da obra de criação. Concorda? Certamente que sim.

ALBERTO COSTA — O seu poema quádruplo é, embora sem grande força comunicativa, ágil, habilidoso e conseguido como exercício artistico literário-visual. O segundo, entretanto, para mim o melhor, tem valor de surpresa, encanto enigmático e mais do que arte versificatória e estilistica.

CARLOS DE SOUSA MIGUEL — O seu conto «O velho e o cão» esta longe da maturidade desejável, mas apresenta vigor, com bondade de desenxovalhada e espirito de justiça, que não faz mal a um aprendiz de escritor, e certo poder de observação do real. Gostaria de que escrevesse, no entanto, com mais personalidade, de uma forma mais sua. Isso virá, de resto, com o tempo. Assim o espero.

COMPANHEIRO

Conto da Semana

por

Torguinha (18 anos)

O derradeiro sábado de Julho foi de derreter os untos: no ar andava uma sensação de borralho. Arnaldo vinha assado de suportar o sol em incêndio e parou quando a meio da serra notou água. Era apenas um fio, que só por milagre resistia á ardência dos ceus, arrastando-se como um sapo espaneado, ás cabeçadas nos rochedos. O rapaz examinou onde poderia beber sem engolir terra e seguiu a cobra sem olhos, até mais abaixo, onde caía de alto. Bebeu. Estava quente que nem caldo. Mas bebeu, porque ouvira dizer que a quente mata mais a sede do que a fria. A seguir, sentou-se á sombra duma pala. A terra pelava. Levantou-se. Tirou o chapéu de palha. As lágrimas de suor escorriam-lhe pelas têmporas e dependuravam-se na barbela. A seu lado, o fio cacarejava na terra seca e arreganhada. Era uma musica monótona, árabe, semelhante ao cantar longínquo duma velha sem dentes, sem filhos, sem sonhos virginais a desfazer. Passou o lenço tabaqueiro na testa, correu a cabeça, torneou todo o pescoço a chupar aquela água suja... e... continuou a levantar pó... E a pôr em sobressalto os lagartos em banhos de sol. — «Santo Deus! Hoje a tona da terra não está p'ra gente!...». E não. Desde a Ermida que era um atravessar de Inferno. E lá no sopé, a veiga de Vilar era o fundo da bacia de montanhas, com um risco no ventre onde corria o rio a serpejar e a redobrar-lhe a sede.

O lugar dispunha-se em anfiteatro sobre ela — e ele era um enxame de casas coladas, com oliveiras bochechudas a crivar o sol e latadas empanadas de verdor a bebê-lo sentidamente. Mas ainda não distinguia o que eu chamo um cubo branco com dois olhos rectangulares: a casa de Elisa. E enquanto esquecia um córrego e outro, resolveu esquecer os que faltavam. Tentou recordar-se das anedotas e garotices da tropa: mas veio-lhe á ideia o fio de água. Deu-lhe um safanão. E elas, tiradas a ferros, lá vieram fazê-lo rir para as botas que de lá trouxe, e o granito acocorado ás bordas do carreiro. Depois, o fio de água conseguiu entrada dentro do chapéu. E desta vez, esquecido de que queria rir, Arnaldo deixou regar os miolos ao som do canto monótono, árabe. A sua inteligência de terra e badaladas de sino ainda era capaz de arrancar dali uma lição. Aquele fio de água, sapo espancado serpenteia por aqui, por ali, conseguia caminho... E até cantava ao ver-se livre... Caindo de alto...

— «E água mole em pedra dura,
tanto dá que até que fura»

acentuou o Arnaldo.

Pois. Ele também encontraria cancelas no caminho...

(Constava-lhe que a moça foi vista com outro...). Mas, ao fim e ao cabo, havia de ser bem dado mais a Elisa, se chegassem a casar... E até cantaría de alto!...

Então? O pai dela era o segundo lavrador da freguesia: tinha dezoito cabeças de gado!... O dele tinha menos... Mas tinha!... E ela era morgada!... E «a mais linda das redondezas» — dizia-lhe, aos domingos. Que era só aos domingos e dias santos, desde que veio de Infantaria 8 de Braga, que ele namorava. Conheceram-se na Romaria de Agosto de S. Bentinho da Porta Aberta. Nos primeiros tempos a conversa foi á distancia: passava um carro de bois no meio deles. Mas, um domingo, o Arnaldo tocou-lhe nos seios, mesmo de longe, com a ponta da varinha de oliveira, que trazia sempre... E foram-se aproximando... No entanto, fazia próximo um mês que não gozava dois dedos de paleio salgado-insosso, porque o pai *teve ir levar*, a toda a pressa, facadas legais até ás tripas.

Enquelhamento. Desta vez nem as *labages* nem as ervas mercuriais lhe valeram. Mesmo ele já sofria há muito dos intestinos. A's vezes passava uma semana sem obrar, e, quando o fazia, as fezes saíam duras como balas de pau. E no tempo de falta do velhote, o Arnaldo não esteve com ela: viu-se numa fona para dar vazão ás regas, ao centeio emolhado, e ao *sacho* atrasado com a doença. Mas lá se aviou com a graça de Deus, e sempre aos saltos, fincado na enxada, que ele, na tropa, avançara *pelintros* que nem um canguru!

Hoje ia ajudá-los no centeio.

— «Deve andar aí por carro e meio...» — avaliou o Arnaldo, a noite passada, ao vir soltar a poça do Lugar.

— «O meu pai vendeu-a barata.» — também foi o parecer do Arnaldo. E referia-se á toura pisca que tinham comprado na Feira da Ladra, e que agora rendiam, por causa da operação, ao pai de Elisa.

— «Tudo são preparos...» — concluiu, pouco depois, ao som da enxada na poça: tchap!... tchap!... tchap!...

E quando relembrava ao sol muitos destes períodos, entrou num caminho preso entre dois muros e com rodeiras de carro desenhadas de fresco. Apareciam os primeiros campos. Calculou num quilómetro a distancia até casa do... «sogro». Sorriu. Adiante, um caudal de água precipitava-se de um muro, cortava o caminho em correria e sumia-se sob o outro. Ao dar com ele, no seu rosto acentuou-se a impressão de esponja pruriginosa em cair num lavatório cheio de água. Quase correu. Os olhos abençoaram aquele caudal num gesto rítmico, majestoso como o bambolear de um andor em procissão. Ao alcançá-lo, parou a apertar os cordões das botas. As cuspidelas pelo rosto davam-lhe um prazer animal.

Após, levantou-se; colocou as mãos em malga, e bebeu, bebeu como um boi no fim duma carreta pesada... dolorosa... de léguas...

— «Ahf!».... E nesta interjeição, Arnaldo resumiu todo o prazer duma noite de casamento, que faz muitos escritores escrever cem páginas.

Já em caminho, a Elisa, que entrou também na delícia dos sorvos, estampou-se-lhe mais vivamente no mento:

— «E' uma prenda de rapariga!... Até o meu pai diz que é a melhor fazenda da freguesia...».

E aqui, Arnaldo, como se estivesse a falar com outro dentro de si, respondeu-lhe como quem mete o ultimo fueiro no carro: — «Não! *Num* posso perder aquilo...».

E, então, roeu o lenço ensopado de suor e ensopado no poente, que vinha de limpar as gotas do corpo e as irmãs das que meteu no corpo.

— «Salve-o Deus». Arnaldo endireitou-se na direcção da voz.

— «?!... An!... Boa tarde, *sora* Alzira!».

— «*Atão*, há mais dum mês qu'aqui *num passas?* Vais *té* á Elisa?».

— «Não. Vou ajudar lá *ó* centeio».

— «Pois sim! mas tem *côtela* (1)... Ide-vos juntar ambos...».

— «Como?», — interrogou o Arnaldo com o muro pela maçã do pescoço.

— «Ides-vos juntar ambos!», — insistiu a velha, com dois pelicanos grandes a tentar um ladrão, alta, mirrada como um pinheiro seco de há dois anos.

O rapaz percebeu o mesmo; mas fingiu: — «Ah!...» — e abanou a cabeça como senhor da frase.

A velha Alzira adivinhou: — «*O' hóme* — e devastava, arrancando um milheiro... Outro... E continuando:

— *Atão, num* deitas conta á tua vida?... Consta-me... Qu'anda p'ra *i* outro a *xeirscar a Elisa*... — e esperou uma reacção... — continuando: — e qu'a mãe dela o gaba muito!...».

Isto foi uma faca no Arnaldo. O estupor da velha quase fazia um sermão só a dizer a notícia. E para si disse:

— «Sempre é verdade!...».

Mas, para ela, retorquiu:

— Agora, *sora* Alzira... São boatos!...».

— «*Seron*. Vós lá sabeis... Mas olha qu'ele hoje 'stá lá...».

Arnaldo desviou os olhos da velha e atirou-os por si abaixo. Depois riposto para não dar parte de fraco:

— «Ninguém *le* tem medo!».

Velha Alzira ouviu-o com atenção e pareceu não gostar da resposta. Virou-se e recomeçou a devastar.

— «Adeus, *sora* Alzira!». E apenas o ressoar do caudal respondeu.

A seguir o seu destino e a olhar a biqueira das botas, Arnaldo parecia confundido: — «Rais parta!...». E benzeu-se com uma cruz grande: — «Em nome do Pai, e do Filho, e do 'Sprito Santo! Que hão-de *ap'racer* sempre *'spritos malinos* p'ra perder as almas... Que tem esse cabeçudo a 'star lá hoje?!...». E até casa de Elisa, a alma dele encheu-se de nevoeiro que o não deixava pensar, nem saía. Só quando bateu ao portal, ele parecia querer arrumar.

— «Só cá faltavas tu!...» — gracejou uma voz de rapariga.

— «Eh, povo!... Toca a desatar e a 'stender!...» — incitava o pai de Elisa.

— «Parece que estais cansadas, moças... Está a começar!» — detonava o Tone Zé, festeiro do ano na festa do Senhor da Saude.

— «Olá, Naldo!... *Atão*, o pai?» — quis saber o pai de Elisa, Augusto Laje.

— «Lá vai indo... Obrigado!... Parece qu'agora que quer encarreirar...».

O Augusto Laje cortou logo:

— «Poisé o que se desejá, *hóme!...*».

— «Obrigado!...» — volveu Arnaldo separando-se do... «sogro»... que foi até á eira, quase coberta de centeio, dar umas ordens. Arnaldo ficou a olhar por momentos a água da fonte a cantarolar no tanque, e contou dez malhos encostados ao canastro, á espera de broar, e que pareciam respirar fundo. E foi beber uma pinga *para animar* — disse-lhe a Elisa.

Fazia menos calor que na serra; e, contudo, os pilares e ferros da ramada queimavam. Arnaldo o verificou ao dirigir-se para a adega.

— «Já soube qu'anda p'ra *i* um bruto!...» — inquiriu ele ao esvaziar a malga. A Elisa ria-se. Achou graça ao *bruto*.

— «*Num* sabes o qu'aqui tem sido... A minha mãe que tem de ser aquele e tem de ser aquele... — e aconselhou-o: — vamos qu'ela é capaz de desconfiar. Já fora da porta: — aqui há tempo *num* há quem a perceba... Eu calo-me... Mas, se *num m'ingano*, foi essa bruxa da Alzira que lhe meteu a mania...».

— «Essa *c'ruja* (2) *inda* agora 'steve comigo... Deixa lá, Lisa... O qu'importa é que tu *num* o queiras!...».

— «Eu?... e riu-se. — Eu *num* o qu'ria nem qu'ele tivesse rios d'ouro... E' um protista... Um defambido... Olha só p'ra ele... Parece que caiu *nua talha* d'azeite...» e ria-se. Junto ao espigueiro, o da *talha d'azeite* examinava os malhos.

— «E esse cu de frango *tamen* sabe puxar p'lo malho?».

Elisa ria-se. Achou graça ao *cu de frango*...

— «Não!... Ai! Ele veio de Lisboa... Está habituado á boa vida!...».

— «E que vem ele aqui fazer?».

— «Sei lá. E' tolo. Se calhar julga qu'eu *le ligo*... Eu até estou aqui p'ra *le* fazer *á raiva!...*».

— «Do qu'ele precisava *sabió* eu!...» — avisou o Arnaldo a coçar uma perna na outra.

— «Bá... Olha lá se vai fazer vergonhas!...». E, enquanto se dirigia para a cozinha, a moça despendeu três palavras para si: — «Só essa faltava!...»

E ia começar a malhada.

Dez homens em mangas de camisa tomaram os malhos. Dentro em nada, ecoariam até á serra do Formigueiro e ao *Calamouço* (3). O mais afamado malhor era o Vista, que ocupava sempre o lugar do meio, por ser o de maior ciência. (Ao do meio tocava fechar o som acanhoado do grupo). Dispostos na eira cinco dum lado, cinco do outro, os dum grupo bateram simultaneamente os malhos... E os do outro seguiram-nos logo. Só se dá tempo duns erguer — e logo os outros batem. Mas, desta vez, os malhos encastalharam-se.

— «Bá!... A ver se cai certo!» — incitava o Vista. E logo:

— Trom!... Trom!-trom!...

— «Outra vez!...» — comandava o Vista. E berrava: — «Bá!...». E logo:

— Trom!... Trom!-trom!...

— «E's tu, Palheiras! — numerava o Vista.

— «O' nós abaixarmos, abaixa-te p'ra baixo!» — regulava o Tone Zé.

— Erguei-vos vós p'ra cima!» — ripostava o Palheiras na sua conhecida voz aflautada.

— Gaita, Palheiras! — exclamava o Vista. Já quando *lobabamos* (4) o gado *ó* monte *mandabamos* (5) levar o gado p'ra onde andava o nosso e *mandabas* levar o nosso p'ra onde andava o teu... — e o Vista concluia: Assim ninguém *s'intende*...».

Os oito restantes e o da *talha d'azeite*, que estava debaixo do sequeiro, riam do episódio.

De novo o Vista: — «Mas... Bá!... Outra vez!... Certos!...». E daí a pouco:

— Trom!... Trom-trom!...

— «Gaita!...» — desanimava o Vista. Os homens entreolharam-se.

— «Bá!... Outra vez...» — desanuviava o Augusto Laje.

— «Bá!...»—gritaram todos. E logo:

— Trom!... Trom!...

— «Ah!...» — e todos aliviaram. Riam.

— «Sempre foi. 'Stava a ver a coisa mal parada...» — desabafou o Vista, prosseguindo: — e, ó Laje, manda vir o raio duma pinga, qu'é p'rá gente ver s'anima...». Riram.

— «Moça!... O' Elisa!...» — gritou o Augusto Laje para se ouvir em casa.

— «Estes diabos *num* sei *p'ronde* se metem!...» — murmurou depois.

— «Continuamos! Continuamos!» — resolveu o Vista.

— «Naldo — chamou o Laje — vai lá ver se as encontras».

O recém-tropa bateu em casa, nada. Foi á adega, e já Elisa ia a entrar com a chave a tamborilar na infusa.

— «Olha — ordenou ela — desce as 'scadas e tira tu o vinho do casco... — e já a entrar no palheiro: — E' o que tem torneira... *Qu'inquanto* eu vou *ó* feno *p'ró* gado».

Arnaldo sorriu-lhe. Ela sorriu. Ele tomou a caneca, desceu as escadas e pôs o casco a urinar.

Deu duas voltas na adega; bateu um pá na terreira. Quase partiu o alguidar de aparar pingas. Mal se via. Estava impaciente. O glouglou do vinho a cair na infusa parecia-lhe eterno. Mas daí a pouco... Je-ee-e-e... E até que enfim que encheu! Amarrou na caneca e subiu as escadas de granito vagarosamente. Dentro do palheiro, Elisa puxava feno. Arnaldo olhou-a uns segundos. Aproximou-se.

— «Sabes... — ponderou o Arnaldo — notei qu'o teu pai *num* me quer mal. Podia mandar vir cá o *prosista*, que *num* 'stava a fazer nada... Mas mandou-me a mim!...».

— «Pois é... — e puxava mais feno do montão comprimido pelas dornas. A minha-mãe é que se *le* meteu aquela mania...».

— «E tu gostas de mim?» — rebentou ele atabalhoadamente.

Elisa, que lhe respondia de costas voltadas desprendendo feno sempre, não retorquiu. E ele também não queria resposta, nem falar mais.

Lesto avançou, e encostou a porta.

Ao ver-se presa, Elisa não tentou libertar-se: consentiu enquanto o aperto não chegou á alma.

— «Larga-me, Naldo!...».

Elisa escapuliu-se por instantes e chegou a deitar a mão á porta, mas Arnaldo lançou-lhe os braços morenos. Ela deu uma reviravolta e enfrentou-o. Conseguiu desenlaçar um braço.

— «Ah! Tolo!... Vais ver o qu'isto vai dar!...». O trom dos malhos ensurdecia tudo. E o Arnaldo, a rir-se:

— «E's a minha mulher, Elisa... Imos ser os mais felizes destas redondezas...».

---

(1) *Côtela ou cautela.*
(2) *Coruja.*
(3) *O termo puro é: Calaboiço; no entanto, a população local denomina esse aglomerado de penedos-acrobatas de «Calamouce».*
(4) *Levávamos.*
(5) *Mandávamos.*